



Programa de Pós-Graduação
em Comunicação
e Territorialidades - UFES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES

ALICE BARCELLOS

**ENQUADRAMENTO NOTICIOSO: AS JUVENTUDES NOS
TELEJORNAIS DA GRANDE VITÓRIA**

**Vitória
2020**



Programa de Pós-Graduação
em Comunicação
e Territorialidades - UFES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES

ALICE BARCELLOS

**ENQUADRAMENTO NOTICIOSO: AS JUVENTUDES NOS
TELEJORNAIS DA GRANDE VITÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação e Territorialidades da Universidade
Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Edgard Rebouças.

**Vitória
2020**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

B242e Barcellos, Alice, 1995-
Enquadramento noticioso: as juventudes nos telejornais da
Grande Vitória / Alice Barcellos. - 2020.
185 f. : il.

Orientador: José Edgard Rebouças.
Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Jornalismo. 2. Telejornalismo. 3. Enquadramento
noticioso. 4. Jovens. 5. Juventudes. 6. Grande Vitória. I. Rebouças,
José Edgard. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro
de Artes. III. Título.

CDU: 316.77



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E TERRITORIALIDADES

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

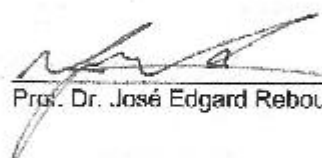
No dia treze do mês de março do ano de dois mil e vinte, às quatorze horas, na sala 03 do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, iniciou-se o exame público do trabalho de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO da candidata Alice Barcellos intitulado "ENQUADRAMENTO NOTICIOSO: AS JUVENTUDES NOS TELEJORNAIS DA GRANDE VITÓRIA". A banca examinadora, sob a presidência do Prof. Dr. José Edgard Rebouças (Orientador – PÓS/UFES), foi composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. Rafael da Silva Paes Henriques (Examinador Interno – PÓS/UFES) e Profª. Drª. Ana Carolina Pessoa Temer (Membro Externo – PPGCOM/UFES). A banca, após o exame do trabalho da candidata, considerou-a:

APROVADA (X)

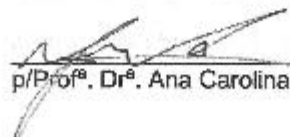
REPROVADA ()

Observações:

A banca sugeriu algumas adequações de forma e de ortografia para que sejam incluídas na versão final a ser enviada para a biblioteca e para o repositório online.


Prof. Dr. José Edgard Rebouças


Prof. Dr. Rafael da Silva Paes Henriques


p/Profª. Drª. Ana Carolina Pessoa Temer (participação em videoconferência)

Dedico a minha pesquisa a todos os jovens e suas vontades de "mudar o mundo",
"fazer diferente". Que a gente possa mudar o futuro com amor, igualdade e
diversidade.

Dedico aos meus avós, pelo amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, por cuidar do meu caminho, enchê-lo de luz e de pessoas que tornam tudo possível.

Aos meus pais, por tanto amor e dedicação a nossa família. Por confiarem em mim, apoiarem e ajudarem nessa caminhada que é a vida. Sempre é por vocês.

Aos meus irmãos, André e Felipe, pelo amor, por serem meus primeiros amigos e por toda a proteção.

À minha "família-presente", que está comigo em todos os momentos, me conhece como ninguém e torce por mim todos os dias.

Ao Thiago, que sonhou o mestrado comigo e esteve junto a todo o momento. Obrigada amor, por ser abrigo.

Ao mais novo integrante da família e motivo de nossas maiores alegrias, o afilhado mais lindo do mundo, nosso Bento, que chegou para nos mostrar como a vida se reinventa. Agradeço ao meu irmão e a minha cunhada pelo presente.

Agradeço a madrinha Danielle, pelos sonhos compartilhados e pela dedicação a mim e a minha pesquisa.

Aos amigos que vibram junto, compartilham os sorrisos e as dificuldades, e entenderam as ausências durante a pesquisa. Obrigada por tornarem a vida mais leve.

O mestrado me permitiu estar em uma sala de aula pela primeira vez como professora, e eu pude dividir a experiência com a amiga Nathália e nossos alunos tão queridos. Obrigada por me ensinarem tanto.

Agradeço ao meu orientador Edgard Rebouças, pela generosidade, paciência e paixão pela educação e pelo jornalismo. Obrigada por vivenciar essa pesquisa comigo e me ensinar tanto.

Aos mestres Ana Carolina Rocha Temer e Rafael Paes Henriques, pela generosidade em aceitarem o convite de contribuir com o meu trabalho.

Aos colegas do mestrado que acreditam na comunicação e na educação tanto quanto eu. Obrigada por tornarem esta jornada mais leve.

"Educação é a inimiga número um dos ignorantes e dos governantes tiranos. É pilar básico de um país enorme. É quem leva oportunidade pros lugares mais distantes. É a força capaz de mudar o mundo. É mais do que conhecimento decorado e provas objetivas. É o que faz o ser humano evoluir. É aquilo que sobrevive graças a corajosos professores. É quem faz mais que abrir os olhos, faz eles brilharem"

(João Doederlein)

RESUMO

O trabalho busca compreender como os telejornais *Balanço Geral*, *Ronda Geral*, *Tribuna Notícias 1* e *ES1*, realizam o enquadramento noticioso das juventudes da Região Metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo. Primeiro, a pesquisa entende o jovem como uma categoria social e, neste trabalho, define-se jovem como indivíduo de 15 a 29 anos. Segundo, parte-se do princípio do jornalismo como forma de democracia e educação para a população. Também são trabalhados os conceitos de territorialidade geográfica, sendo o território a Grande Vitória, e territorialidade simbólica, compreendendo-se o jovem como um território de identidades, experiências e vivências. Em terceiro, é realizada uma análise de conteúdo acerca do enquadramento noticioso das matérias com jovens, dos quatro telejornais citados. A pesquisa aponta que a maior parte das matérias contendo jovens, apresentada pelos telejornais, relaciona a categoria às violências urbanas. Os jovens que mais aparecem são homens, negros e da periferia da cidade. Poucas matérias apresentam conteúdos sobre educação, economia, esporte ou saúde tendo as juventudes como personagens e, ainda, mostra que os jovens não são usados como fontes dessas matérias. O estudo aponta, sobretudo, a necessidade do jornalismo capixaba não trabalhar apenas com uma imagem das juventudes vinculada às situações de risco ou violência, dando ênfase ao debate de projetos sociais e políticas públicas voltadas para esses jovens.

Palavras-chave: Jornalismo; Telejornalismo, Enquadramento Noticioso; Jovens; Juventudes; Grande Vitória.

ABSTRACT

This research work seeks to understand how the television news programs *Balanço Geral*, *Ronda Geral*, *Tribuna Notícias 1* e *ES1* make news framing of the youths from Grande Vitória's Metropolitan Region, in Espírito Santo. First, this research understands young people as a social category and, in this work, young people are defined as individuals aged 15 to 29 years. Second, it is based on the principle of journalism as a form of democracy and education for the population. The concepts of geographical territoriality are also approached, considering Grande Vitória as the territory, and symbolic territoriality, understanding the young person as a territory of identities, experiences and existences. Third, a content analysis is carried out about the news framing of the stories with young people, made by the four television news programs mentioned. The research points out that most of the stories with young people, presented by the news, connect the category to urban violence. The young people who appear most are men, black and from the ghettos of the city. Few articles present content on education, economics, sports or health with youth as characters and, further, it shows that young people are not used as sources of these stories. The study points out, mainly, the need for Espírito Santo journalism not only tackle an image of youths linked to situations of risk or violence, emphasizing the debate on social projects and public policies aimed at these young people.

Keywords: Journalism; Telejournalism, News Framing; Young; Youths; Grande Vitória.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cor ou raça dos jovens presentes nas matérias.....	75
Tabela 2: Idade dos jovens presentes nas matérias.....	77
Tabela 3: Jovem como vítima ou agente das violências.....	78
Tabela 4: Gêneros jornalísticos das matérias.....	83
Tabela 5: Formato das matérias sobre juventudes.....	85
Tabela 6: Escolhas semânticas dos telejornais sobre os jovens.....	89
Tabela 7: Fontes das matérias policiais.....	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Frequência das matérias com jovens nos telejornais.....	72
Gráfico 2: Gênero ou sexo dos jovens presentes nos telejornais.....	73
Gráfico 3: Tema das matérias nos telejornais.....	81
Gráfico 4: Tipificação dos crimes nos telejornais.....	87
Gráfico 5: Locais das matérias policiais nos telejornais.....	92

LISTA FIGURAS

Figura 1: Nuvem de palavras com os títulos das matérias.....	72
Figura 2: Nuvem de palavras com os locais das coberturas jornalísticas.....	92
Figura 3: Imagem do “jovem 1” no <i>Balanço Geral</i>	101
Figura 4: Marcas de tiro na casa do “jovem 1” no <i>ES1</i>	102
Figura 5: Fachada da casa do “jovem 1” no <i>Tribuna Notícias 1</i>	103
Figura 6: Douglas Camargo no <i>Balanço Geral</i>	105
Figura 7: Videomonitoramento na matéria sobre o jovem 1 no <i>Balanço Geral</i>	107
Figura 8: Policiais na matéria Guerra nos morros no <i>Balanço Geral</i>	109
Figura 9: ao vivo na matéria Guerra nos morros no <i>Balanço Geral</i>	110
Figura 10: Jovem vítima de homicídio na matéria Guerra nos morros no <i>Balanço Geral</i>	111
Figura 11: Foguetório na matéria Guerra nos morros no <i>ES1</i>	112
Figura 12: Fuzil exibido pela matéria Guerra nos Morros no <i>ES1</i>	113
Figura 13: Homens com fuzil na matéria Guerra nos morros no <i>ES1</i>	114
Figura 14: Entrada ao vivo no <i>Tribuna Notícias 1</i> sobre a Guerra nos Morros.....	116
Figura 15: Imagem do jovem apreendido exibido pelo <i>Tribuna Notícias 1</i> na matéria Guerra nos Morros.....	116
Figura 16: Entrevista do Tenente-Coronel Geovanio durante a Matéria Guerra nos Morros no <i>Tribuna Notícias</i>	117
Figura 17: Idoso agredido pelo neto no <i>Balanço Geral</i>	119
Figura 18: Residência do idoso na Matéria idoso agredido pelo neto no <i>Balanço Geral</i>	120
Figura 19: Entrada ao vivo sobre idoso agredido no <i>ES1</i>	122
Figura 20: Entrevista com a filha do idoso agredido no <i>ES1</i>	123
Figura 21: Repórter mostra o cano na matéria do idoso agredido pelo neto no <i>Tribuna Notícias 1</i>	124
Figura 22: Idoso mostra machucados no <i>Tribuna Notícias 1</i>	125
Figura 23: Débora Moraes comenta sobre idoso agredido pelo neto no <i>Ronda Geral</i>	126
Figura 24: Mulher cega agredida pelo filho no <i>Balanço Geral</i>	128
Figura 25: Jovem que agrediu a mãe no <i>Balanço Geral</i>	129

Figura 26: Matéria Douglas Camargo entrevista mulher cega agredida pelo filho no <i>Balanço Geral</i>	130
Figuras 27: Jovens detidos na matéria sobre o arrastão em Jardim Camburi no <i>ES1</i>	131
Figura 28: Repórter entrevista jovem detido no <i>ES1</i>	132
Figura 29: Kassy Jhones no <i>Ronda Geral</i>	134
Figura 30: Kassy Jhones andando de skate no <i>Ronda Geral</i>	134
Figura 31: Atletas capixabas da Seleção Brasileira de Surdos no <i>ES1</i>	136
Figuras 32 e 33: Entrevista com as atletas capixabas da Seleção Brasileira de Surdos no <i>ES1</i>	137
Figura 34: Entrevista com o judoca Luiz <i>ES1</i>	138
Figura 35: Luiz treinando Judô no <i>ES1</i>	138
Figura 36: Entrevista com jovem que treina para ser goleiro no <i>ES1</i>	139
Figura 37: Entrevista com jovem Augusto que treina para ser goleiro no <i>ES1</i>	140
Figura 38: Alunos ganham aula de reforço para passar na prova do IFES no <i>ES1</i>	141
Figura 39: Jovem personagem da matéria sobre álcool no <i>Tribuna Notícias 1</i>	142
Figura 40: Especialista em dependência química no <i>Tribuna Notícias 1</i>	143
Figura 41: Entrevista com jovem em busca de emprego no Sine da Serra no <i>ES1</i>	145
Figura 42: Entrevista com o Secretário de Trabalho e Renda da Serra no <i>ES1</i>	146
Figura 43: Entrevista com Letícia no <i>ES 1</i>	148
Figura 44: Entrevista com Greco no <i>ES1</i>	149
Figura 45: Entrevista com a estudante Pamela no <i>Tribuna Notícias 1</i>	151
Figura 46: Entrevista com Valdeci no <i>Tribuna Notícias</i>	152
Figura 47: Entrevista com o organizados do bazar <i>Tribuna Notícias 1</i>	154
Figura 48: Entrevista com a vendedora Thamyres no <i>Tribuna Notícias 1</i>	155

SUMÁRIO

Introdução.....	16
1. O jovem e as múltiplas formas das juventudes.....	30
1.1 As Juventudes no Brasil.....	34
1.2 Juventudes em pauta.....	38
1.3 As representações sociais das juventudes.....	41
2. Jornalismo e democracia em tempos de crise.....	47
2.1 Critérios de noticiabilidade no telejornalismo da Grande Vitória.....	49
2.2 Telejornalismo no Espírito Santo.....	52
2.2.1 <i>Balanço Geral Espírito Santo</i>	55
2.2.2 <i>Ronda Geral</i>	57
2.2.3 <i>ES 1</i>	58
2.2.4 <i>Tribuna Notícias 1ª Edição</i>	59
2.3 Telejornalismo policialesco ou telejornalismo popular?.....	60
2.4 A exploração da violência pelos telejornais.....	65
3. Análise do enquadramento noticioso nos telejornais.....	69
3.1 As juventudes presentes nos telejornais.....	71
3.1.2 Frequência das matérias com a participação das juventudes.....	72
3.1.3 Gênero ou sexo dos jovens presentes nas matérias.....	73
3.1.4 Cor ou Raça dos jovens.....	74
3.1.5 Idade dos jovens presentes nas matérias.....	77
3.2 O jovem como responsável pela violência.....	78
3.2.1 Análise das matérias sobre as juventudes.....	81
3.2.2 Gêneros das matérias utilizados nos telejornais.....	83
3.2.3 Formato das matérias com as juventudes.....	84
3.2.4 A tipificação dos crimes nos telejornais.....	87
3.2.5 Escolhas semânticas na editoria de polícia.....	88
3.2.6 Locais das matérias policiais.....	91
3.2.7 Fontes das notícias sobre as juventudes.....	96
3.3 Jovem assassinado por engano.....	100
3.4 Guerra nos morros: os suspeitos e as vítimas do tráfico.....	108
3.5 Avô é ameaçado e agredido pelo neto.....	118
3.6 Mulher cega é agredida pelo próprio filho em Vitória.....	127
3.7 Suspeitos de fazer arrastão pelas ruas de Jardim Camburi são detidos.....	131

3.8 Jovem com depressão encontra no futebol a força da superação.....	133
3.9 Capixabas atletas de futsal buscam apoio para disputar mundial	135
3.10 Luiz junta latinhas para ajudar a realizar sonhos no esporte.....	137
3.11 Jovens que treinam para serem goleiros, em Vila Velha.....	139
3.12 Estudantes ganham aula de reforço para passar na prova do IFES.....	140
3.13 Espírito Santo lidera ranking de mortes por uso de álcool no país.....	142
3.14 Centenas de pessoas buscam vagas de empregos no Sine da Serra.....	145
3.15 Capixabas ganham felicidade e renda extra com receitas de família.....	147
3.16 Fila para tentar vaga em hamburgueria na Serra.....	150
3.17 Bazar atrai clientes e gera empregos.....	153
Considerações finais.....	156
Referências.....	162
Apêndice A – Formulário para levantamento dos dados da pesquisa realizado no <i>Google Docs</i>	172
Apêndice B – Tabelas com os dados dos telejornais analisados.....	179
Apêndice C - Entrevista com a editora do Balanço Geral.....	185
Apêndice D - Entrevista com a editora do Ronda Geral.....	186

Introdução

O jornalismo tem passando por diversas mudanças, tanto técnicas quanto culturais e econômicas. Mas continua sendo uma ferramenta de “cobrança” e crítica para a sociedade. Portanto, compreende-se que a função social do jornalismo é de fundamental importância para a sociedade e sua constituição no mundo. A professora da Universidade Federal de Goiás, Ana Carolina Rocha Temer (2014), lembra este papel do jornalismo a serviço do público ao defender que, embora o mesmo não seja um “serviço público”, subsidiado pelo Estado, se configura a partir “[...] da noção ética do dever de informar de forma clara e imparcial sobre tudo que é importante ou essencial para a vida cotidiana, tudo que, de alguma forma, afeta a sociedade” (TEMER, 2014, p. 30).

Partindo então da premissa de que o jornalismo é um serviço ao público, destaca-se a importância da profissão e o papel que ela exerce dentro da sociedade. Mas o que ocorre é que o jornalismo também está condicionado ao mercado, aos interesses dos grandes conglomerados de mídia, como explica a autora. “As empresas midiáticas, e por extensão o telejornalismo, são movidos por interesses empresariais e ideológicos nem sempre perceptíveis para o grande público, e condicionados pela mediação tecnológica própria da natureza técnica deste veículo” (TEMER, 2014, p. 28).

Dentre as principais características do jornalismo clássico estão a de informar, entreter e educar (BRAGA, AGUIAR, BERGAMASCHI, 2014). Mas o entretenimento vem ganhando destaque principalmente em programas de TV, em telejornais que usam o sensacionalismo com a espetacularização da notícia como forma de garantir a audiência.

O professor da Universidade de São Paulo, Milton Santos (2001, p. 57), diz que “a competitividade é uma espécie de guerra em que tudo vale e, desse modo, sua prática provoca um afrouxamento dos valores morais e um convite ao exercício da violência”. Essa competitividade que utiliza a violência como forma de garantir a audiência é expressa principalmente na televisão, com a possibilidade da imagem e

do “ao vivo”. A televisão, mesmo com a internet, continua sendo um dos principais veículos de comunicação e um grande negócio para o mercado, inclusive sendo ele quem dita as regras do jogo. “O jornalismo convive também com o tensionamento da necessidade permanente de manter um público fiel relativamente grande, o que inclui reafirmar a sua credibilidade, mas também trazer conteúdos esteticamente sedutores” (TEMER, 2014, p. 31). Nesse sentido, a televisão apresenta uma exploração dos fatos e da vida com diversos recursos como o “ao vivo”, as imagens, sons, além do texto, tudo que o público quer ver.

O professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa, Nelson Traquina (2005) afirma que existe uma relação entre jornalismo, democracia e cidadania. O autor explica que o jornalismo “deve ser um veículo de informação para equipar cidadãos com ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão de suas preocupações” (TRAQUINA, 2005, p. 130-131). O professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Eugênio Bucci (2000), em sua obra *Sobre Ética e Imprensa*, explica que antes de ser um negócio, o jornalismo é um serviço público:

Ninguém precisa ter frequentado aulas numa faculdade de comunicação social para intuir que ao jornalista cabe perseguir a verdade dos fatos para bem informar o público, que o jornalismo cumpre uma função social antes de ser um negócio, que a objetividade e o equilíbrio são valores que alicerçam a boa reportagem (BUCCI, 2000, p.30).

Sobre os valores da profissão é preciso retomar a função social do jornalismo, o poder que a profissão exerce de “cobrar” do poder público, como fonte de informação para a população, praticando uma crítica aos fatos apresentados. Não se trata apenas ouvir os dois lados, mas ouvir quantos lados tiver. E ainda, abordar sobre a ética da profissão, por vezes esquecida. Bucci (2000) afirma que o cidadão é o maior interessado no jornalismo, e que é para ele que a profissão deve existir.

Discutir ética na imprensa só faz sentido se significar pôr em questão os padrões de convivência entre as pessoas, individualmente, e de toda a sociedade no que se refere ao trato com a informação de interesse público e com a notícia. A isso precisam se subordinar não apenas os jornalistas, mas também os seus padrões e as corporações em que funcionam os veículos de comunicação. Essa discussão só tem um interessado: o cidadão. É para ele que a imprensa deve existir- e só para ele (BUCCI, 2000, p. 32).

A garantia dos direitos da cidadania é central para as sociedades contemporâneas, principalmente para superar as desigualdades. Por sua vez, o

jornalismo ocupa um papel social importante neste contexto: a narrativa jornalística aproxima, cotidianamente, os cidadãos de seus direitos e deveres. A professora da PUC Paraná, Criseli Montipó (2018), no artigo *Jornalismo e democracia: tensionamentos não democráticos* contribui com uma análise recente sobre a atual situação do jornalismo e democracia no Brasil.

Enquanto mediador de sentidos, o jornalismo deve colaborar para que diversidade e pluralismo de vozes, temas e perspectivas - considerados elementos que incorporam a democracia como um valor - sejam concretizados. Portanto, não há como imaginar a democracia sem cidadania, nem o jornalismo contemporâneo sem ambas (MONTIPÓ, 2018, p.1).

O jornalismo no Brasil é testado diariamente, e até mesmo descredibilizado não só pela sociedade, mas pelos próprios governantes do país. Por isso, é tão importante ressaltar a ligação que existe entre o jornalismo e a democracia. Para tanto, é preciso que o próprio jornalismo mostre o quanto é necessário para a sociedade com a presença de diversidade e pluralidade de vozes.

Montipó (2018, p. 9) afirma ainda que “a mídia independente e plural é condição indispensável para um sistema político democrático”, porém, no Brasil, o sistema midiático é concentrado nas mãos de poucas pessoas, o que influencia o modo como a democracia é exercida pelo jornalismo.

Considerando que o cidadão é o maior interessado no jornalismo, e é para ele que o jornalismo deve existir, o presente trabalho pretende chamar atenção para como o telejornalismo na Grande Vitória-ES representa as juventudes e, principalmente, como relaciona o jovem às violências urbanas.

Este estudo trabalha com o conceito de “juventudes”, no plural, partindo da ideia de que não existe uma única juventude, e sim múltiplas formas de juventudes. A antropóloga Regina Novaes (2006, p. 105) ajuda nesse entendimento ao afirmar que “qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais, vivem juventudes desiguais”. Para ela, existe uma diferença de raça e gênero quando o assunto são os jovens, e por isso nem todos vivem a juventude da mesma forma. Os jovens de classe alta não vivem a juventude como o jovem de classe baixa, assim como o jovem que estuda, ou que trabalha, ou que é pai, ou seja, mesmo com a faixa etária que estabelece, de acordo com o IBGE (2016), como jovens os indivíduos de 15 a 29 anos, existem múltiplas formas de se vivenciar a juventude.

Para auxiliar no desenvolvimento da pesquisa também são analisadas, como parte dos estudos de Comunicação e Territorialidades deste programa de Pós-Graduação, a territorialidade física, sendo considerada a Grande Vitória, e a territorialidade simbólica, entendida aqui como os jovens. O professor da Universidade Federal do Espírito Santo, José Antônio Martinuzzo (2016) define territorialidade como “a vida organizada num dado território, experiência que é dinâmica e permanentemente atualizada pelos movimentos sociais, econômicos, políticos e culturais” (MARTINUZZO, 2016, p. 10). Nesse contexto, a territorialidade geográfica é considerada a Grande Vitória, por ser o espaço onde ocorre a cobertura dos telejornais, e ainda, devido ao fato dos jovens pertencerem a esse espaço. Os municípios que pertencem à Região Metropolitana da Grande Vitória são: Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Viana, Fundão e Guarapari. Essa territorialidade também é definida pelo professor de geografia humana da Universidade de Genebra, Claude Raffestin como:

A territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens "vivem", ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas (RAFFESTIN, 1993, p. 158).

Essa territorialidade é o que a mídia capixaba transmite todos os dias em sua programação. Nesse sentido, trata-se de uma territorialidade geográfica, pois está inserida dentro de um território específico, vivida por pessoas de uma mesma região. São as pessoas da Grande Vitória que estão envolvidas nas reportagens e são elas que assistem aos telejornais do estado. A territorialidade está inserida dentro de um processo de comunicação, como explica o autor:

Sem dúvida, tudo reside na relação concebida como processo de troca e/ou de comunicação. Processo que precisa da energia e da informação, processo que permite aos atores satisfazerem suas necessidades, ou seja, proporcionar a eles um ganho, mas também um custo (RAFFESTIN, 1993, p.161).

Nessa relação e troca de experiências, espaços de identidades estão concebidos dentro do território Grande Vitória, onde também estão localizadas as redações dos telejornais, lugares de vivências, experiências e construção de notícias.

Além da territorialidade geográfica, entende-se que o jovem como um território, por isso foi desenvolvido o conceito de territorialidade simbólica. O

professor da Universidade Federal do Fluminense, Rogério Haesbaert (2006) afirma que “o território aqui é, antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades” (HAESBAERT, 2006, p.35). O modo de ser jovem, desse modo, é entendido como um território de várias identidades e várias possibilidades de se vivenciar a juventude.

A coordenadora da Área de Juventude e Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Miriam Abramovay diz que “a violência, tendo os jovens como vítimas ou agentes está intimamente ligada a condição de vulnerabilidade social destes indivíduos” (ABRAMOVAY, 2002, p. 33). O conceito de vulnerabilidade também é trabalhado durante a pesquisa para entender se essa questão faz parte das notícias transmitidas pelos telejornais.

Assim esta pesquisa busca entender quem são esses jovens que aparecem diariamente nos telejornais capixabas e como essas juventudes são apresentadas, ou “enquadradas”. O que a investigação pretende abordar é se o tema juventude está fazendo com que as pessoas entendam os problemas sociais pelos quais os jovens passam, ou se os telejornais apenas contribuem para reforçar estereótipos dos jovens como produtores de violência.

Outro aspecto relevante para a pesquisa, como dito antes, é destacar que pela importância do jornalismo na sociedade, é imprescindível o resgate do jornalismo como um serviço para a população. Luiz Beltrão afirma que o jornalismo tem que provocar ação nos cidadãos:

Os relatos e as ideias expressas pelos veículos jornalísticos têm o propósito de permitir ao homem um pronunciamento, uma decisão, de impulsioná-lo à ação. A sociedade, como o indivíduo, não pode escapar à evolução; o jornalismo, sem pretender traçar roteiros e exatos, atua como propulsor da ação individual, ao oferecer à massa a sumária e, por vezes, análise superficial dos acontecimentos (BELTRÃO, 1992, p. 99).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (2017), no Brasil, sete em cada dez pessoas assassinadas são negras. Na faixa etária de 15 a 29 anos, são cinco vidas perdidas para a violência a cada duas horas. De 2005 a 2015, enquanto a taxa de homicídios por 100 mil habitantes teve queda de 12% para os não-negros, entre os negros houve aumento de 18,2%.

O Atlas da Violência, 2019 lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança, aponta que homens,

jovens, negros são as principais vítimas de mortes violentas no Brasil. Entre 2016 e 2017, o Brasil experimentou aumento de 6,7% na taxa de homicídios de jovens.

Em 2017, 35.783 jovens foram assassinados no Brasil. Esse número representa uma taxa de 69,9 homicídios para cada 100 mil jovens no país, taxa recorde nos últimos dez anos. Homicídios foram a causa de 51,8% dos óbitos de jovens de 15 a 19 anos; de 49,4% para pessoas de 20 a 24; e de 38,6% das mortes de jovens de 25 a 29 anos (IPEA, 2019, p.25).

O último guia de monitoramento “Violações de direitos na mídia brasileira III”, divulgado pela Agência Nacional de Direitos da Comunicação – ANDI, em 2016, mostra que os jovens em conflitos com a lei são a parcela da sociedade que tem seus direitos mais violados.

Ainda de acordo com a ANDI, “quando a cobertura jornalística sobre as regras de responsabilização fica excessivamente centrada em crimes violentos, termina por construir, dentre outras, a percepção social de que os adolescentes são os grandes responsáveis pela violência letal praticada no país” (VARJÃO, 2016, p.85).

Nesse contexto, a presente pesquisa buscou analisar os telejornais da Grande Vitória, em que, diariamente, os dados anteriormente apresentados vêm sendo reforçados, buscando entender como é feito o enquadramento noticioso dos jovens e se esse enquadramento contribui para aumentar o preconceito com jovens e, sobretudo, relacioná-los como infratores ou vítimas das violências. Dentro desse recorte, foram analisados quatro programas jornalísticos: *Balanço Geral ES*, da TV Vitória (Record); o *Tribuna Notícias* e o *Ronda Geral*, da TV Tribuna (SBT); e o *ES1*, da TV Gazeta (Globo).

Como objetivo geral da pesquisa buscou-se, portanto, realizar análise de conteúdo em quatro telejornais que são transmitidos diariamente na programação capixaba, entre meio dia e 14h, referente às matérias envolvendo os jovens, dando ênfase a como esses telejornais realizam o enquadramento noticioso das juventudes da Grande Vitória-ES.

Como objetivos específicos foram propostos: realizar um levantamento bibliográfico do que já foi estudado sobre os temas da pesquisa. Selecionar, em um período de tempo específico (última semana de março e a segunda semana de abril de 2019), matérias envolvendo os jovens, apresentadas pelo *Balanço Geral*, *Ronda Geral*, *Tribuna Notícias 1* e *ES 1*. Realizar análise de conteúdo das matérias, considerando os personagens, as fontes, a idade dos jovens, a cor ou a raça e o contexto com base no enquadramento noticioso. Identificar elementos apresentados

em desacordo com o estabelecido em legislações, como o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto da Juventude. Analisar como é construído o enquadramento dos jovens nos telejornais da Grande Vitória-ES.

Por meio de leituras, estudos iniciais e uma pré-análise dos telejornais pesquisados, foi possível chegar a três proposições principais para a pesquisa:

- A primeira proposição é de que a maioria das matérias envolvendo os jovens são matérias policiais, onde a fonte oficial, como a polícia, é quem tem voz nas reportagens, poucas vezes os jovens, ou as famílias deles são ouvidas.
- A segunda é de que o contexto social dos jovens envolvidos nessas matérias sobre insegurança e violência é ignorado durante a apuração e a reportagem.
- A terceira parte do fato de que ao aparecem na mídia, boa parte das matérias envolvendo os jovens é sobre violência, usando os jovens como principal fator de violência no estado. Além disso, as discussões de pautas sobre políticas públicas para os jovens não são trabalhadas pelos telejornais.

Durante o desenvolvimento da pesquisa foram utilizados alguns métodos para auxiliar na organização das ideias centrais da investigação e na construção de conhecimentos para a concretização dos objetivos propostos. Para iniciar os estudos acerca do objeto de pesquisa foi realizada uma pesquisa bibliográfica buscando uma apropriação de conceitos como jornalismo, telejornalismo, jovens, juventudes, enquadramento noticioso e territorialidades. Também se procedeu com um levantamento de dados sobre violência e juventudes oferecidos por instituições como Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social, Unesco, Atlas da Violência, o Estatuto da Criança e do Adolescente, entre outros, para atualizar o que já havia sido pesquisado.

Para o desenvolvimento da análise de conteúdo, os quatro telejornais foram gravados, baixados ou assistidos pelo aplicativo Globo Play, como o caso do *ES1*. Os telejornais são transmitidos entre às 11h45 até 14h10, são eles: *Balanço Geral Espírito Santo*, *Ronda Geral*, *Tribuna Notícias 1ª edição* e *ES1*. Os telejornais foram escolhidos por passarem quase todos ao mesmo tempo na grade capixaba, serem de diferentes emissoras e atingirem diversos públicos. Para a análise foi feito um estudo de caso comparativo das matérias exibidas pelos programas. Para o cientista social americano Robert Yin (2001), o estudo de caso é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real,

especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 32).

Vale destacar que a coleta e produção dos dados foram realizados durante o período de 10 dias, de segunda a sexta, na última semana do mês de março de 2019 (entre os dias 25 a 29/03) e na segunda semana do mês de abril de 2019 (entre os dias 08 a 12/04). O período foi escolhido por ser considerado sem feriados, datas comemorativas, sem interferências de fatos que possam comprometer a cobertura dos telejornais e a pesquisa. O professor da Universidade Federal de São João Del Rei, Guilherme Rezende (2000), em seu livro *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*, aborda a importância da escolha de um período em que o conteúdo do noticiário não seja afetado por alguma circunstância, como eleições ou competições esportivas, isso se dá de acordo com o autor para “evitar que a predominância de um determinado fato ou tema pudesse condicionar o modo de produção telejornalística, favorecendo o uso de algum elemento de linguagem (icônico, linguístico, sonoro) ou influenciasse até mesmo na forma de composição do texto noticioso” (REZENDE, 2000, p. 182).

Os telejornais investigados durante a pesquisa eram disponibilizados pelas emissoras na internet, e para auxiliar na pesquisa empírica, foram gravados pelo programa “gravador de tela pró da Apowersoft”, e o *ES1* foi assistido pelo *GloboPlay*. A análise se deu em relação às matérias que envolviam os jovens, fossem matérias sobre educação, cultura, saúde, mas com maior aprofundamento nas matérias com o tema violência – como tráfico de drogas, homicídios, assaltos – já que eram as mais recorrentes.

A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo desenvolvida pela professora de Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade de Paris V, Laurence Bardin (1977). Para a autora, a técnica de análise de conteúdo une o contexto direto prolongado da investigação com o objeto pesquisado. A autora organiza a análise de conteúdo em três fases: a pré-análise; a exploração do material e o tratamento dos resultados; a inferência e a interpretação (BARDIN, 1977, p. 95).

As categorias utilizadas para a análise dos dados durante a realização da pesquisa foram: jovens, raça, idade, fontes utilizadas, gêneros das matérias, temas, frequência das matérias de cada telejornal e relação com as juventudes. No caso de matérias relacionadas às violências também se analisou os bairros onde a violência

ocorreu, o tipo de violência e se o jovem aparecia como vítima ou suspeito/acusado. Também foi possível comparar as matérias de outros gêneros com as matérias relacionadas às violências e se o contexto dos jovens era abordado pelos telejornais.

Para o professor de Cibernética, Linguagem e Cultura da Annenberg School for Communication da Universidade da Pensilvânia, Klaus Krippendorff (1990) “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que possam aplicar-se a seu contexto” (KRIPPENDORFF, 1990, p.28). Para o autor, é importante esquecer a afirmação do senso comum, como a de que toda mensagem tem um único significado, e para a análise também é importante entender o significado simbólico da mensagem.

O professor da Universidade Federal da Bahia, Giovandro Ferreira (2011, 2012), com os trabalhos “*A construção da violência na televisão da Bahia*” e “*A construção da violência na TV e em jornais impressos da Bahia*”, também teve suas ideias usadas como base metodológica da pesquisa. Giovandro Ferreira utilizou a análise de conteúdo como procedimento metodológico e analisou aspectos sobre a produção da informação (enquadramento, formato, tempo, local, principais violações aos direitos humanos) e aspectos sobre o perfil das fontes de informação, assim como foram analisados na presente pesquisa.

Para auxiliar no levantamento dos dados e nas categorias de análise, o pesquisador em comunicação Wilson Corrêa da Fonseca Junior (2006), no texto “*Análise de Conteúdo*”, também colabora no desenvolvimento da metodologia dessa pesquisa. O autor afirma a importância de uma “ficha de codificação” para o levantamento dos dados e apresenta um exemplo de formulário de codificação (Idem, 2006, p. 289). Tal formulário foi a base para o desenvolvimento do que foi utilizado neste estudo, conforme consta no Apêndice A. Destaca-se que o formulário foi desenvolvido utilizando o *Google Docs*.

O formulário foi desenvolvido com base em uma pesquisa realizada pelo *Observatório da mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES*. Para a presente pesquisa o formulário foi feito com respostas abertas e fechadas, e gerou uma planilha com todas as respostas, onde a pesquisadora pode realizar as análises e usar como base para formular os gráficos e tabelas com os resultados obtidos.

A pesquisa também se caracteriza nas abordagens quantitativas e qualitativas. Os pesquisadores Luis Carlos Paschoarelli, Fausto Orsi Medola e Gabriel Henrique Cruz Bonfim explicam que as características da pesquisa quantitativa são:

Inferência dedutiva; a realidade investigada é objetiva; a amostra é geralmente grande e determinada por critérios estatísticos; generalização dos resultados; utilização de dados que representam uma população específica; utilização de questionários estruturados com questões fechadas, testes e checklists (PASCHOARELLI, MEDOLA, BONFIM, 2015, p.68).

Mesmo considerando os dados quantitativos é preciso ir além dos “números” para melhor compreender o fenômeno de como os telejornais realizam o enquadramento das juventudes e, por isso, a análise qualitativa foi escolhida como parte dos procedimentos metodológicos. Minayo (2001, p. 14) explica que a pesquisa qualitativa:

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa aparece como característica do presente trabalho de pesquisa, nesse sentido, porque busca interpretar os dados, discutindo as matérias que foram definidas para a análise com base no contexto e no embasamento teórico da pesquisa. Paschoarelli, Medola e Bonfim apresentam outras características da pesquisa qualitativa, a saber:

Foco na interpretação e não na quantificação; ênfase na subjetividade; o processo de pesquisa é flexível; maior interesse pelo processo do que pelos resultados; o pesquisador exerce influência sobre a situação de pesquisa e também é influenciado por ela; é um método indutivo; a amostra é geralmente pequena; a análise dos dados é interpretativa e descritiva; os resultados são situacionais e limitados ao contexto (PASCHOARELLI, MEDOLA, BONFIM, 2015, p. 69).

Também foi realizada uma entrevista com os quatro editores dos telejornais estudados. O tipo de entrevista realizada com as fontes foi a entrevista em profundidade. De acordo com os pesquisadores Jorge Duarte e Antônio Barros (2010), esse método é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Desse modo, a entrevista proposta foi realizada com base em onze perguntas. As perguntas foram as mesmas para todos os editores, para que fosse feito um

comparativo das respostas. As perguntas foram formuladas a partir da análise dos dados, que estão no capítulo empírico. As questões foram: Como você define a linha editorial do jornal? Qual o perfil do público do telejornal? Qual o tamanho da equipe envolvida na preparação do telejornal? Quantos repórteres, produtores e pauteiros? Em média, quantas pautas são feitas por equipe externa por dia? O fator distância entra no critério de produção da matéria? Existe uma dificuldade em realizar reportagens? Qual a orientação para tratar o jovem como fonte? Nas matérias de violência, vocês identificam casas de familiares/vítimas? Há orientação para os comentários dos apresentadores ou repórteres? Como é feita essa orientação?

A mídia desempenha importante papel dentro da sociedade, é por meio dela que as pessoas têm acesso a informações locais, regionais e a nível nacional. É através dela que a esfera pública percebe uma parcela da realidade. Os meios de comunicação selecionam abordar determinados assuntos. Por meio de imagens, palavras, sons, os telejornais realizam o enquadramento noticioso. Ou seja, o jornalista, ou o veículo de comunicação, seleciona quais imagens, expressões, sons serão usados para contar determinada história, ou para representar determinado grupo social. A mídia constrói a realidade social através do enquadramento (*framing*). O primeiro pesquisador das ciências sociais a estudar o enquadramento foi Ervin Goffman (1986), e ele trabalha com subcategorias para o enquadramento:

Quando um indivíduo em nossa sociedade ocidental reconhece um determinado evento, faça o que fizer, ele tende a envolver nessa resposta (e de fato a usar) um ou mais quadros de referência ou esquemas interpretativos de um tipo que podemos chamar de primário. Digo primário porque a aplicação desse quadro de referência ou perspectiva, por aqueles que o aplicam, é considerada como não depender de - nem se refere a - qualquer outra interpretação anterior ou "original". Um quadro de referência primário é aquele que considera o que seria um aspecto sem sentido da cena algo que faz sentido (GOFFMAN, 1986, p.11, tradução nossa).

Goffman (1986) afirma que em uma mesma sociedade os indivíduos podem ter percepções diferentes de algum acontecimento social, ou seja, cada um reproduz seus quadros de referência de acordo com as suas experiências. As pessoas dão sentido a um evento a partir das suas construções sociais. Como o jornalismo é feito por pessoas, cada jornalista tem os seus conhecimentos e as suas crenças, assim como cada veículo tem a sua linha editorial a ser seguida, o que influencia diretamente nos quadros escolhidos para realizar as matérias ou para categorizar uma identidade.

O autor Mauro Porto (2004) estuda o enquadramento relacionando mídia e política. Ele pesquisou vários autores que trabalham o enquadramento noticioso feito pela mídia, e a partir do estudo, definiu enquadramento noticioso como padrões utilizados pelos jornalistas que apresentam e selecionam fatores para organizar o relato.

No jargão dos jornalistas, este seria o “ângulo da notícia”, o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros. Nesta categoria estão, por exemplo, o “enquadramento de interesse humano”, que focaliza a cobertura em indivíduos, ou o “enquadramento episódico”, com sua ênfase em eventos (PORTO, 2004, p. 91).

Nesse trabalho de pesquisa, utiliza-se o “enquadramento de interesse humano”, que categoriza e seleciona os indivíduos jovens, mas também o “enquadramento episódico”, já que muitas vezes as juventudes são relacionadas às violências urbanas. O pesquisador Robert Entman (1994) realizou a primeira revisão sistematizando os estudos sobre mídia e enquadramento, resumindo os principais aspectos da teoria. Para o pesquisador:

O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1994, p. 294).

No caso das juventudes, se faz necessário entender quais são os quadros selecionados pela mídia local para representar os jovens para a sociedade. Segundo Entman:

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes num texto comunicativo, de modo a promover uma definição de problema particular, uma interpretação causal, avaliação moral e ou recomendação de tratamento (ENTMAN, 1994, p.52).

Se enquadrar é selecionar algumas partes de determinado contexto, para a pesquisa, faz-se necessário entender os quadros pelos quais as juventudes são representadas, por saber da potência do jornalismo e de como as notícias fazem parte da vida das pessoas. Logo, se a mídia está promovendo quadros enganosos das juventudes, é importante que a forma de produzir enquadramentos seja questionada.

O Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, Carlos Alberto de Carvalho (2009) afirma que é preciso entender o jornalismo como um ator social que interage com outros atores e que:

Uma vez disseminada uma informação, ela poderá, potencialmente, acionar nos consumidores interpretações e correlações que, inclusive, levariam à concretização das virtualidades que cada acontecimento noticiado tem de permitir o reconhecimento, por parte do consumidor da notícia, de si próprio e da sociedade na qual está inserido (CARVALHO, 2009, p. 3).

Assim, é importante ressaltar mais uma vez a importância do jornalismo e da mídia na construção social da realidade das pessoas, de como essa construção se dá, em grande parte, pelo que é divulgado diariamente durante os noticiários. Quando determinado telejornal representa certo grupo da sociedade, repetidas vezes, com as mesmas características, ou pelos mesmos quadros, as pessoas tendem a pensar que aquele grupo é definido unicamente por aquelas características, não enxergando para além do que ele está assistindo. “Em outros termos, os enquadramentos revelam as peculiaridades de cada veículo noticioso, em suas múltiplas inserções sociais, e por isso dizem para além de um componente operacional da lógica narrativa noticiosa” (CARVALHO, 2009, p. 4).

Os enquadramentos que cada jornal faz sobre determinados assuntos ou fatores sociais também depende da linha editorial de cada um, ou do que cada um trabalha como jornalismo. Para os veículos *sensacionalistas* e *policialescos*, talvez seja mais interessante que os personagens das matérias estejam sempre na posição do bem ou do mal, por exemplo, na linha do herói ou do vilão. Já para os telejornais chamados de “*tradicionais*”, *imparciais*, seja interessante mostrar todos os lados da matéria, ou com fontes especializadas nos assuntos abordados. O que a pesquisa buscou analisar é se os enquadramentos das juventudes construídos pelos telejornais capixabas seguem um mesmo padrão, ou mostram as juventudes em suas multiplicidades e diversidades.

No livro *Teorias da Comunicação de Massa*, o autor Denis McQuail (2013) afirma que o enquadramento é uma maneira de dar alguma interpretação geral a itens isolados. Ou seja, a construção que é feita das juventudes pode mostrar apenas uma forma de se ver a juventude, enquanto existem outras tantas possibilidades. Relacionar as juventudes às violências é uma das formas de enquadrar um grupo social de forma geral e relacioná-lo com itens isolados. Nesse contexto, as fontes de notícias desempenham importante papel quando se fala em

enquadramento noticioso, já que ajudam a construir o enquadramento. Por exemplo, quando o jornal escolhe uma fonte oficial, ele está trabalhando a matéria com enquadramento daquela fonte, que tem suas intenções e objetivos.

É quase inevitável que os jornalistas façam isso e, ao fazê-lo, afastem-se da pura “objetividade” e introduzam algum viés (involuntário). Quando a informação é fornecida à mídia por fontes (como acontece muitas vezes), ela chega com um quadro inerente que se adapta ao propósito da fonte e é improvável que seja puramente objetivo (MCQUAIL, 2013, p. 357).

Na perspectiva de McQuail (2013), de que a informação jornalística depende das fontes utilizadas nas matérias, para a pesquisa aqui apresentada, uma das categorias principais de análise diz respeito às fontes utilizadas pelos telejornais nas matérias das juventudes, para entender se os jovens são participantes das matérias como atores principais, como fontes de notícias, ou seja, para entender a posição que é dada para o jovem na realização das matérias, se ele aparece como fonte de notícia ou num local de desqualificação, como se o que ele dissesse não fosse importante.

Desse modo, por meio da análise de conteúdo, a presente pesquisa buscou compreender como os telejornais capixabas da “hora do almoço” entendem e enquadram as juventudes para o público. Quais são os quadros ou as janelas selecionadas pelos jornalistas da Grande Vitória-ES para retratar diariamente as juventudes existentes.

1. O jovem e as múltiplas formas das juventudes

Falar sobre juventude não é tão fácil quanto parece. A intenção não é rotular ou definir o ser jovem, já que não existe apenas um modo de ser jovem ou viver a juventude, e sim, inúmeras formas de viver as juventudes. O professor da Universidade de Alfenas, Luis Antonio Groppo (2017), autor de *Introdução à Sociologia da Juventude*, fez um longo estudo sobre as definições da juventude desde o século XX até os estudos atuais.

Groppo divide os estudos das juventudes em fases, a primeira delas, durante o século XX, onde foi definida uma faixa etária para classificar a juventude, passando-se também a ver a juventude como um corpo rebelde, e chegando até a sociologia da juventude contemporânea, que, de acordo com o autor, é questionada e quase naufraga. Groppo define a juventude como uma categoria social.

Social pelo fato de fazer parte da estrutura social, de formar um grupo, uma coletividade de sujeitos, assemelhados pelo *status* etário intermediário. Também é uma categoria por fazer parte do imaginário social como símbolo (...). A juventude é, na sociologia, uma categoria histórica (GROPPO, 2017, p. 13).

O autor afirma ainda que a juventude é uma categoria histórica, pois a fase é vivida em cada sociedade de forma diferente, de acordo com o grupo que pertence, a época e até mesmo a classe social. Na perspectiva da sociologia da juventude, Groppo afirma que:

O termo juventude indica formas de ser e se relacionar que são reais, ainda quando apenas imaginadas ou desejadas por distintas camadas sociais (...) É toda uma geração que tende a passar por experiências históricas e sociais comuns, compartilhando tais experiências que podem possibilitar uma “unidade de geração” (GROPPO, 2017, p. 84).

Essa definição foi realizada por pesquisadores da teoria crítica da juventude, que passaram a enxergar as potências que são as juventudes e como elas podem

se constituir numa revolução para as sociedades. A juventude passou a não ser mais vista como anomalia ou fonte de rebeldia, mas de progresso. “Conceberam a juventude como tempo e momento para a experimentação de papéis sociais, com espaços, institucionalizados ou não, em que há certo relaxamento das normas sociais em relação aos jovens - a moratória social” (GROPPO, 2017, p. 83).

Mesmo definindo uma faixa etária para pensar a juventude, cada indivíduo vive a juventude de forma diferente. Por isso, é importante pensar as juventudes, no plural, como o professor da Universidade Federal Fluminense, Paulo César Carrano (2000), que afirma que as juventudes são múltiplas, e foi pensando nessas juventudes que a presente pesquisa foi realizada.

É bastante comum que a categoria jovem seja definida por critérios relacionados com as ideias que vinculam a cronologia etária com a imaturidade psicológica. A irresponsabilidade seria outro atributo da situação social de jovialidade, particularmente nas idades correspondentes à adolescência. Parece-nos mais adequado, entretanto, compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais (CARRANO, 2000, p. 12).

A pesquisa trabalha com a perspectiva de considerar as juventudes dentro de todas as possibilidades que existem em vivenciar essa etapa da vida. O uso da faixa etária adotada será a mesma utilizada pelo IBGE, em que são considerados jovens os indivíduos de 15 a 29 anos.

A questão a ser problematizada é: diante das possibilidades que existem nas juventudes, por que continuar tratando os jovens, na maioria das vezes, sob a ótica da violência? E ainda: qual papel a mídia exerce sobre isso? Helena Wendel Abramo (2011) afirma que nas últimas décadas os jovens têm sido tema de alta exposição nos diferentes tipos de mídia que atravessam nosso cotidiano. Mas antes de trabalhar os jovens na mídia, é preciso entender melhor quais são essas juventudes.

A professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Regina Novaes (2006), afirma que a juventude já é um lugar-comum, e que existem grupos e segmentos juvenis que falam por parcelas da juventude. Ou seja, não se pode afirmar que as juventudes são reconhecidas apenas por uma referência. As referências das parcelas das juventudes são complexas, vão além da faixa etária, ou de uma fase da vida, passando por juventudes que são vividas de formas diferentes.

Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo – com o aumento de expectativas e as mudanças no

mercado de trabalho –, uma parte “deles” acaba por alargar o chamado “tempo da juventude” até a casa dos 30 anos. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais (NOVAES, 2006 p.105).

O jovem da periferia vive a juventude de forma diferente do jovem de classe média. Regina Novaes (2006) afirma que a discussão das juventudes passa também pela discussão de classe social. No Brasil e no Espírito Santo, é expressiva a diferença das violências que envolvem os jovens que moram nas periferias e os jovens dos centros urbanos. Além disso, a diferença é gritante quando o assunto é gênero e cor. Regina Novaes afirma que “ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença nas possibilidades de ‘viver a juventude’” (NOVAES, 2006, p. 106).

O jovem aqui é compreendido dentro da territorialidade simbólica, já que pertence a um grupo social, com suas características e experiências próprias, formando suas identidades. Rogério Haesbaert (2006, p. 35) afirma que “o território aqui é, antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades”. Identidade essa que vem historicamente sendo transformada, como explica Stuart Hall (2015), na obra “A identidade cultural na pós-modernidade”. O autor afirma que o sujeito antes visto como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto por várias identidades, às vezes, contraditórias ou não resolvidas. O processo de identificação tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2015, p.11).

Hall coloca a globalização como justificativa das mudanças nos paradigmas das identidades. O mundo se conectou, e as identidades ganharam a possibilidade de conhecer e conviver umas com as outras; o autor afirma que “desde os anos de 1970, tanto o alcance quanto o ritmo da integração local aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações” (HALL, 2015, p. 40).

Com base nessas ideias, a juventude não pode ser definida de uma única forma, já que os jovens vivem as juventudes de maneiras diferentes, assim como as

gerações mudam de tempos em tempos. Entretanto, existem características próprias das juventudes, como afirmam as professoras da Universidade de Santa Cruz do Sul, Elisângela Rudiger Johan e Ângela Cristina Trevisan Felippi: “a identidade do território refere-se à capacidade de uma identidade ser reconhecida como única por um coletivo ao longo do tempo, através das características que a individualizam” (JOHAN; FELIPPI, 2018, p. 54). Partindo da perspectiva de que não se pode trabalhar com uma única identidade dos jovens, elas trabalham com a expressão grupos juvenis, afirmando que esses grupos:

Constroem o seu próprio estilo de se comunicar, de ouvir música, de se vestir, criando seus bens culturais e selecionando o ambiente de diversão e de atuação, muitos tentando escapar de padrões estabelecidos pela sociedade e pela indústria da moda. É em função dessas criações que esses grupos se posicionam e se movimentam no mundo, expressando-se por meio do uso de artigos de consumo e outros objetos que, através de imagens, caracterizam as identidades sociais (JOHAN, FELIPPI, 2018, p.56).

Pensar o jovem, ou os jovens, com um território, ou “multiterritórios”, é uma forma de pensar na territorialidade simbólica, nas formas de ser jovem, para além da territorialidade apenas como um território geográfico e físico, considerando as formas de pertencimento e identidades das juventudes. O professor José Antonio Martinuzzo (2016), trabalha a perspectiva simbólica das territorialidades.

Aqui a paisagem onde se insere a vida (território e territorialidade) é composta por narrativas e trocas comunicacionais instauradoras de comunidades de sentido, coletivos de imaginários peculiares, redes de ideias e opiniões, pertencimentos intelectivos etc., conformando territórios e territorialidades simbólicas, mas, nem por isso, menos concretas e articuladoras de uma peculiar existência material e sensível nos tempos hodiernos (MARTINUZZO, 2016, p.12).

O autor Luis Antonio Groppo (2004) também entende as juventudes como múltiplas, e defende que devem ser vistas como uma categoria social, usada para compreender indivíduos e comportamentos, definir direitos e deveres.

Na análise social e histórica, é preciso correlacionar a juventude com outras categorias sociais, como classe social, nacionalidade, região, etnia, gênero, religião, condição urbana ou rural, momento histórico, grau de “desenvolvimento” econômico etc. Assim, ao analisar as juventudes concretas, é preciso fazer o cruzamento da juventude – como categoria social – com outras categorias sociais e condicionantes históricos (GROPPO, 2004, p. 12).

No Brasil, ser homem, negro e de periferia é estatisticamente diferente do que ser homem, branco e de periferia, e ainda mais desigual se for de centro urbano. Essas categorias contribuem para que cada um viva a juventude de forma diferente.

E por isso, não se deve tentar definir apenas uma juventude, ou ainda, acreditar que somente pela faixa etária seria possível dar conta da complexidade das juventudes.

Para ampliar o entendimento das juventudes como uma categoria social, algumas pesquisas já realizadas apresentam dados importantes para entender a complexidade das juventudes no Brasil e no Espírito Santo, e como as categorias gênero, raça, classe social “influenciam” as formas de vivenciar as juventudes. Uma dessas pesquisas é apresentada no Atlas da Violência (2019), que compara dados de negros e brancos para mostrar como a diferença racial é grande no Brasil. A pesquisa analisa a variação de homicídios do ano de 2017. Enquanto a taxa de mortes de não negros apresentou relativa estabilidade, com redução de 0,3%, a de negros cresceu 7,2%.

Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (definidos aqui como a soma de indivíduos pretos ou pardos, segundo a classificação do IBGE, utilizada também pelo SIM), sendo que a taxa de homicídios por 100 mil negros foi de 43,1, ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de 16,0. Ou seja, proporcionalmente às respectivas populações, para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, aproximadamente, 2,7 negros foram mortos (IPEA, 2019, p. 49).

Em pesquisa realizada pela Unesco (2017), na região Sudeste, o caso mais extremo ocorre no Espírito Santo, no qual a taxa de homicídio de jovens brancos é de 25,46 e a de jovens negros, de 139,48, ou seja, 5,5 vezes superior. Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019) apontam que “a chance de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é, em média, 2,5 vezes superior à de um jovem branco” (p. 58). A presente pesquisa também aborda a questão racial, já que além de ser parte da identidade dos jovens, é uma marca que muitas vezes faz toda diferença para torná-los partes das violências, criar estigmas e reforçar os preconceitos.

1.1 As juventudes no Brasil

Para continuar a discussão sobre as juventudes, é importante realizar um panorama das juventudes no Brasil. Entendendo-se que não é possível rotular o jovem, é importante entender como as juventudes vivem no país e no Espírito Santo, para mostrar como os jovens podem viver diferentes juventudes, principalmente os jovens de periferias em comparação aos jovens de classe média, por exemplo.

Miriam Abramovay (2002) realizou um levantamento sobre as juventudes, a violência e a vulnerabilidade social na América Latina, em que foram analisados dados sobre a pobreza e a demografia, o trabalho, a educação, a saúde sexual e o lazer dos jovens. A autora relaciona a vulnerabilidade social com a desigualdade vivida pelas juventudes.

A violência juvenil, nesse contexto, tem emergido sob diversas lógicas. Por um lado, tem representado uma forma de os jovens quebrarem com sua invisibilidade e mostrarem-se capazes de influir nos processos sociais e políticos da América Latina. Diante de uma sociedade que manipula canais de mobilidade social e segrega socialmente setores da população, e que, além de não reconhecer, estigmatiza os principais canais de participação juvenil – tais como grupos de rappers – a violência vem servindo, em alguns casos, para colocá-los nos meios de comunicação e chamar a atenção para sua difícil vida (ABRAMOVAY, p. 56).

O Mapa da Violência no Brasil (2016) em sua última edição, realizada em 2015, revela dados sobre os homicídios por armas de fogo nos municípios brasileiros, as idades, o sexo e a cor das vítimas.

Sobre o sexo das vítimas de homicídio por arma de fogo foi possível identificar que “é quase exclusiva masculinidade das vítimas dos homicídios por arma de fogo: 94,4% na média nacional. A segunda é a enorme homogeneidade existente entre os estados e regiões do país, nesse aspecto. Efetivamente, todos oscilam entre 91% e 96% de masculinidade das vítimas” (WAISELFISZ, 2016, p. 47). No Espírito Santo, em 2014, 1.203 homens foram vítimas de arma de fogo, contra 87 mulheres.

O Mapa da Violência é sistematizado desde 1998, e, desde a primeira pesquisa, a principal vítima da violência homicida no Brasil é a juventude. “O número de homicídio por arma de fogo passou de 6.104, em 1980, para 42.291, em 2014: crescimento de 592,8%. Mas, na faixa jovem, este crescimento foi bem maior: pula de 3.159 homicídios por arma de fogo, em 1980, para 25.255, em 2014: crescimento de 699,5%” (WAISELFISZ, 2016, p.48). Como pode se perceber, as juventudes estão nas pesquisas já faz algum tempo, e mesmo assim, não parece haver uma redução significativa nas violências que vitimam os jovens.

De acordo com pesquisa realizada pela Fundação Abrinq (2017), com dados de 2016 o Espírito Santo é o segundo estado mais violento do Brasil para crianças e jovens de até 19 anos. Segundo a pesquisa, 23,8% dos homicídios cometidos no estado em 2016 vitimaram menores de 19 anos de idade. Apenas o estado do Amapá fica na frente, com 26,6%. No Brasil, a taxa é de 18,4%.

Dos 298 homicídios em 2016, a maioria, 218, foram cometidos contra crianças e jovens de cor parda. Negros totalizaram 35 vítimas. Já as vítimas classificadas como brancas foram 21 em 2016. Se comparados com os dados de 1997, os homicídios contra crianças e jovens pardos aumentaram cinco vezes. Já os crimes desse tipo contra negros mais que triplicou. Os dados parecem se repetir, já que o fato é o mesmo: No Brasil, ou no Espírito Santo jovens, homens, negros, de periferia são as principais vítimas de armas de fogo. No Espírito Santo existe o projeto Ocupação Social desenvolvido pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos. Segundo informações do próprio site:

O projeto é uma política prioritária do Governo do Estado do Espírito Santo, que articula com a sociedade, o setor privado e os poderes públicos uma série de atividades elaboradas especialmente para o público jovem, morador de áreas de alta vulnerabilidade social, com baixa renda e marcadas por uma espiral de violência urbana (SEDH, 2017).

Os objetivos do programa são a promoção de oportunidades para os jovens como educação, empreendedorismo e renda para os jovens com índice de exposição à violência. O projeto Ocupação Social desenvolveu entre 2015 e 2016 a pesquisa “Censo dos Jovens fora da escola” (2017), com o objetivo de identificar o perfil dos jovens de 10 a 24 anos que estivessem fora da escola. Moradores dos 25 bairros selecionados pelo programa Ocupação Social foram entrevistados. A pesquisa revelou que o Espírito Santo apresenta um alto índice de violência com as taxas mais elevadas da Região Sudeste e superiores à média nacional.

As estatísticas apontam que as vítimas dos homicídios são, majoritariamente, jovens, do sexo masculino, negros, com baixa escolaridade e residentes em bairros periféricos. Em 2014, o segmento juvenil do sexo masculino de 15 a 24 anos representava 9% da população do estado, porém 40% dos homicídios ocorridos naquele ano foram neste segmento. Em que pese à letalidade alcançar de forma significativa a população jovem de 15 a 24 anos, há uma tendência de diminuição dessa faixa etária de vitimização. Portanto, as taxas de homicídios têm atingido adolescentes e jovens cada vez mais novos e os delitos têm sido cometidos por esse segmento cada vez mais jovem também. Segundo as Varas da Infância e Juventude, atos infracionais estão começando a ser praticados por crianças em volta dos 10 anos de idade. Ademais, não podemos negligenciar que nessa idade há uma quantidade expressiva de adolescentes que abandonam a escola. Nesse sentido, parte significativa dos jovens assassinados em 2014 abandonou a escola no ensino fundamental (5º e 6º ano). Nesse contexto, cabe destacar a urgência de políticas públicas e ações que visam amenizar os problemas relatados (RELATÓRIO JOVENS FORA DA ESCOLA, 2017, p.12).

O estudo do projeto Ocupação Social revelou ainda que os jovens entrevistados se encontram em uma condição de vulnerabilidade social. A

importância da pesquisa se dá para o aprimoramento das políticas públicas para esses jovens. A pesquisa apontou dados interessantes sobre o lazer e a prática de esportes:

Os resultados pontuam que a maioria dos jovens entrevistados não participam de atividades culturais e não praticam esportes. Ademais, a maior parte deles não costumam frequentar livrarias (67,7%); bibliotecas (69,3%); museus (56,4%) e teatros (56,7%). E, ainda, cerca de 35,1% (2.174) e 34,6% (2.147) dos indivíduos nunca foram ao teatro e museu, respectivamente (RELATÓRIO JOVENS FORA DA ESCOLA, 2017, p. 97).

Esses dados apontam para a importância de políticas públicas, projetos sociais que permitam que esses jovens tenham acesso a esporte, cultura, educação e lazer. Não se pode generalizar, é importante abordar as potencialidades das juventudes. Na Grande Vitória, existem vários projetos sociais voltados para os jovens e feitos por eles mesmos, como por exemplo, o Centro de Referência da Juventude - CRJ, localizado na Ilha de Santa Maria, em Vitória. O CRJ tem diversos projetos, oficinas, voltadas ao público jovem. Teatro, música, esporte, lazer. Regina Novaes (2006) chama atenção para a importância desses projetos e como isso pode interferir nas formas de vivenciar as juventudes:

Os projetos sociais tornam-se pontes para um determinado tipo de inclusão social de jovens e moradores de certas áreas marcadas pela pobreza e pela violência das cidades. Com eles, uma parcela dos jovens pode inventar novas maneiras de sociabilidade e integração societária que resultem em determinadas modalidades de inclusão (NOVAES, 2006, p. 113).

Além do CRJ, desenvolvido pela Prefeitura de Vitória, o Projeto Sol existe desde 1990 cuidando de crianças da Grande Vitória, mas em 2006 ampliou seu trabalho também para os adolescentes. De acordo com o site do projeto, o público alvo são crianças e adolescentes que estejam em situação de vulnerabilidade e risco social e pessoal que necessitem de atendimento da rede sócio-assistencial e acolhimento institucional (PROJETO SOL, 2019, s.p). O projeto conta com parceria das prefeituras dos municípios da Serra, Vila Velha e Vitória.

Projetos como esses contribuem para que as juventudes tenham oportunidades que muitas vezes elas não encontram em seus bairros, ou escolas. São importantes para que os jovens encontrem oportunidades e vivenciem a juventude de forma que não voltem para a estatística da violência.

1.2 Juventudes em pauta

A tese de doutorado da jornalista e professora Ivanise Andrade (2016), “*A construção discursiva da violência envolvendo crianças e adolescentes em jornais impressos brasileiros: Um estudo de caso dos jornais O Globo e Extra de 2000 a 2014*” é um dos trabalhos mais recentes nessa área e faz um levantamento bibliográfico interessante sobre como as crianças e os adolescentes aparecem na mídia desde 1910, e no Brasil, a partir de 1925. A primeira matéria sobre crianças é de uma publicação do jornal *O Globo* sobre rapto de crianças no Rio de Janeiro (ANDRADE, 2016, p. 27). A autora chama atenção para o fato de que temas relacionados às crianças, adolescentes e violência na mídia não são recentes.

O então coordenador da área de Comunicação e Informação do Escritório da Unesco no Brasil, Guilherme Canela (2006), desenvolveu no início dos anos 2000 um levantamento sobre a importância da Agência de Notícias dos Direitos da Infância - ANDI para um monitoramento da mídia no Brasil sobre assuntos relacionados a crianças e adolescentes. Ele faz uma análise sobre o antigo Código de Menores, até o surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente.

A maioria das questões da infância e da adolescência era, até 1990, regida, no Brasil, pelo Código de Menores. Tal legislação trazia uma concepção de Estado e de família absolutamente ditatorial sob a criança e o adolescente: estes estavam sob a tutela atenta daqueles, nada mais. Os elementos de participação cidadã advindos com a Carta Magna de 1988 já anunciavam que o Código de Menores era incompatível com a filosofia de país que foi desenhada pela Assembleia Constituinte. Adolescentes eram vistos como capazes de escolher o novo Presidente da República pela nova Constituição, mas eram tratados como caso de polícia pelo Código de Menores. Ganha força, então, a idéia de se adotar no Brasil um novo paradigma em relação ao papel de crianças e adolescentes na sociedade (CANELA, 2006, p.131).

O autor afirma que não foi simples essa mudança de paradigma, de quando as crianças e os adolescentes tinham leis para ampará-los e como foi difícil para que a sociedade civil desse a devida importância a essa parcela da população. Ainda em seu levantamento realizado de 1996 a 2002 sobre a temática de assuntos envolvendo os jovens nos jornais, mostra-se que o tema violência sempre ficou nos primeiros lugares.

Nesse contexto, a presente pesquisa se dedica a analisar se os telejornais da Grande Vitória-ES representam as juventudes de forma a reforçar estigmas e estereótipos. Os dados das pesquisas já citadas refletem, como mostra a pré-

análise, o noticiário capixaba. É só acompanhar os telejornais, jornais impressos ou em formato *online* para perceber que o jovem é notícia. É preciso discutir se os jornais estão apenas acrescentando “mais um jovem é morto...” ou se estão indo além, se ouvem as famílias desses jovens, se apresentam o contexto social deles. São esses fatores que conseguirão criar um debate pela sociedade e não o fato de apresentar o jovem como mais um morto em meio a tantos. A função social do jornalismo, a função de educar por meio da notícia pode estar sendo esquecida.

As professoras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Juliana Andrade Leitão e Maria Salett Tauk Santos (2012, p.152) afirmam que “o jornalismo que não rompe com processos estereotipados perde a oportunidade de contribuir para o conhecimento real da região e, em última análise, do país”. Logo, se o jornalismo capixaba estiver representando os jovens de maneira equivocada, reforçando preconceitos e estereótipos, esses jovens vão continuar virando estatística sem que a sociedade volte a devida atenção para os reais problemas sociais que levam a juventude à falta de oportunidades e ao envolvimento em situações de violência.

No livro *A fartura das juventudes*, Monique de Oliveira Silva (2013) faz um alerta ao afirmar que:

As juventudes se mimetizam numa teia de toques e estreitamentos que revelam a complexidade do seu existir, sobretudo se pensadas as tentativas vãs de adequá-las e aprisiona-las aos espaços subjetivos prévia e repetidamente engendrados pelos mecanismos de contenção e repressão sociais atuantes nos recortes da história (OLIVEIRA SILVA, 2013, p.81).

Assim, buscou-se entender se o telejornalismo capixaba está ajudando a definir e padronizar o jovem como violento, aquele que representa risco à população, que é o responsável por parte das inseguranças existentes na Grande Vitória. O professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Aristóteles de Paula Berino, o professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro Aldo Victório Filho, e a professora adjunta da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Maria da Conceição Silva Soares (2013), em uma coletânea de textos sobre as juventudes afirmam como essa padronização dos jovens pode ser feita pela mídia:

Farto material jornalístico, com pretensa objetividade informacional e científica, é apresentado através de diversas mídias para explicar os jovens na especificidade de suas vidas. Vidas que parecem preocupar governos e instituições. O Estado, a família e a escola estão entre as instituições mais interessadas, preocupadas com o governo das práticas e das imagens que fazem parte das identidades juvenis (BERINO, FILHO, SOARES, 2013, p. 19).

A professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Mione Apolinario Sales (2007), trabalha com a expressão “(in)visibilidade perversa”. Para a autora, os jovens que não tem o apoio das famílias, vivem em situação de risco, situação de rua, convivem com a violência e somente se tornam visíveis para a sociedade e para o Estado quando cometem algum tipo de ato infracional:

Os adolescentes que perambulam durante anos pelas ruas, praticando pequenos roubos e até, em situação limite, assassinatos, quando são mortos ou cooptados pelo tráfico de drogas; ou ainda, quando se tornam vítimas da truculência do aparelho do Estado, e em função disso incendeiam unidades de internação, estão a acirrar as contradições entre as classes sociais e conferir visibilidade ao estado degradado e aviltado da cidadania da infância e do adolescente no país (SALES, 2007, p. 25).

A pesquisadora faz um estudo sobre a cobertura da mídia em dois casos: nas rebeliões da FEBEM, em São Paulo, em 1999, e no sequestro do ônibus 174. Ela escolheu os dois casos pela representatividade geográfica, um fato foi no Rio de Janeiro e o outro em São Paulo, e por ambos revelarem o papel de esfera pública da mídia. A pesquisa discute a perspectiva das representações sociais midiáticas, em que, de acordo com a autora, contribuiu para situar os jovens “entre os principais artífices da violência na sociedade brasileira, ou como sua metáfora” (SALES, 2007, p. 33).

Mione Sales afirma ainda que nas últimas décadas os temas mídia e violência vem se aproximando e que a mídia tenta encontrar justificativas para tamanha violência, uma das justificativas seria, então, responsabilizar as juventudes. A autora afirma que a divulgação midiática, amparada em dados quantitativos não consegue explicar as causas da violência social (SALES, 2007, p.29). Por concordar com a autora, o estudo realizado investiga se o jornalismo capixaba está responsabilizando as juventudes pelas violências, sem ir além do que é importante ser compreendido, como, por exemplo, os contextos em que essas juventudes vivem sem cobrar do governo a eficiência do sistema socioeducativo, sem discutir as políticas públicas.

Em sua pesquisa, Mione Sales chama atenção também para alguns fatores que, de acordo com ela, representam o estado de cidadania escassa no Brasil:

Os adolescentes compreendem o poder e a força da imagem que os associa à rebeldia, a comportamentos transgressores e à violência, e tiram partido dela; A sociedade e as agências governamentais muitas vezes somente negociam e atendem direitos em situações-limite, sob a pressão de rebeliões, sequestros, ameaças à vida de terceiros, etc., ou seja, da violência propriamente dita (SALES, 2007, p. 30).

De acordo com Sales (2007), uma forma bastante cruel dos jovens saírem da invisibilidade é cometendo algum tipo de violência para que o Estado tome atitudes perante as juventudes brasileiras. Nesse sentido, a mídia pode exercer um importante papel, principalmente colaborando com busca pela cidadania ao cobrar a garantia de melhores condições de vida para esses jovens. Por isso é tão relevante retratar os fatos de forma que ajude a sociedade a exigir e a entender as políticas públicas. Nesse mesmo entendimento, aponta-se a necessidade de reconhecer e representar as juventudes em todas as suas formas, mostrando, por exemplo, como o discurso da “redução da maioria penal” seria uma perda gigantesca para a discussão da manutenção da segurança e da formação das juventudes no Brasil.

1.3 As representações sociais das juventudes

Para entender um pouco mais sobre as juventudes, é preciso compreender como a sociedade está “olhando” para os jovens. Parte desse olhar é influenciado pelo que as pessoas assistem e leem nos jornais sobre esses indivíduos.

Serge Moscovici (2009) foi um psicólogo social romeno radicado na França e realizou um estudo clássico sobre as representações sociais. O autor define as representações sociais como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes num código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2009, p. 13).

Moscovici afirma que todas as imagens são representações (MOSCOVICI, 2009, p. 46). Por isso, quando as juventudes estão nos telejornais, é importante entender como se dão essas representações. Os estudos e as pesquisas já desenvolvidas referentes às juventudes mostram que a imagem, a representação das juventudes relacionadas às violências já faz parte da representação dos jovens. Faz parte do senso comum. É importante ressaltar que as representações existem como forma de padronizar e rotular alguma coisa: seja um indivíduo, um grupo, seja uma instituição. Moscovici trata as representações sociais como um fato psicológico e que pode ser visto de três maneiras:

Elas possuem um aspecto impessoal, no sentido de pertencer a todos; elas são a representação de outros, pertencentes a outras pessoas ou a outro grupo; e elas são uma representação pessoal, percebida efetivamente como pertencente ao ego (MOSCOVICI, 2009, p. 211).

O autor destaca ainda que um conceito é produzido por uma imagem. Ou seja, quando as juventudes aparecem nos telejornais como infratores, vítimas de homicídios, as pessoas conceituam os jovens como responsáveis por parte das violências urbanas, como infratores, usuários de drogas.

Os professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Marcus Antônio Assis Lima e Flávia Moreira Mota (2015), afirmam que “uma cobertura jornalística realizada sem os cuidados que esse grupo social em especial necessita pode resultar na construção de estereótipos e no reforço de pré-conceitos” (LIMA; MOTA, 2015, p. 214). Os preconceitos e estereótipos não ajudam em nada as juventudes, muito pelo contrário, contribuem para criar os discursos de redução de maioria penal, fazem com que as pessoas não se interessem pelas juventudes e desencadeiam uma série de problemas. Como por exemplo, a exclusão social dos jovens, o acesso a certos lugares.

Toda conduta que se pretende institucionalizada envolve uma quantidade de papéis, os quais atuam no caráter controlador da institucionalização. As convenções, uma vez fixadas, são responsáveis por estruturar a sociedade, e o indivíduo que porventura não se encaixe em uma das “formas” sociais preestabelecidas torna-se passível de sanções, interdições e segregações (LIMA; MOTA, 2015, p. 215).

Para ampliar a discussão, é importante definir o conceito de institucionalização, com o auxílio dos sociólogos Peter Berger e Thomas Luckman (1976). Os autores trabalham “hábito” como parte da institucionalização. Eles afirmam que “toda atividade humana está sujeita ao hábito. Qualquer ação frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão” (BERGER; LUCKMAN, 1976, p. 77). Quando as pessoas assistem aos telejornais e veem os jovens quase sempre relacionados a temas sobre violência, esse padrão institucionaliza o jovem como violento. “A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. Dito de maneira diferente, qualquer uma dessas tipificações é uma instituição” (BERGER; LUCKMAN, 1976, p. 79). A construção de preconceitos e estereótipos está ligada às representações sociais, à institucionalização das características das juventudes. As representações criam um

sistema de referência sobre os indivíduos. Os autores Antônio Assis Lima e Flávia Moreira Mota (2015) apresentam outra finalidade das representações que é a de:

Nomear, classificar, categorizar novos acontecimentos e ideias e, a partir de então, a compreensão e manipulação desses a partir de valores preexistentes e amplamente difundidos pela sociedade. Quando categorizamos alguém ou alguma coisa, nada mais fazemos do que escolher paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação (negativa ou positiva) com ele (LIMA; MOTA, 2015, p. 217).

A mídia desempenha um papel importante na criação de padrões, categorias e representações, seja de indivíduos, de um governo, de como a realidade é percebida, ou, no caso, como recorte da realidade feito pela imprensa. Dependendo de qual o contexto que a informação aparece, ela pode ser levada à banalização, ou como a informação é passada às pessoas.

O professor da Universidade Paris-Nord, Patrick Charaudeau (2012), fala sobre a profissão de jornalista e defende a função social da profissão, mas também chama atenção para o fato de a mídia existir dentro de uma lógica de mercado, de ter que lidar com a concorrência, e por isso, cada veículo tenta ganhar seu público. “Sua atividade, que consiste em transmitir informação - que tanto pode ser dada espontaneamente quanto procurada ou provocada -, torna-se suspeita porque sua finalidade atende a um interesse diferente do serviço da democracia” (CHARAUDEAU, 2012, p. 59). O autor afirma que pela busca do público, a informação pode aparecer em um contexto que causa banalização e dramatização. Esse contexto é o que pode reproduzir, ainda, os efeitos de categorização, de estereótipos.

Quando o assunto são os jovens, a mídia, por muito tempo, os tratou como “trombadinhas” e o termo “menor”, que já é proibido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, ainda é usado por alguns apresentadores. São características que banalizam as juventudes, que as categorizam. Parte desses rótulos foram criados pela TV, e esse trabalho buscou verificar, se os telejornais, principalmente os sensacionalistas e policiaiscos, continuam a tratar os jovens como infratores. Além de questionar se esses jovens são ouvidos durante as reportagens.

Para a análise dos dados da pesquisa foi utilizada como referência a cartilha *Adolescentes em conflito com a Lei: guia de referência para a cobertura jornalística* (2012), desenvolvida pela ANDI. A cartilha ensina de forma didática como construir uma cobertura de qualidade voltada aos jovens. Mostra quem devem ser as fontes

das matérias, ensina quais termos são equivocados, como: menor, delinquente, criminoso, marginal, crime, pena. Aborda ainda como os jornalistas podem usar as imagens de forma a não agredir os direitos humanos e o estatuto da Criança e do Adolescente. De acordo com a cartilha:

As imagens têm poder de convencimento e influenciam a leitura do público sobre determinados fatos ou assuntos. Daí a importância de escolher bem as fotografias (ou vídeos) que irão ilustrar as reportagens, respeitando o artigo 17 do ECA que, entre outros aspectos, trata da preservação da identidade de crianças e adolescentes (ANDI, 2012, p. 79).

O Estatuto da Criança e do Adolescente foi criado em 1990 como referência para a criação de políticas públicas para as juventudes. O ECA reconhece as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos e estabelece que a família, o Estado e a sociedade são responsáveis para garantir proteção a esses sujeitos, já que eles estão em um período de desenvolvimento. O artigo 17 do ECA afirma que: “o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais” (BRASIL, 1990). Está previsto em Lei, mas será que o Estatuto é seguido pela sociedade, pelo Estado e pela mídia?

O Estatuto da Juventude também está previsto em Lei desde 2013. É preciso ressaltar que é um Estatuto bastante recente, visto que, desde o século XX, as juventudes são estudadas e analisadas como categoria social, e diante de tantos problemas envolvendo as juventudes, o Estatuto poderia estar em vigor há décadas.

A professora associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Elisa Guaraná de Castro, e a pesquisadora Severine Carmem Macedo, no artigo *Estatuto da Criança e do Adolescente e Estatuto da Juventude: interfaces, complementariedade, desafios e diferenças*, explicam que as discussões sobre a juventude no âmbito governamental ganharam destaque a partir dos anos 2000 “com a intensificação e ampliação de processos organizativos da juventude nos partidos políticos, movimentos sociais, e em uma infinidade de outras formas de organização política e cultural” (CASTRO; MACEDO, 2019, p. 1.225).

As autoras afirmam ainda que de 2005 a 2015, o Brasil apresentou importantes passos na discussão de políticas públicas para as juventudes, a partir das iniciativas do Governo Federal, durante os Governos Lula e Dilma, e que essas iniciativas foram além do Governo Federal, chegando aos estados e municípios.

A construção de uma institucionalidade, implantada pela Lei Nº 11.129, que criou a SNJ, o Conjuve e instituiu o Projovem foi um marco para as políticas públicas de juventude. Sendo que as conferências nacionais de juventude [...] foram importantes espaços de afirmação de direitos, da visibilidade, da diversidade juvenil e da proposição de programas e políticas públicas. Este novo ciclo de alargamento de direitos e políticas públicas carrega na sua configuração a participação desses atores antes invisibilizados, e suas agendas (CASTRO; MACEDO, 2019, p.1.226).

Assim, a Lei nº 12.852/2013 institui o Estatuto da Juventude e “dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude” (2013, p. 26). Os efeitos da Lei também são para jovens de 15 a 29 anos, como apresentado nesta pesquisa.

Um dos princípios da Lei é o “respeito à identidade e à diversidade individual e coletiva da juventude” (2013, p. 26). O que a Lei quer promover é que as juventudes sejam entendidas em todas as suas pluralidades e identidades. O Estatuto da Juventude é voltado principalmente para os governantes e para a criação de políticas públicas para os jovens, mas o documento precisa ser conhecido pela sociedade e principalmente pela mídia, como forma de cobrar dos governantes a totalidade de princípios/direitos que são estabelecidos pelo Estatuto.

No Espírito Santo, foi criada, em 2007, a Política Estadual da Juventude – Lei Nº 8.594, também voltada para os jovens de 15 a 29 anos. Em seu primeiro artigo, a Lei determina no inciso VII:

Garantir os direitos da juventude, considerando gêneros, raça e etnia nas mais diversas áreas: educação, ciência e tecnologia, cultura, desporto, lazer, participação política, trabalho e renda, saúde, meio ambiente, terra, agricultura familiar, entre outras, levando-se em conta a transversalidade dessas políticas de maneira articulada (Política Estadual da Juventude, 2007, p.1).

A Lei também criou o Conselho Estadual da Juventude que, com base no Plano Federal da Juventude, deveria elaborar o Plano Estadual correspondente ao artigo 3º “o Poder Público, em articulação com os municípios e as organizações juvenis, procederá avaliações periódicas para a implementação do Plano Estadual da Juventude” (Política Estadual da Juventude, 2007, p.2).

O Regulamento do Conselho Estadual de Juventude do Espírito Santo (CEJUVE) foi aprovado em 2012, objetivando representar a juventude capixaba, fiscalizar e propor políticas públicas específicas para esses cidadãos. A informação

está no Diário¹ Oficial dos Poderes do Estado. No site ²do Governo do Estado encontra-se a definição do Cejuve:

Trata-se de órgão com caráter consultivo, vinculado à Secretaria de Estado de Direitos Humanos (SEDH) desde a publicação da Lei Complementar nº 830, de 05 de julho de 2016, tendo por finalidade propor diretrizes da ação governamental, voltadas à promoção de políticas públicas da juventude.

O Cejuve apresenta diversos conselheiros engajados nas causas das juventudes do estado e que participam de eventos voltados para discutir questões relacionadas aos jovens, como, por exemplo, uma audiência que aconteceu na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, após a divulgação do Atlas da Violência 2019, quando foi apontado que a morte de jovens no Espírito Santo superou a média nacional. O evento foi parte da 8ª Semana Estadual de Debate contra o Extermínio de Jovens.

De acordo com matéria³ divulgada no site da própria Assembleia, o presidente do Conselho Estadual da Juventude do Espírito Santo (Cejuve), Miguel Intra, esteve presente no evento e afirmou que a democracia no Brasil está em xeque.

A gente vê desmonte de representação popular e das políticas públicas. Venho colocar que o estado do Espírito Santo está muito aquém do ideal, principalmente quando falamos da população pobre, periférica, negra, indígena, quilombola, cigana e LGBT [...] há necessidade de uma política pública para incluir, ao invés de excluir a juventude (INTRA, 2019).

A ANDI, o ECA, o Estatuto da Juventude, o Cejuve, o Conjuve, foram criados/pensados para garantir direitos às crianças, adolescentes e jovens no Brasil e no Espírito Santo. Além deles, outros movimentos sociais e projetos são desenvolvidos diariamente para proporcionar uma melhor experiência da juventude, na tentativa de garantir aos jovens seus direitos e novas oportunidades. Mas é importante destacar que os meios de comunicação parecem não saber da existência desses órgãos, documentos ou políticas, já que, muitas vezes, priorizam fontes policiais para tratar das juventudes, ou pouco usam esses conhecimentos e movimentos como forma de melhorar, complementar e discutir as questões voltadas às juventudes na mídia.

¹ Informações disponíveis em: <https://sedh.es.gov.br/Media/sedh/DOCUMENTOS%202017/dio-31do08de2012-conselho-estadual-de-juventude-pag-2.pdf>

² Informações disponíveis em:

<https://sedh.es.gov.br/Media/sedh/DOCUMENTOS%202017/LEI%20N%C2%BA%208%20594.pdf>

³ Informações disponíveis em: <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2019/09/37817/morte-de-jovens-no-es-supera-media-nacional.html>

2. Jornalismo e democracia em tempos de crise

Estudar jornalismo é entender também a vida em sociedade, o papel da imprensa na vida das pessoas. É importante reafirmar a mídia como necessário instrumento de democracia, sendo o jornalismo uma forma de fiscalizar, denunciar e cobrar ações do poder público. Mas esses fatores não legitimam todo e qualquer tipo de jornalismo, é preciso praticar o bom jornalismo, o jornalismo plural, diverso, que permite dar voz às pessoas que não seriam consideradas fontes de notícias, por exemplo. Esse é o jornalismo que exerce a democracia.

Reafirma-se aqui a ideia de Eugênio Bucci (2000) de que o jornalismo é um serviço público. Por ser um serviço público, os meios de comunicação devem informar a sociedade independentemente dos interesses econômicos que envolvam o veículo. O que se sabe que é algo difícil de ser alcançado no Brasil, visto que os veículos de comunicação, em sua maioria, pertencem a grupos midiáticos dependentes do Governo, o que interfere a produção jornalística e vem causando uma crise ao jornalismo, fazendo com que ele seja diariamente questionado. O professor emérito da Universidade Federal de Santa Catarina, Francisco Karam (2004), no livro *A ética jornalística e o interesse público*, afirma que “a informação não deve ser tratada pela imprensa informativa como mercadoria, mas como direito fundamental dos cidadãos” (KARAM, 2004, p.121). A informação “verdadeira” deve ser o principal material do jornalismo, mas o que acontece é que, muitas vezes, a informação é tratada de forma rasa, com pouca profundidade, até deixando de lado as cobranças ao poder público.

O jornalismo, atividade central da imprensa, ocupa publicamente o centro dos debates sobre o produto global jornal. Mas é inegável que a publicidade, a sociedade de empresas jornalísticas com outros setores da

produção, como o bancário, o agropecuário ou mesmo o armamentista, volta a colocar no centro dos debates sobre o jornalismo sua finalidade ontológica e sua ética específica (KARAM, 2004, p.127).

O Código de Ética dos Jornalistas é um importante e indispensável documento que deve ser seguido pelos profissionais de comunicação. Logo no Capítulo I, do Direito à Informação, o inciso I do art. 2º afirma que “a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores” (FENAJ, 2007, p.1).

Estão assegurados pelo Código de Ética a importância e a legitimidade de os jornalistas divulgarem informações independentemente dos interesses da empresa, mas os profissionais estão subordinados às linhas editoriais e às políticas da empresa.

O jornalista Walter Lippman (2017), ao escrever o livro *Opinião Pública*, ainda na década de 1920, afirmava que as pessoas exigem que os meios de comunicação estejam a serviço dos interesses públicos, porém, Lippman afirma que os leitores não aceitam pagar pelo serviço jornal, ou pelas notícias, como se fosse obrigação dos jornalistas divulgar as informações sem precisarem receber nada por isso.

Esta insistente e antiga crença que a verdade não é obtida, mas inspirada, revelada, fornecida gratuitamente, aparece plenamente em nossos preconceitos econômicos como leitores de jornais. Esperamos que o jornal nos forneça a verdade, mesmo que ela nos seja desvantajosa (LIPPMANN, 2017, p. 276).

O que o autor quer chamar a atenção é de como os jornais são “bancados” por seus patrocinadores, já que a sociedade, que é a maior interessada no produto, não aceita pagar por ele. “Seria considerado como uma ofensa ter que pagar abertamente o preço de um bom sorvete por todas as notícias do mundo, contudo o público pagará esta soma e mais ainda quando comprar as mercadorias anunciadas” (LIPPMANN, 2017, p. 277). Lippman continua seu raciocínio afirmando que é para o público consumidor que o jornal deve ser feito, já que sem esse público o jornal se torna inviável, não rentável. São essas causas já citadas que o autor afirma estarem em relação com a função mercadológica, e o produto de mercado que se tornou a imprensa.

2.1 Critérios de noticiabilidade no telejornalismo da Grande Vitória

As pessoas são envolvidas diariamente por grande quantidade de informação. Em uma sociedade globalizada estão expostos a diversas notícias, seja do mundo, país, da cidade ou do bairro. O jornalismo é guiado pela notícia, o fato, a informação. É matéria prima da profissão trabalhar o fato. E não é fácil para o profissional definir o que é e o que não é fato para ser transformado em notícia jornalística e informação. O que é de interesse público e o que não vale a pena ser publicado. Denis McQuail (2003), no livro *Teorias da Comunicação de massa*, afirma que a notícia é o ingrediente principal do jornal, mesmo que não seja o único. O autor afirma ainda que:

A notícia merece atenção especial em uma discussão sobre conteúdo da mídia exatamente por ser uma das poucas contribuições originais dadas pelos meios de comunicação de massa à gama de formas culturais de expressão. É também a principal atividade segundo a qual se define uma grande parte da profissão jornalística (e, portanto, da mídia) (MCQUAIL, 2013, p. 353).

É por ser parte da profissão jornalística que se dá a importância dos estudos sobre a notícia. O autor afirma ainda que é por causa da notícia que o jornal se distingue de outros tipos de mídia e que permite ao jornalista expressar opiniões em nome do público: “as instituições quase não podem existir sem as notícias; e estas, sem aquelas” (MCQUAIL, 2013, p. 353).

Gaye Tuchman, doutora em sociologia e pesquisadora da Universidade de Connecticut, nos Estados Unidos, analisou a produção das notícias pelo viés sociológico e afirma que a notícia é um registro da realidade social e um produto dela (TUCHMAN, 2013, p.81). Ou seja, a notícia pode não dar conta de toda a complexidade, mas de uma parte dela, além disso, é a forma que será abordada que indicará o viés da notícia, são os jornalistas que escolhem qual será o enfoque ou o registro a ser divulgado. “As tipificações dos jornalistas reconstituem o mundo cotidiano. Eles constroem e reconstroem a realidade social, estabelecendo o contexto no qual os fenômenos sociais são percebidos e definidos” (TUCHMAN, 1973, p. 129).

No caso das juventudes, existem inúmeros contextos a serem demonstrados, como as juventudes ligadas ao esporte, cultura, lazer, o caminho até a escolha da profissão, ou o registro das juventudes pelo viés da insegurança urbana, mostrando o jovem como vítima ou como agente das violências.

Ciro Marcondes Filho (2009), no livro *Ser Jornalista*, afirma que o jornalismo é uma opção ideológica, já que é o jornalista que define o que é notícia, escolhe as fontes, as imagens. Definir a notícia, escolher a angulação, a manchete, a posição na página ou simplesmente não divulgá-la é um ato de decisão dos próprios jornalistas. É sobre a notícia que se centra o interesse principal no jornalismo (MARCONDES FILHO, 2009, p. 76).

Notícia é a informação transformada em mercadoria, como todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso, a informação sofre um tratamento que adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo (MARCONDES FILHO, 2009, p. 78).

Ou seja, é o jornalista que tem a técnica de transformar um fato em notícia, em algo que o público queira saber. Para isso, o profissional busca o fato, seleciona as fontes, mas não é apenas a técnica que define a notícia. Alfredo Vizeu (2005), no livro *O lado oculto do telejornalismo*, afirma que as notícias:

São uma construção social onde os discursos são a materialização de operações e construções. Constrangimentos organizacionais, rotinas de trabalho, noticiabilidade, valores-notícia e a cultura profissional são elementos extra-textuais do discurso jornalístico (VIZEU, 2005, p. 33).

Para o autor, vários fatores estão ligados à construção da notícia, para além da técnica, como fatores ligados à rotina produtiva, as escolhas dos jornalistas, e as empresas para as quais os jornalistas trabalham. Para que a notícia seja trabalhada pelos jornalistas, definiu-se a noticiabilidade, que é o que determina se um acontecimento é mais importante ou relevante que outro, é o que auxilia o trabalho jornalístico. No livro *Teorias de Comunicação*, Mauro Wolf (1994) sistematiza que a noticiabilidade é:

Constituída pelo conjunto de requisitos que exigem dos acontecimentos- do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é excluído, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional (WOLF, 1994, p. 170).

O que não adquire estatuto de notícia permanece como um acontecimento, mas não é noticiado pelos jornais, e não se torna conhecido pelo mundo. Wolf (1994) afirma que se torna notícia aquilo que, de acordo com a cultura profissional do jornalista, vale a pena ser trabalhado pela imprensa. No livro *Teorias do Jornalismo*, Nelson Traquina (2013) define o conceito de noticiabilidade como:

“conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia” (TRAQUINA, 2013, p. 61).

Sobre a noticiabilidade, é preciso conhecer os valores-notícia, ou seja, o conjunto de fatores que auxiliam os jornalistas a decidirem se algo é noticiável ou não. Wolf afirma que “são as diferentes relações e combinações que se estabelecem entre diferentes valores-notícia que recomendam a seleção de um fato” (WOLF, 1994, p.175). Os valores-notícia estão em todo o processo de produção da notícia e devem ser de conhecimento de todo jornalista. Além disso, precisam ser vistos com rapidez e agilidade, já que a rotina produtiva do jornalista, principalmente em tempos de internet, ganhou ainda mais velocidade, ou seja, o jornalista tem pouco tempo para enxergar os critérios de noticiabilidade e divulgar a notícia.

Mauro Wolf sistematizou os valores-notícia em cinco critérios: critérios substantivos, critérios relativos ao produto, critérios relativos aos meios de informação, critérios relativos ao público e critérios relativos à concorrência. Esses critérios ou categorias se dividem em outras tantas subcategorias.

Um dos principais valores-notícia a serem trabalhados é o da violência, pois, de acordo com Nelson Traquina (2013), no livro *Teorias do jornalismo*, o valor-notícia da violência está ligado ao critério de noticiabilidade da infração:

Por infração, refere-se, sobretudo a violação e transgressão das regras. Assim podemos compreender a relação do crime como notícia. Uma parte importante das notícias sobre crime são rotineiras e breves, porque o grosso do crime é visto como uma rotina. O crime é percebido como um fenômeno permanente e recorrente, e assim grande parte dele é percebido pelos media noticiosos de uma forma igualmente rotinizada (TRAQUINA, 2013, p. 82).

Os pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw (1993) também deram importante contribuição para as teorias da comunicação quando definiram o conceito de *agenda-setting*:

O *agenda-setting* é consideravelmente mais que a clássica asserção que as notícias nos dizem o que pensar. As notícias também nos dizem como pensar nisso. Tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são os poderosos papéis do *agenda-setting* (MCCOMBS; SHAW, 1993, p.62).

No livro *Teorias da Comunicação*, Mauro Wolf (1994) explica a hierarquização criada pelos *medias* para os assuntos do dia, e como essa hierarquização do que é mais importante afirma para a audiência o que é relevante, e o que não merece tanto destaque.

[...] Toma como postulado um impacto direto mesmo que não imediato-sobre os destinatários, que se configura segundo dois níveis: a. a ordem do dia dos temas, assuntos e problemas presentes na agenda dos mass media; b. a hierarquia de importância e de prioridade segundo a qual esses elementos estão dispostos na ordem do dia (WOLF, 1994, p. 132).

Os telejornais utilizam da *agenda-setting* para priorizar alguns assuntos em detrimento de outros, como por exemplo, uma notícia que afeta a vida dos capixabas, ou uma violência que choca as pessoas. Esses fatos vão sendo construídos com base no que os jornalistas julgam ou entendem ser mais importante que outros e despertam como o telespectador deve pensar sobre aquela notícia.

Walter Lippman (2017) afirma que “todo jornal quando alcança o leitor é o resultado de uma série de seleções sobre que itens e em que posição devem ser publicados, quanto espaço cada história deve ocupar, que ênfase deve ter” (LIPPMAN, 2017, p. 301). Ou seja, os jornalistas e as empresas determinam com base nos critérios de noticiabilidade, nos valores-notícia, o que deve ou não ganhar destaque, e como essa narrativa deve ser construída pelos telejornais. A teoria do *newsmaking* aborda a produção das notícias com base na rotina produtiva, cultura profissional dos jornalistas. Mauro Wolf (1994) sistematiza que a teoria do *newsmaking* articula-se dentro de dois limites: “a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos” (WOLF, 1994, p. 169) .

A teoria do *newsmaking*, a *agenda-setting*, os critérios de noticiabilidade são os fatores que nem sempre podem ser reduzidos à ideologia do jornalista, mas a uma série de fatores que envolvam as rotinas produtivas, como fator tempo, espaço, as empresas de notícia.

2.2 Telejornalismo e imprensa no Espírito Santo

Ciro Marcondes Filho (1988), no livro *Televisão: a vida pelo vídeo*, afirma que o ser humano cria um imaginário por meio das imagens, que é social, coletivo e se organiza por símbolos, e que “a televisão é a forma eletrônica mais desenvolvida de dinamizar esse imaginário. Ela também é produtora de imagens” (MARCONDES FILHO, 1988, p.11). Para o autor, as pessoas conseguem, por meio da televisão, e desse imaginário criado pelas imagens, o escape depois de um dia intenso de trabalho e de rotina, por exemplo. A televisão é o aparelho que não falta na casa dos brasileiros, e por isso, é importante estudá-la, por ser um meio de comunicação tão presente na vida das pessoas. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de

Domicílio PNAD (2018) Contínua, realizada em 2017, sobre o acesso à internet e à televisão, em apenas 3,3% dos 70. 382 mil domicílios particulares permanentes do País não havia televisão em 2017.

Os dados da pesquisa mostram que em grande parte das casas brasileiras a televisão é item essencial e também uma das principais formas da sociedade se informar. Dada a expressividade que a televisão representa, Rezende (2000) afirma que:

O telejornalismo cumpre uma função social e política tão relevante porque atinge um público, em grande parte iletrado ou pouco habituado à leitura, desinteressado pela notícia [...] é justamente por causa desse telespectador passivo que o telejornalismo torna-se mais importante do que se imagina, a ponto de representar a principal forma de democratização da informação (REZENDE, 2000, p.23).

A expansão da televisão se deu após a Segunda Guerra Mundial. “Na época, o cinema monopolizava o público noturno, e o rádio era um meio de comunicação de ampla penetração no cotidiano dos lares” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 19). Foi em 1950 que se deu a primeira transmissão de televisão no Brasil e, no Espírito Santo, a televisão chegou à vida do capixaba em 1962.

Foi o jornalista Assis Chateaubriand o responsável pela vinda da TV ao Brasil. Ele era o dono da rede de empresas de comunicação “Diários Associados” e tinha interesses políticos. Chateaubriand sabia que poderia usar a TV a favor de seus interesses.

A tecnologia da televisão brasileira foi importada dos Estados Unidos. Vieram equipamentos de transmissão, câmeras e aparelhos para que a população pudesse assistir à primeira transmissão. Mas para haver programação também deveria existir uma emissora com nome e sobrenome. Foi então que a PFR-3, após dois meses da primeira transmissão, passou a se chamar TV Tupi, com o claro apelo nacionalista comum à época (MARTINUZZO, 2006 p.16).

Guilherme Rezende (2000) realiza uma retrospectiva do telejornalismo brasileiro e conta que foi na TV Tupi, Canal 6 de São Paulo, a exibição do primeiro telejornal: *Imagens do Dia*.

A TV Tupi de São Paulo criou, em janeiro de 1952, outro noticiário. Transmitido diariamente às 21 horas, o *Telenotícias Panair*, era produzido pela equipe de jornalismo da emissora. O telejornal mais importante da TV brasileira da década de 1950, no entanto, só iria surgir logo depois. Primeiro, em 1952, na TV Tupi do Rio, comandado pelo seu único apresentador, Gontijo Teodoro, e, no ano seguinte, na TV Tupi de São Paulo, o *Repórter Esso* se firmou por muitos anos no horário nobre da noite (REZENDE, 2000, p. 105-106).

Assim como a vinda da TV para o Brasil foi com objetivos políticos, no Espírito Santo não seria diferente. “É num contexto de transformação e disputa pelo poder que a TV é implantada no Espírito Santo, pouco mais de uma década após a primeira transmissão, em 1950” (MARTINUZZO, 2006, p. 24). Desde sua origem os veículos de comunicação são usados como instrumentos de poder e política, a televisão seria mais uma forma de propaganda política.

Quem trouxe a TV para o Espírito Santo foi João Calmon, eleito em 1962 como deputado federal. Calmon era amigo de Chateaubriand, como relata o livro *Roda VT* (2006). O jornalista e pesquisador Hésio Pessali (1984), no estudo intitulado *A Imprensa no Espírito Santo*, explica que entre várias tentativas de criar uma estação de televisão no Espírito Santo, apenas uma vingou, a TV Vitória, em 1961, que pertenceu a Rede Diários Associados.

Calmon iniciou como repórter e se tornou diretor dos Diários Associados. Ele acreditava que a televisão o ajudaria em sua vida política (MARTINUZZO, 2006, p. 25). Para conseguir trazer a novidade para o Espírito Santo, Calmon procurou apoio com outras pessoas da sociedade capixaba para serem sócios no projeto.

Calmon decide lançar mãos da venda de ações: quem comprasse seria um dos donos da primeira emissora de televisão capixaba, que se chamaria TV Vitória. Era um negócio arriscado, pois a TV ainda engatinhava no Brasil e poucos se arriscariam a investir nessa área. Porém, a busca pelo prestígio e a possibilidade de ascensão política fez com que muitos empresários confiassem no projeto de Calmon e entrassem para a sociedade (MARTINUZZO, 2006, p. 25).

Após conseguir iniciar a TV Vitória, Calmon abriu uma loja no Centro de Vitória para comercializar os aparelhos televisivos, além disso, foram instaladas TVs na Praça Costa Pereira e na Praça Oito, ambas no Centro de Vitória.

Com a chegada da TV no Espírito Santo, outros empresários e políticos também resolveram investir no mercado e criar outras emissoras, como foi o caso da TV Clube Intermunicipal, fundada por Teodorico Ferraço, que assim como a TV Vitória não apresentou muito sucesso. A TV Clube foi então comprada pela família Monteiro Lindenberg, e era afiliada da TV Globo. “Antes da TV Gazeta, porém, uma outra emissora de televisão chegou ao Espírito Santo. Trata-se da TV Educativa, de posse do governo do Estado” (MARTINUZZO, 2006, p. 28).

Como já afirmado, a televisão no Espírito Santo, surgiu com interesses políticos assim como em grande parte do país e pertence até hoje a algumas famílias da elite capixaba. Como a TV Vitória, afiliada da Rede Record, que pertence

a família Buaiz; a TV Gazeta, afiliada da Globo, pertence à família Lindenberg; a TV Tribuna, afiliada do SBT, do grupo João Santos; a TV Capixaba, de Sá Cavalcanti e Record News, de Rui Baromeu. É importante destacar sobre os grupos que pertencem à mídia capixaba para entender o poder desses grupos em relação à imprensa. E como o jornalismo capixaba está concentrado com algumas pessoas.

Os quatro telejornais analisados na pesquisa foram escolhidos por serem exibidos durante o horário de almoço, em três emissoras. Os telejornais *Balanço Geral*, da TV Vitória, afiliada da Rede Record; o *Ronda Geral* e o *Tribuna Notícias*, da TV Tribuna, afiliada do SBT; e o *ES 1*, da TV Gazeta, afiliada da Rede Globo. As redações dos quatro telejornais estão localizadas em Vitória- ES, e cobrem principalmente a região da Grande Vitória, dada a localização e a proximidade dos municípios.

O estudo dos telejornais foi escolhido dada a representatividade da televisão na vida dos brasileiros. De acordo com levantamento da Kantar IBOPE Media (2018), “o hábito de assistir à TV regularmente chega a 93% da população nas principais regiões metropolitanas do país”. O jornalista e professor José Carlos Aronchi (2015), no livro *Gêneros e formatos da televisão brasileira*, afirma que “as grades podem deixar de apresentar um ou outro gênero, mas o telejornalismo ocupa espaço e visibilidade fundamentais para o conceito de rede de televisão” (ARONCHI, 2015, p. 151).

Na televisão capixaba não é diferente, além dos telejornais nacionais, os locais têm grande representatividade e audiência na televisão. O gênero telejornal é classificado pelo autor como “um programa que apresenta características próprias e evidentes, com apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes” (ARONCHI, 2015, p. 149). Na sequência estão as características principais de cada um dos telejornais estudados.

2.2.1 *Balanço Geral Espírito Santo*

O *Balanço Geral ES* é transmitido pela TV Vitória, afiliada da TV Record no Espírito Santo. Sua exibição ocorre de segunda a sábado, a partir das 11h50, e termina às 14h10. O programa está no ar desde junho de 2009 no Espírito Santo. De acordo com o site institucional da emissora, o programa “inovou o telejornalismo no Espírito Santo quando chegou e se tornou referência do noticiário policial capixaba.

Com linguagem acessível, sempre comprometida com a verdade dos fatos e qualidade na apuração das notícias” (TV VITÓRIA, 2019, s.p). Desde 2009, o apresentador do telejornal é Amaro Neto, atualmente deputado federal que teve o maior número de votos no Espírito Santo nas últimas eleições (GAZETA ONLINE, 2018, s.p). A carreira política do jornalista teve início em 2014, quando concorreu pela primeira vez para deputado estadual, e teve o maior número de votos do Estado, com mais de 55 mil votos. Em 2016, Amaro Neto disputou as eleições municipais de Vitória, pelo partido Solidariedade, contra Luciano Rezende, do PPS, atual prefeito da capital. No primeiro turno, Amaro obteve 35,32% dos votos (G1, 2016, s.p). Já no segundo turno 48,81% (91.034) dos votos, contra 51,19% do seu adversário, Luciano Rezende (G1, 2016, s.p). Em 2019, o jornalista apresentava o *Balanço Geral* aos sábados e quando não está em Brasília. Durante a semana o telejornal é apresentado por Douglas Camargo, que já fazia parte da equipe do *Balanço Geral* e apresentava o quadro “Praça do Povo”.

Douglas Camargo e Amaro Neto apresentam o telejornal com uso de gírias, fazem danças, trazem informação e entretenimento e usam boa parte do telejornal para fazerem comentários após a exibição das reportagens. Atualmente a “Praça do Povo” é apresentada pela repórter Talita Carvalho.

O *Balanço Geral* tem duas horas e dez minutos de exibição, sendo dividido em três blocos. Durante a exibição do telejornal, além das publicidades nos intervalos, o próprio apresentador faz *merchandising* ao longo do jornal, uma média de quatro por dia.

O quadro “Praça do Povo” é diário no telejornal, a equipe faz uma entrada ao vivo durante o *Balanço Geral*, e a cada semana o quadro é transmitido de uma região diferente da Grande Vitória. Alguns telespectadores vão até o local para acompanhar o quadro e participam em busca de reivindicações para a comunidade, ou para pedir alguma ajuda, seja para encontrar um desaparecido, conseguir emprego ou ajuda financeira. A “Praça do Povo” é um quadro patrocinado, tendo um painel com várias logomarcas dos patrocinadores que fica localizado atrás do apresentador, como um cenário. Além do apresentador, o quadro também é apresentado pela “balancete” Pamelayne Eduarda. No último bloco do programa é feita a “maleta premiada”. O apresentador recebe a ligação de um telespectador que precisa adivinhar o objeto que está na maleta. Se o telespectador adivinha ele ganha um valor em dinheiro.

Em entrevista realizada com a editora do *Balanço Geral*, Marcela Lage (LAGE, 2019) foi dito que a linha editorial do *Balanço Geral* é policial e de prestação de serviço. O telejornal cobre o que está relacionado com a segurança pública do estado, como tráfico de drogas, homicídios, tentativas de homicídios, assaltos, com algumas matérias sobre serviço, que vão até os bairros e mostram os problemas para “cobrar” dos órgãos competentes. A editora afirmou que grande parte do público do noticiário são mulheres de Classe C, e que a equipe compõe uma redação integrada, com cerca de 90 colaboradores apoiando a pauta do *Balanço Geral* (LAGE, 2019).

Durante o período estudado, o telejornal apresentou uma média de oito entradas ao vivo durante a exibição. Um repórter entra ao vivo da redação e pelo menos mais dois repórteres realizam entradas ao vivo em alguma região da Grande Vitória.

2.2.2 Ronda Geral

O *Ronda Geral* é transmitido pela TV Tribuna, afiliada do SBT no estado, de segunda a sexta-feira, às 12h35, e está no ar desde novembro de 2013 (REBOUÇAS et al, 2019, p. 5). O programa tem duração de 30 a 33 minutos diários. É apresentado pelo jornalista Tell Miranda e no site do próprio programa é definido como um programa que “oferece serviço e entretenimento aos telespectadores. Com reportagens dinâmicas, o *Ronda Geral* faz uma análise crítica das principais notícias do dia com destaque para reportagens policiais” (TRIBUNA ONLINE, 2019, s.p). Durante as semanas de análise, a apresentação do *Ronda Geral* era realizada pela jornalista Debora Moraes, que deixou a emissora em julho de 2019.

O *Ronda Geral* apresenta uma média de quatro pautas por dia e três notas cobertas. Durante as duas semanas de análise, o programa teve dois intervalos. Uma vez por semana, 10 minutos do programa é destinado para o quadro com um advogado sobre defesa do consumidor, com interação dos telespectadores. Uma vez por semana também acontece o sorteio do “Capixaba Cap” que dura em média 10 minutos. O programa também apresenta *merchandising* feitos pelo apresentador, uma média de dois *merchans* por programa.

No último bloco do *Ronda Geral*, o apresentador mostra reclamações de telespectadores enviadas por vídeos no *WhatsApp*, e essas reclamações são sobre

insegurança, violência ou falta de estrutura nos bairros. Para finalizar o noticiário, o apresentador mostra comentários dos telespectadores na página do programa no *Facebook*. É também um espaço onde os indivíduos mandam “beijos” para outras pessoas.

O *Ronda Geral* tem menos duração do que os outros três telejornais analisados, logo, apresenta um número de matérias também reduzido com relação aos demais noticiários. São realizadas em média quatro pautas por dia. Uma diferença em relação aos demais telejornais é que, durante a análise, o *Ronda Geral* não apresentou entradas de repórteres ao vivo.

A editora do *Ronda Geral*, Rayssa Bringhenti (BRINGHENTI, 2019), afirmou em entrevista que o jornal não tem uma linha editorial definida, que tem assuntos diversos, desde comunidade, redes sociais e policial. Ainda de acordo com a editora, o público é diversificado, mas o retorno é dado, na maioria das vezes, por crianças e donas de casa com idades não definidas.

A equipe tem 12 pessoas, uma editora geral e uma editora responsável. Dois produtores, dois repórteres, dois cinegrafistas de externa, um cinegrafista de estúdio, dois editores de vídeo, um estagiário e o apresentador. São feitas três pautas por dia. Duas pela equipe da manhã e uma pela equipe da tarde.

2.2.3 ES 1

A *TV Gazeta* entrou no ar em Vitória em 1976 (VIZEU, 2005). O *ES 1* é um telejornal também da hora do almoço, transmitido pela TV Gazeta, afiliada da TV Globo no Espírito Santo, exibido de segunda a sábado. Tem duração de 50 minutos, dividido em quatro blocos com três intervalos comerciais. Philipe Lemos e Rafaela Marquezini apresentam o telejornal de segunda a sexta. Aos sábados quem apresenta o telejornal é o jornalista que estiver de plantão na escala da apresentação. As notícias são da Região Metropolitana da Grande Vitória, mas também apresenta entradas com apresentadores e reportagens trazendo notícias do interior do estado. O telejornal exibe matérias de serviço, tempo, trânsito, quadros com dicas domésticas e segurança pública.

No site da Rede Gazeta, as informações são de que o telejornal “cobre 15 municípios capixabas e 679.616 domicílios com televisão, o que significa 2.069.604

telespectadores potenciais, em uma população de 2.036.550 habitantes” (REDE GAZETA, 2018, s.p).

O *ES 1* apresenta participação de repórteres que interagem uma média de três vezes ao longo do jornal com os apresentadores. Essa participação é realizada nas entradas ao vivo para atualizarem uma informação, chamarem as matérias ou darem alguma nota.

Importante destacar que ao completar 42 anos, em 2018, a TV Gazeta reestruturou a identidade visual dos seus telejornais, e modificou o *ESTV 1ª Edição* que, passou a ser chamado de *ES 1*.

2.2.4 Tribuna Notícias 1ª edição

O *Tribuna Notícias 1ª edição*, é transmitido pela TV Tribuna, afiliada do SBT, desde 2001(GARAU, 2018). O telejornal antecede o *Ronda Geral* na programação da TV Tribuna e tem 50 minutos de duração. Assim como o *ES1*, é apresentado por um homem e uma mulher, George Bitti e Ingrid Schwartz Torres. No site institucional da empresa o telejornal é definido como “um telejornal factual, com prestação de serviço e forte perfil comunitário. Da pauta à edição, todos estão envolvidos num único objetivo: oferecer o melhor produto ao público, e isso se reflete no sucesso do programa, que virou referência para telejornais regionais do SBT” (TRIBUNA ONLINE, 2019, s.p).

A linha editorial do telejornal prioriza as matérias de serviço, como afirma a jornalista Elaine de Castro Garau (2018). Em sua dissertação de mestrado que teve como objeto o telejornal *Tribuna Notícias 1ª Edição*, a pesquisadora afirma:

A linha editorial do *Tribuna Notícias* sempre deu um grande destaque à matérias de cunho policial, mas, notadamente a partir de 2015, o programa passou por um importante momento de redefinição de perfil. Matérias de polícia ainda ocupam uma boa parte da estrutura diária do *Tribuna Notícias*, mas, seguindo uma tendência de valorização do jornalismo comunitário, o *TV* tem investido não só em quadros de serviço como também em reportagens e quadros mais leves (GARAU, 2018, p. 107).

O telejornal passou por mudanças novamente em 2019, nos anos anteriores ele era apresentado por Torino Marques e Ingrid Schwartz Torres, mas Torino concorreu às eleições de 2018 e foi eleito deputado estadual com mais de 22 mil votos.

O *Tribuna Notícias 1* apresenta o quadro “Coisas de Casa”, com dicas para auxiliar nos afazeres domésticos. Assim como o *Balanço Geral* e o *ES1*, o *Tribuna Notícias 1* também utiliza o recurso do ao vivo para que os repórteres interajam ao longo do telejornal com os apresentadores e as matérias que são exibidas. Durante as duas semanas de análise houve uma média de três entradas ao vivo em cada programa.

2.3 Telejornalismo policialesco ou telejornalismo popular?

O jornalismo policialesco vai além da cobertura de matérias policiais, e usa linguagem diferente do telejornal considerado tradicional. Explora a violência e o sensacionalismo. Mesmo que pareça um modelo atual, o jornalismo considerado policialesco ou sensacionalista existe desde a década de 1930. No livro *A face obscura da esfinge midiática*, a professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Nubia Simão (2017), faz um percurso histórico falando sobre o início do sensacionalismo na França e nos Estados Unidos, até o uso no Brasil:

Desde a “pré-história” da imprensa os noticiários, mesmo amadores, descobriram o potencial da fórmula sangue, sexo e violência como forma de atrair o público. No jornalismo, o sensacionalismo aparece como característica nos primeiros jornais na França e nos Estados Unidos, mas a imprensa de escândalo originou-se nos Estados Unidos, no jornal *World* de Pulitzer. No Brasil o sensacionalismo está incorporado aos padrões de vários informativos brasileiros desde a década de 1930 (SIMÃO, 2017, p. 51).

Mas é no final da década de 1960 que surge o primeiro programa sensacionalista no Brasil, como explica o pesquisador Jaime Carlos Patias (2005) em seu trabalho *O espetáculo da violência no telejornal sensacionalista: uma análise do “Brasil Urgente”*:

No final da década de 60, um estilo de programa que retratava a miséria humana, conflitos familiares, histórias policialescas, prostitutas, homossexuais e mendigos, começou a fazer muito sucesso na televisão brasileira. Um dos pioneiros nesta linha foi Jacinto Figueira Júnior, que estreou, em 1966, na TV Cultura de São Paulo, o programa “O Homem do Sapato Branco”. Essa atração foi líder de audiência por vários anos, adotava uma linha que tinha por objetivo mostrar as mazelas da sociedade brasileira de maneira sensacionalista e era baseada no “grotesco chocante” (PATIAS, 2005, p. 44).

O programa passou por diversas emissoras, como a TV Globo, Bandeirantes, SBT, além da TV Cultura. Patias (2005) afirma que o programa levava para dentro

da casa das pessoas tudo aquilo que elas não queriam em seu convívio, como mendigos, prostituição e violência. No final da década de 1970, o programa “*A Voz do Povo na TV*” foi mais um a elevar os índices de audiência, mas este, na TV Tupi.

No final da década de 70, a extinta Rede Tupi conseguiu elevar seus índices de audiência com o programa “*A Voz do Povo na TV*”. Exibido durante o período vespertino, essa atração se propunha a ser uma espécie de prestação de serviços para a população; dava voz àquelas pessoas que não tinham a quem recorrer (como o próprio nome sugeria)(PATIAS, 2005, p.45).

A partir de 1990, o telejornal policiaisco ganha força no Brasil. Isso se deu pela diversificação e acesso da televisão para os brasileiros, que fez com que os jornais buscassem novos públicos, que incluía principalmente as classes C e D. O programa *Aqui Agora*, lançado em 1991, pelo SBT, tinha como principal característica a espetacularização dos fatos, como explica a jornalista e pesquisadora Suzana Varjão, no estudo *Violações de direitos da mídia brasileira: ferramentas práticas para identificar violações de direitos no campo da comunicação de massa*.

A exploração de uma linguagem realística e a espetacularização dos fatos narrados eram suas principais características. E sua emergência enquanto produto pretensamente jornalístico tem relação direta com o desenvolvimento histórico dos chamados “programas de realidade”. Na época, alguns críticos do campo trataram de enquadrá-lo como “jornal popular”, sendo, inclusive, considerado por alguns autores como o primeiro do gênero na televisão brasileira (VARJÃO, 2015, p. 9).

Os programas sensacionalistas como *Aqui Agora*, *A Voz do Povo na TV*, entre outros, permitiam a participação do telespectador para que pudesse exigir do Estado o que não estava “certo”, cobrando soluções para determinados problemas apresentados no jornal. Nesse contexto a imprensa é vista como vigia da sociedade, num processo em que repórteres e apresentadores atuavam exigindo melhorias por parte do poder público e realizando denúncias constantes.

Emoção e comoção passam a fazer parte dos noticiários, e os apresentadores se envolvem nas matérias com espaço para fazerem comentários sobre o que estava sendo abordado. Os repórteres acompanhavam, por exemplo, uma perseguição da polícia ao vivo. O que desencadeou uma mudança na forma com que as imagens eram vistas, as câmeras em movimento, plano sequência, que não eram comum no telejornalismo.

De acordo com Gustavo Guimarães Barbosa e Carlos Alberto Rabaça (2001), em *Dicionário de Comunicação*, sensacionalismo é:

1. Estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público. Esse exagero pode estar expresso no tema (no conteúdo), na forma do texto e na apresentação visual (diagramação) da notícia. O apelo ao sensacionalismo pode conter objetivos políticos (mobilizar a opinião pública para determinar atitudes ou pontos de vista) ou comerciais (aumentar a tiragem do jornal). (...) 2. Qualquer manifestação literária, artística etc. que explore sensações fortes, escândalos ou temas chocantes, para atrair a atenção do público (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p. 48).

O sensacionalismo no telejornalismo, segundo Patias (2006), existe há muito tempo e a audiência sempre foi um dos fatores que motivaram sua presença constante na televisão. Ele teve origem nos EUA, na década de 1980, e no Brasil, um pouco antes, na década de 1960.

O gênero, no seu estilo e forma, tende a explorar o extraordinário, anormal, o *fait divers*, utilizando-se da linguagem do espetáculo e imagens chocantes que prendem a atenção do público, criando grande expectativa, mas perde o seu impacto inicial logo que a história é mostrada e consumida pelo telespectador (PATIAS, 2005, p. 81).

Outra característica é tornar espetacular uma notícia qualquer, fazendo o uso de imagens e expressões repetidas vezes. As atenções que os telejornais dão para alguns casos ou matérias jornalísticas tornam o fato espetacular, como ocorre principalmente com as matérias sobre violência. Tais matérias são exibidas como a grande notícia do dia e ao invés do debate, o telejornal cria certo tipo de alarde para os telespectadores, mas com pouco contexto e poucas discussões de fato necessárias ao telespectador.

O telejornalismo, assim como outros gêneros de comunicação, sofre intervenções diretas das leis de mercado, que influenciam na produção de conteúdo, no modo de informar os acontecimentos. Segundo Bourdieu (1997, p. 20), as pressões econômicas fazem da televisão “um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica”. Marcela Reis (2012), em sua obra *O espetáculo e sensacionalismo no telejornal piauiense Bom Dia Meio Norte*, explica a real intenção das emissoras ao adotarem o sensacionalismo nas notícias:

Ao passo que os telejornais sensacionalistas passam a noticiar assuntos fúteis que prendem a atenção do público ocupando um tempo precioso na televisão, mas de pouca relevância, sem conteúdo crítico, tem-se assim, uma violência da ordem simbólica que remete a omissão de fatos importantes para a sociedade. A imagem televisiva utilizada sem rigor pelo telejornalismo sensacionalista tem um efeito de real, que faz ver e crer no que vê. Isso pode gerar um poder de mobilização ou não na sociedade. Mas, no sensacionalismo, tal mobilização não é voltada para o lado social,

pelo contrário, volta-se para o consumo, para o mercado (REIS, 2012, p. 80).

Rômulo Magalhães e Anna Carolina de Oliveira (2015), autores do artigo *Os programas “policialescos” e o espetáculo da barbárie: um estudo à luz da proteção integral dos direitos de crianças e adolescentes*, caracterizam esses programas como:

Marcados pela exploração de uma linguagem realística e pela espetacularização dos fatos narrados. Neles, reforçam-se, por exemplo, a visão idealizada de agentes policiais e a defesa do uso da violência praticamente como única alternativa no combate ao crime (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 2015, p. 172).

Para os autores, as matérias policiais costumam seguir uma “receita de bolo”, onde a polícia é tida como fonte privilegiada da notícia, a punição do sujeito é supervalorizada e a mensagem transmitida é a de que o Estado brasileiro está em uma constante guerra contra os “criminosos”.

A forma de apresentação do telejornal policialesco remete ao sensacionalismo, com o uso de linguagem popular, onde o apresentador faz seus próprios julgamentos e expressa sua opinião. Pierre Bourdieu (1997), no livro *Sobre a Televisão*, afirma que o jornalismo usa do sensacionalismo para se destacar entre os demais. “Levadas pela concorrência por fatias de mercado, as televisões recorrem cada vez mais aos velhos truques dos jornais sensacionalistas [...]” (BOURDIEU, 1997, p. 73). O autor afirma que uma das características da TV é a pressão pela urgência, por quem consegue o furo primeiro.

Sobre a televisão, o índice de audiência exerce um efeito inteiramente particular: ele se retraduz na pressão da urgência. A concorrência entre os jornais, a concorrência entre os jornais e a televisão, a concorrência entre as televisões toma a forma de uma concorrência pelo furo para ser o primeiro (BOURDIEU, 1997, p. 38).

Muitas vezes essa corrida pelo furo, ou o fato de um jornal “vigiar” o outro o tempo todo, pode acarretar ainda uma baixa qualidade no que está sendo produzido e a falta de diversidade de informações para os telespectadores, além disso, a busca pela audiência também transforma alguns telejornais em espetáculos.

Uma das principais características do sensacionalismo é a linguagem utilizada nas matérias e na apresentação do telejornal. Os apresentadores costumam falar sempre em tom de provocação, com fisionomias de raiva, indignação e usando palavras ofensivas aos “bandidos”, “criminosos”. Ana Carolina Rocha Temer e

Simone Tuzzo (2016), em um estudo sobre as representações das cidades no telejornalismo brasileiro, abordam o grotesco trabalhado pela televisão e, logo, pelo telejornalismo.

A notícia carrega um alto potencial para o grotesco: os acidentes com os corpos destruídos, os atos terroristas e os danos que trazem consigo são, de muitas formas, manifestações grotescas de um tipo de barbárie que afeta a civilização. Essa relação torna-se mais visível no telejornalismo popular sensacionalista que, com a sua propensão ao bizarro e ao vulgar, impõe as representações grotescas a partir de uma dupla perspectiva: como estratégia para chamar a atenção, uma vez que surpreende os sentidos; mas também como caminho para conquistar um conjunto de receptores que, por vários motivos, se sentem aliados do modelo estético dominante (TEMER; TUZZO, 2016, p. 21).

As autoras afirmam ainda que não é apenas o telejornalismo sensacionalista que trabalha o grotesco e a violência, mas a televisão e o jornalismo em geral. As notícias são sobre o que foge a normalidade, o que muitas vezes é grotesco. Mas a perspectiva do grotesco trabalhado pelas autoras não é apenas estética ou um recurso para popularizar o jornalismo, é também uma forma de poder, de reforçar as diferenças existentes nas sociedades e reforçar estereótipos e preconceitos.

O jornalista e pesquisador Danilo Angrimani (1995), no livro *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*, realiza um estudo histórico sobre o sensacionalismo e fala sobre a linguagem utilizada para esse formato de jornalismo, que nem sempre é considerado jornalismo:

Há uma linguagem neutra, objetiva, que permite um distanciamento, um não-envolvimento entre o público e a mensagem informativa. Essa linguagem foi chamada de *sígnica*. A outra, que rompe com essa couraça protetora e provoca emoções no receptor, recebeu o nome de *clichê*. Mais: foi visto que mesmo um produto jornalístico neutro, *sígnico*, poderia em seu percurso, ser “intoxicado” por características-clichê (ANGRIMANI, 1995, p.108).

Importante ressaltar que pela corrida pela audiência e o uso do entretenimento no jornalismo, não é mais tão difícil que os telejornais façam o uso do que Angrimani (1995) considera “clichê”, já que é uma receita que conquista o público. O fato é percebido, por exemplo, nos telejornais capixabas, que são de emissoras diferentes, mas são exibidos em horários próximos, o que faz aumentar a concorrência e a busca pela audiência.

O professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, José Arbex Jr. (2001), no livro *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*, explica como a televisão contamina a cultura. O autor afirma que a notícia é construída com base nas exigências do mercado: “a notícia, como produto final, é o resultado de um pacto de

cumplicidade: o mercado se vê refletido por uma mídia que, por sua vez, dá visibilidade aos eventos que reforçam a estrutura do mercado” (ARBEX JUNIOR, 2001, p. 97). O que se pode relacionar ao telejornalismo policiaisco, ou sensacionalista, cria-se um espetáculo para “vender” a notícia.

A professora da Universidade Federal de Santa Maria, Márcia Franz Amaral (2006), autora do livro *Jornalismo Popular*, discute o sensacionalismo em outra perspectiva. Para a autora, o termo sensacionalismo está ultrapassado, e atualmente, a maioria dos jornais usam desse sensacionalismo. Ela propõe o uso do termo “jornalismo popular”. “É possível afirmar que todo o jornal é sensacionalista, pois busca prender o leitor para ser lido e, conseqüentemente, alcançar uma boa tiragem” (AMARAL, 2006, p. 20). Para a autora, é preciso distinguir o que é mau jornalismo, do que é jornalismo para as classes populares, para que se possa pensar em um jornalismo de qualidade para essas classes. Amaral (2006) propõe uma interessante discussão, e causa uma reflexão acerca dos conteúdos jornalísticos e principalmente do que é considerado sensacionalista. A autora faz uma importante ligação com os jornais populares e a conexão com o local:

O jornalismo dedica-se a produzir conhecimentos sobre o cotidiano, e os jornais populares dão visibilidade também aos sentimentos das pessoas sobre o mundo, mas não se resumem mais à produção de sensações com matérias policiaiscas. Atualmente os jornais preocupam-se com que o leitor tenha um sentimento de pertencer a determinada comunidade, percebendo que o jornal faz parte do seu mundo (AMARAL, 2006, p. 24).

O fator proximidade é destaque nos telejornais aqui estudados. São todos noticiários locais da região metropolitana da Grande Vitória. Levam as notícias dos bairros, fazem com que o telespectador tenha a sensação de que ele está informado de algo que é da sua vivência. Fato que também carrega responsabilidade aos telejornais, para que não provoquem sensações nos telespectadores que não sejam verdadeiras.

2.4 A exploração da violência pelos telejornais

O jornalismo, em todos os seus meios, sejam impressos ou televisivos, utiliza a violência como forma de notícia. O professor Ciro Marcondes Filho (1988) afirma que “a violência é um forte componente dos conteúdos da TV” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 87). Para o autor, as pessoas precisam assistir outros indivíduos

sendo punidos para que encontrem uma espécie de conforto para obedecerem às regras das sociedades.

Quem todos os dias vive experiências de privação, quem tem de abrir mão de suas vontades em prol de um princípio de realidade opressor e anônimo, quem “precisa” padecer sob as normas da sociedade e recalcar todas as aspirações de felicidade, precisa encontrar na TV, mas não só nela, a valorização do seu sofrimento. O fora-da-lei, o criminoso o marginalizado, o diferente, o ousado, o aventureiro, o irresponsável, o cabeça-fresca, sempre acabam mal, pois o que vale é o princípio de sensatez, é viver sob o padrão exigido. Nesse sentido, a violência na TV é idêntica à violência com que a sociedade trata todos aqueles que ousam romper com esse princípio de realidade e desafiá-la. Por isso ela é valorizada (MARCONDES FILHO, 1988, p. 88).

Para o autor, é por esses motivos que a televisão explora a violência, pelo histórico também das audiências dos programas sensacionalistas, e até mesmo das novelas que sempre exploram a violência de alguma forma, mas a pesquisa em tela explora a violência no telejornalismo.

O professor emérito da Universidade de São Paulo, Milton Santos (2001), ligava a exploração da violência a uma espécie de competitividade que os veículos de comunicação exercem uns com os outros, o que leva até a representação da violência para a conquista da audiência. “A competitividade é uma espécie de guerra em que tudo vale e, desse modo, sua prática provoca um afrouxamento dos valores morais e um convite ao exercício da violência” (SANTOS, 2001, p. 57). A violência se tornou rentável, e para conquistar os telespectadores, e continuar no mercado, o campo jornalístico a explora.

Marilena Chaui (2006), no texto *Simulacro e Poder: uma análise da mídia*, faz um percurso sobre a violência, e afirma que no Brasil a extensão da violência tem levado a banalização do mal.

A dimensão pública assumida pela violência no Brasil, nos últimos anos tem levado à “banalização do mal”, para usarmos a expressão cunhada por Hannah Arendt. A imagem do mal banalizado é construída a partir de outras imagens expressas em palavras como chacina, massacre, guerra civil tácita. Estas imagens, por sua vez, são referidas a fatos, como o da indistinção entre crime e polícia, ou a ideias, como as de crise ética, fraqueza da sociedade civil, debilidade das instituições públicas (CHAUÍ, 2006, p. 115).

Chauí afirma ainda que por não ter limites, a violência devasta a natureza humana, e que cada ser humano tem uma forma de medir o que é violento do não violento, e que isso é feito por uma série de símbolos.

Quando nos colocamos na perspectiva do *métron*, isto é, da medida da avaliação, estamos saindo da esfera da natureza enquanto algo dado ou enquanto fato bruto para nos situarmos no interior da esfera da cultura,

entendida como o modo de uma sociedade interpretar a realidade por meio de símbolos e valores pelos quais passa a medir e a diferenciar o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso, o bem e o mal [...] (CHAUI, 2006, p.119).

Na perspectiva de Chauí (2006), pode-se relacionar como os meios de comunicação são os responsáveis, muitas vezes, por criarem esses símbolos e reforçarem o bem e o mal. No caso das juventudes, partindo da hipótese de que os telejornais representam as juventudes de forma a construir uma identidade do jovem rebelde e responsável pelas violências, essa percepção passa para os telespectadores, que tendem a olhar para os jovens com olhares de repreensão e medo. Por isso é importante que a violência, simbólica ou física, seja abordada pelos telejornais de forma que dê subsídios para que a sociedade cobre soluções, que a discussão não fique em torno das prisões e dos discursos que apontam que “bandido bom, é bandido morto” ou, por exemplo, sobre a discussão da redução da maioridade penal. A violência não pode ser vista como prática normal, as pessoas aceitam assistir a violência e a imagens chocantes, sem que isso as incomode.

A jornalista e mestre em comunicação, Suzana Varjão (2008), após um estudo dos cadernos de polícia dos principais jornais impressos da Bahia, afirma que no jornalismo é realizado um tratamento especial nas matérias dependendo da classe social envolvida. No caso das classes mais baixas, o tratamento não é o mesmo dado para as classes mais altas.

O que expõe a dimensão simbólica instituída e instituinte das narrativas midiáticas em relação ao fato social “real” é a constatação de que, em relação aos mais pobres, exatamente os que mais sofrem violências, o tratamento jornalístico é mais descuidado do que o praticado contra os mais favorecidos, ou seja, os que menos sofrem violências (VARJÃO, 2008, p. 101).

Desse modo, é como se fosse normal que as violências ocorressem com os mais pobres, já que muitas estatísticas apontam para as violências entre as classes mais baixas. Entretanto, o fato não pode ser visto com naturalidade, mas sim como um incômodo. Se o problema está posto, se ele existe, precisa elevar o debate para que seja resolvido. O professor da Universidade de Sorbonne, Michel Maffesoli (1987), afirma que a violência faz parte da civilização, mas que “apesar do alarmismo jornalístico, que não é exatamente desnecessário, é importante que saibamos compreender esse fenômeno com o máximo de serenidade possível” (MAFFESOLI, 1987, p.13). Nesse contexto, o jornalismo exerce importante função e pode auxiliar para que as discussões sobre as violências ocorram de forma mais

séria e respeitosa. É importante ressaltar ainda que não existe “a violência”, e sim inúmeras formas de violência, portanto, torna-se urgente que o jornalismo também contribua no sentido de denunciar e exigir condições melhores de segurança para todos, seja no país, estado ou bairro em que cada indivíduo vive.

3. Análise do enquadramento noticioso nos telejornais

A pesquisa empírica desenvolvida buscou analisar os telejornais *Balanço Geral*, *Ronda Geral*, *Tribuna Notícias 1* e *ES1*. Para a análise foram utilizadas as categorias idade dos jovens, sexo e gênero dos jovens, cor ou raça, quantidade de matérias com a presença das juventudes, fontes utilizadas nas matérias, locais das coberturas, tema da matéria, gêneros jornalísticos e a tipificação recebida pelos jovens durante as coberturas. Importante ressaltar que parte dos dados são das matérias de segurança e polícia, um total de 117 matérias de polícia contendo jovens, contra 17 matérias de temas como esporte, educação, comportamento, saúde, economia.

Para auxiliar na análise, um formulário foi construído para a pesquisa com opções abertas, fechadas ou de múltipla escolha (Apêndice A), para que a análise geral fosse feita, e a partir dela foi construída a análise de algumas matérias selecionadas para serem descritas e discutidas com base no enquadramento construído pelos telejornais quando o assunto é as juventudes. Torna-se importante ressaltar que as matérias com jovens participaram do corpus da pesquisa num total de 134, as outras matérias sem a participação dos jovens totalizaram 292 matérias.

Todas as matérias foram gravadas para a pesquisa, para que o material fosse de fácil acesso e não dependesse dos sites que disponibilizam os noticiários, caso eles fossem apagados.

Para auxiliar na categorização das matérias, foi utilizada a idade dos jovens de 15 a 29 anos, com base na definição realizada no Estatuto da Juventude (2013) e pelo IBGE (2003), e quando a idade não foi divulgada, a palavra “jovem” ou “adolescente” contou para determinar. O material da pesquisa foi codificado com base na metodologia desenvolvida por Laurence Bardin (1977) que explica:

A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto que pode servir de índices (BARDIN, 1977, p. 103).

Bardin (1977) trabalha ainda a importância da categorização para a realização da análise de conteúdo. Para a pesquisa, o conceito de categorização semântico da autora foi utilizado durante a análise. “O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, ficam agrupados na categoria ansiedade)” (BARDIN, 1977, p. 118). A análise foca nos temas que envolvem as juventudes.

Ao todo, 40 edições de quatro telejornais e 134 matérias foram analisadas, esse número corresponde ao número de matérias que tiveram a participação dos jovens, sejam eles vítimas ou autores das violências, além de personagens das matérias de esporte, educação, saúde, comportamento e economia. Somando os quatro telejornais, foram 292 matérias sem a presença das juventudes, como já dito.

O objetivo geral de pesquisa é realizar a análise de conteúdo em quatro telejornais capixabas, *Balanço Geral ES*, *Ronda Geral*, *ES1* e *Tribuna Notícias 1* para saber como eles realizam o enquadramento noticioso dos jovens da Grande Vitória- ES.

Buscando alcançar os objetivos definidos, parte-se da proposição de que o telejornalismo capixaba apresenta, em sua maior parte, um discurso oficial e estereotipado das juventudes, vindo da polícia, e que, principalmente, em matérias de polícia, os jovens não são ouvidos.

O primeiro passo da pesquisa foi a escolha dos telejornais analisados e o período de análise. Os telejornais escolhidos foram de três emissoras e que são transmitidos durante o horário do almoço, sendo exibidos quase ao mesmo tempo em cada emissora, e o recorte temporal foi durante a última semana de março de 2019, e a segunda semana de abril de 2019. O recorte foi realizado visando a um período sem acontecimentos como férias ou feriados para que a cobertura dos telejornais fosse a mais factual possível, para que os dados não fossem comprometidos.

3.1 As juventudes presentes nos telejornais

A primeira parte da análise foi organizada com uma visão geral sobre os quatro telejornais analisados, e a segunda parte traz uma visão mais detalhada de algumas matérias escolhidas para servirem de exemplos de enquadramentos noticiosos utilizados pelos telejornais. Por se tratar de um corpus de 134 matérias, e pelo tempo hábil do mestrado, optou-se por analisar as matérias de polícia que os quatro telejornais trabalharam, para viabilizar o estudo comparativo dos noticiários. Além disso, escolheu-se analisar duas matérias de polícia em que os jovens, considerados como agentes de violências, foram entrevistados pelos telejornais, o que ocorreu apenas em duas matérias. Também faz parte da análise as matérias de educação, esporte, economia e comportamento que os telejornais produziram.

Na sequência apresenta-se uma “nuvem de palavras” com os títulos usados pelos telejornais para as matérias analisadas.

matérias com jovens, todas na editoria de polícia, foram 52 matérias e 99 matérias sem jovens, em porcentagem representa que foram exibidas 34% de matérias com jovens e 66% de matérias sem os jovens. O *Ronda Geral* exibiu 13 matérias com jovens, e 28 matérias sem jovens, 33% das matérias com jovens e 77% sem jovens. O *ES1* apresentou 37 matérias com jovens e 65 matérias sem jovens, o que representa 36% de matérias com jovens e 64% sem jovens. O *Tribuna Notícias 1* exibiu 33 matérias com jovens e 100 matérias sem o jovens, o que mostra um percentual de 25% de pautas com jovens e 75% sem jovens. Praticamente em todos os telejornais, a metade das matérias exibidas são sobre as juventudes, apenas o *Tribuna Notícias 1* que apresentou um número maior para matérias sem os jovens.

3.1.3 Sexo dos jovens presentes nas matérias

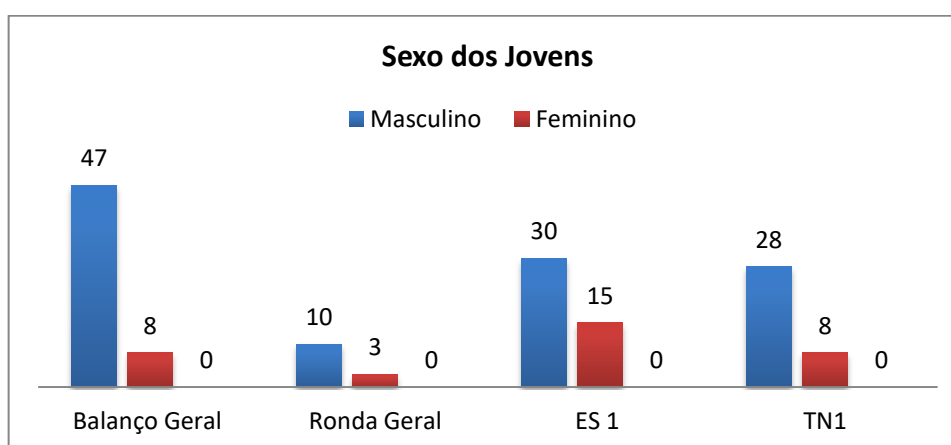


Gráfico 2 – Gênero dos jovens presentes nos telejornais

Os dados mostram que nas matérias presentes nos telejornais, a maioria dos jovens são do sexo masculino, o que representa cerca de 85% das matérias, já as jovens são cerca de 15%.

A partir da análise pode-se afirmar que os telejornais quase não apresentam as mulheres em suas matérias sobre juventudes. A frequência do sexo masculino nas reportagens é muito maior.

Os dados mostram que a questão de gênero apresenta, ainda, bastante desigualdade com relação ao masculino e ao feminino. O que mostra que nas duas semanas de análise foi representado pelo telejornalismo capixaba um “mundo de homens”. O masculino apresenta uma representação muito maior do que o feminino, isso mostra a relação de poder existente há anos na sociedade. O estudo

Representações de Gênero na Mídia (ROCHA; WOITOWICZ, 2013) mostra que os meios de comunicação apresentam maior protagonismo masculino e tendência à invisibilidade das mulheres. O estudo revela ainda “um tipo de comportamento da imprensa, que de forma consciente ou não produz desigualdades no tratamento de homens e mulheres nas notícias” (2013, p.12).

Nessa perspectiva de uma análise de gênero, é importante que os telejornais sejam compreendidos como espaços de construção de relações de gênero, dando voz e representando as mulheres que há tantos anos são silenciadas e invisibilizadas.

3.1.4 Cor ou Raça dos jovens

Outra categoria de análise foi a identificação de cor e raça dos jovens presentes nas matérias. A identificação teve como base as categorias utilizadas pelo IBGE (2003). Durante as duas semanas de análise, observou-se que nos quatro telejornais, a maioria dos jovens eram negros, como aponta a tabela 1. Importante ressaltar que em algumas matérias não foi possível identificar a cor das pessoas, já que elas não apareceram nas imagens.

A classificação de cor ou raça foi realizada com base na classificação do IBGE (2003):

Um método de identificação racial é um procedimento estabelecido para a decisão do enquadramento dos indivíduos em grupos definidos pelas categorias de uma classificação, sejam estas manifestas ou latentes. Existem basicamente três métodos de identificação racial, que podem ser aplicados com variantes. O primeiro é a auto-atribuição de pertença, no qual o próprio sujeito da classificação escolhe o grupo do qual se considera. A auto-atribuição, por exemplo, pode ser registrada pelo próprio sujeito em um formulário ou pode ser respondida ao entrevistador que a registra. O segundo é a heteroatribuição de pertença, no qual outra pessoa define o grupo do sujeito. O terceiro método é a identificação de grandes grupos populacionais dos quais provieram os ascendentes próximos por meio de técnicas biológicas, como a análise do DNA (IBGE, 2003, p. 7).

A heteroatribuição de pertença foi utilizada, já que a cor ou raça foi definida com base na observação da pesquisadora ao analisar as imagens das pessoas que apareceram nas reportagens. A heteroatribuição foi necessária já que não seria possível que cada indivíduo das matérias realizassem a auto-atribuição.

A heteroatribuição foi feita apenas sobre os jovens que apareceram nas matérias analisadas. Em algumas matérias apareciam jovens de cor ou raça

diferentes, e em outras matérias o jovem não foi identificado, por isso, na tabela foi incluída a expressão “sem identificação” para apontar que em alguns casos não foi possível realizar a heteroatribuição. Alguns casos estão relacionados ao fato de que apenas o repórter, ou testemunhas e autoridades são destaques nas matérias, não tendo imagens dos jovens. Para a heteroatribuição foram usados dois ou mais fenótipos negros, como tom da pele, cabelo crespo, nariz largo, por exemplo, para classificar os jovens como negros ou pardos.

Entende-se a importância da discussão racial e por isso, a categoria não poderia ser excluída da pesquisa, dada a importância da discussão de raça existente no país. A autora Lilia Moritz Schwarcz, na obra *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*, afirma que:

Cores por aqui representam uma forma de linguagem privilegiada, que repercute cultural, econômica e socialmente. Definir a cor do outro ou a sua é mais do que um gesto aleatório; o ato vincula outros marcadores fundamentais para a conformação e o jogo de identidades (SCHWARCZ, 2012, p. 102).

Tabela 1- Cor ou raça dos jovens presentes nas matérias

Cor ou Raça	Balanço Geral	ES1	Ronda Geral	Tribuna Notícias 1
Negro	24	19	6	19
Pardo	4	8	2	3
Branco	6	10	4	7
Sem Identificação	20	6	3	6

Fonte: Produzida para a pesquisa, com base nos dados dos telejornais e na categorização do IBGE

A partir dos dados é possível perceber que a maioria das matérias dos telejornais apresentam jovens negros, e principalmente, em matérias policiais. O que pode ser apontado como uma problemática social do enquadramento dessas juventudes realizado pelos telejornais.

De acordo com o *Guia de Referência para Cobertura Jornalística: Adolescentes em conflito com a Lei*, produzido pela ANDI (2012), as coberturas jornalísticas sobre adolescentes infratores não focam na perspectiva étnico-racial:

No que se refere aos aspectos de raça/etnia, o levantamento revela ser praticamente inexistente nos meios impressos a vinculação de problemática dos adolescentes em conflito com a lei e questões étnico-raciais. Segundo os dados coletados, 99,2 % dos textos não relacionam esses garotos e garotas a agrupamentos desse tipo (ANDI, 2012, p.66).

Mesmo sendo um trabalho feito em 2012, e voltado para crianças e adolescentes em conflito com a lei, o Guia continua atual e aplicável também para as questões voltadas para as juventudes. As matérias sobre as juventudes não trabalham as questões raciais, o que pode tornar natural que as pessoas não se incomodem ou não percebam que diariamente jovens negros são vítimas ou agentes das violências, quando esse fato não é natural e muito menos aceitável.

De acordo com o último censo (IBGE, 2010) realizado pelo IBGE, 50,7% da população brasileira é constituída por negros e pardos, o que afirma que a população negra no país é maioria. Os dados divulgados pela Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios, PNAD (PNAD, 2017), com dados mais recentes de 2016, apontam que no Espírito Santo 2,42 milhões de pessoas são negras, e 1,52 milhão se autodeclararam brancos de um total de 3.514.952 pessoas (IBGE, 2010).

Em entrevista concedida ao jornal *Folha de S. Paulo*, o sociólogo Florestan Fernandes (1979) foi questionado se o negro é marginalizado porque é pobre ou porque é negro. A resposta foi:

Pelas duas coisas. São duas barreiras simultâneas. Uma racial, e outra econômica. Quando ele consegue vencer uma delas, a social, ele tem a racial. A barreira racial existe concomitantemente e em vários graus. Há grupos que discriminam, outros que não, variando também a intensidade, dependendo do grupo social, da formação cultural, de uma série de fatores (FERNANDES, 2017, p. 121).

Por acreditar na importância da discussão racial, que não é diferente quando o foco são os jovens, utiliza-se a categoria cor ou raça nas discussões desta pesquisa, já que o preconceito passa pelas juventudes negras que, no telejornalismo, são vistas na maioria das matérias relacionadas ao crime e à marginalidade. Jovens negros e brancos vivem a juventude de formas diferentes, como já apontado.

José Arbex Junior (2001) afirma que no mundo contemporâneo a perspectiva racista e preconceituosa não é acidental:

É uma perspectiva exacerbada pelos Estados, como componente fundamental à elaboração de um mecanismo criador de identidades e exclusões. Esse mecanismo de construção de identidades tornou-se indispensável, em um contexto que dissolveu os grandes laços que uniam povos e nações em comunidades, e estimulou ao máximo a competição (por territórios e mercados) (ARBEX JUNIOR, 2001, p. 123).

Mesmo com anos de discussões acerca de racismo e preconceito, os avanços são poucos, e chegam a passos lentos no jornalismo. O telejornalismo

continua a falar da juventude negra como sinônimo de violência, sem se envolver com os fatos e discutir políticas públicas para esses jovens.

3.1.5 Idade dos jovens presentes nas matérias

Outra categoria analisada foi a idade dos jovens que apareceram nas matérias. Mesmo entendendo que as juventudes não podem ser definidas apenas pela faixa etária, a idade dos jovens foi uma forma de categorizar a análise. Foram considerados jovens aqueles com idade entre 15 a 29 anos, que é a idade que o IBGE (2003) também usa para classificar a juventude. A idade foi possível ser definida pelas informações disponibilizadas pelos telejornais. Em matérias que a idade não foi disponibilizada, foram usados os termos jovem e adolescente. Além disso, a fisionomia dos jovens foi levada em consideração.

Tabela 2- Idade dos jovens presentes nas matérias

Idade	Balanço Geral	Ronda Geral	ES1	Tribuna Notícias 1
	Frequência	Frequência	Frequência	Frequência
15	6	1	6	4
16	4	-	3	5
17	12	1	5	3
18	3	-	2	3
19	5	1	3	-
20	5	-	3	1
21	5	3	2	3
22	7	1	3	4
23	3	2	3	1
24	3	1	4	2
25	3	2	-	4
26	2	-	2	1
27	4	1	-	
28	1	-	-	2
29	3	1	2	3

Fonte: Produzida para a pesquisa, com base nos dados dos telejornais

A faixa etária de 15 a 22 anos foi a que mais esteve presente durante as duas semanas de análise. No *Balanço Geral*, 12 jovens de 17 anos foram matéria. A idade também teve maior frequência no *ES1*. Já o *Tribuna Notícias 1* apresentou

mais jovens com 15, 16 e 22 anos. O *Ronda Geral* apresentou mais jovens com 21 anos.

O Atlas da Violência 2019 (IPEA, 2019) traça um perfil dos homicídios no Brasil, os dados são analisados entre os anos de 2007 e 2017. Os dados apresentam o padrão de vitimização dos homicídios por sexo, onde se observa que 91,8% das vítimas é homem (IPEA, 2019, p. 69). Os dados também analisam as idades das vítimas de homicídio, que mostram os jovens como principais vítimas.

Há uma maior probabilidade de ocorrência de homicídios entre os homens mais jovens, em que o pico se dá aos 21 anos de idade. Com efeito, 55,0% dos homicídios de homens acontece no período da juventude, entre 15 e 29 anos, ao passo que o mesmo índice para mulheres é de 41,7%, e de 53,9, quando consideramos homens e mulheres (IPEA, 2019, p. 70).

No Atlas, esse perfil é construído e analisado para que se pense em políticas públicas para essas pessoas que, durante anos, são as principais vítimas de homicídio no Brasil. Pela análise dos telejornais, os dados são próximos aos do Atlas da Violência (2019), já que os jovens que diariamente ganham visibilidade nos noticiários são jovens negros, homens, com idades entre 15 e 22 anos, em situações relacionadas às violências.

3.2 O jovem como responsável pela violência

Nas matérias da editoria de polícia foi analisado se o jovem era vítima ou agente da violência. Algumas matérias contavam com a presença de mais de um jovem, portanto, em certas matérias, há jovem como agente e vítima. A tabela abaixo mostra a frequência das vezes que os jovens apareceram como vítimas ou agentes em cada um dos telejornais.

Tabela 3 – Jovem como vítima ou agente das violências

Participação	Balanço Geral	ES1	Ronda Geral	Tribuna Notícias 1
Agente	30	17	6	17
Vítima	21	10	6	14

Fonte: Produzida pela autora, com base nos dados dos telejornais

De acordo com os dados apresentados na tabela acima, os jovens são exibidos na maioria das matérias como agentes de algum tipo de violência, homicídio, latrocínio, roubo. No *Balanço Geral* o jovem agente apareceu em 30

matérias, enquanto que na condição de vítima, em 21 matérias. O *ES1* em comparação ao *Balanço Geral* ficou em segundo lugar, apresentando o jovem 17 vezes como agente e dez vezes como vítima. No *Tribuna Notícias 1*, o jovem agente esteve presente em 17 matérias, e em 14 matérias como vítima. O *Ronda Geral* registrou o mesmo número de jovens vítimas e agentes, em ambos a frequência foi de seis vezes.

O professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Rafael Paes Henriques, e a jornalista Gabriela Vasconcelos Soares Costa (2016) realizaram um estudo sobre a representação da população negra no telejornalismo capixaba que mostra como o espaço destinado ao negro é desqualificado:

Num mundo cada vez mais tecnológico e pautado por imagens, a representatividade é determinante para o reconhecimento da identidade e do valor de um grupo que está inserido nessa lógica. E o negro, nas escassas vezes em que aparece na mídia, ainda é retratado como um cidadão de segunda classe. Essa postura reforça a ideia de que ele existe apenas para ser um personagem secundário num mundo onde o branco é sempre o protagonista (COSTA; HENRIQUES, 2016, p. 4).

Na maioria das matérias em que os jovens são representados, eles aparecem como suspeitos de algum tipo de violência, o que elimina as outras possibilidades dessas juventudes aparecem para a sociedade. O telejornalismo representa grande influência no imaginário das pessoas. Os jovens negros sendo relacionados às violências contribui para que essa população seja julgada e estigmatizada.

A professora de Política Social da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, socióloga Mione Apolinario Sales (2007), no livro *Invisibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência*, afirma que o que acontece com os jovens na mídia é um tipo de invisibilidade, a mídia só exhibe os jovens quando eles praticam um tipo de violência, ou seja, para a sociedade olhar esses jovens, para que eles se tornem visíveis, é preciso que cometam algum crime.

A problemática da (in)visibilidade perversa e da associação de adolescentes infratores como metáfora da violência pela mídia e pelo senso comum torna-se ainda mais complexa, à medida que se metamorfoseia em questões de natureza cultural e afetas à sociabilidade contemporânea, inclusive em escala mundial (SALES, 2007, p. 30).

O que a pesquisadora quer mostrar diz respeito a fundamental necessidade de que a mídia represente os jovens de forma que não sejam apenas vistos como “violentos” e questionar porque essa categoria só se torna notícia quando cometem algum tipo de violência. Será que a mídia está cobrando políticas públicas do

governo em relação às juventudes? Tem mostrado esse grupo em todas as suas formas? Uma das maneiras de se trabalhar seria mostrando, por exemplo, que no Espírito Santo, mais de 55% dos adolescentes infratores tem apenas o ensino fundamental II completo.

Parte desses jovens não frequentam as escolas, não tem perspectivas. Os dados do Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo - IASES (2020) apontam ainda que 91% dos internos são pardos, 5% são negros e 2% são brancos. O IASES conta com 719 adolescentes infratores, com idades entre 13 e 20 anos, mas a maioria dos internos encontra-se na faixa etária de 16 a 18 anos.

Muniz Sodré (2002), no livro *Sociedade, Mídia e Violência*, trabalha com o que chama de “ritualização da violência”:

Este tipo de ritualização pode fazer-se presente nos modernos espaços urbanos sob formas de lutas de ringue profissionais, de torcidas organizadas de times de futebol, mas igualmente em situações festivas, a exemplo dos agrupamentos coletivos (conhecidos como “galeras”) do rap e do funk no Rio de Janeiro, cujos bailes comportam afrontamentos viris e às vezes terminam em lesões corporais e mortes (SODRÉ, 2002, p. 21).

Durante as matérias que abordam conflitos de tráfico, homicídios, é comum que o telejornal legitime a violência com explicações como o baile ser ilegal, por exemplo. Como se os jovens que vão para festas já soubessem que estão em perigo. O território ocupado pelos jovens é retratado de forma estigmatizada, e como se os próprios jovens fossem os responsáveis por se tornarem vítimas das violências. Sodré (2002) também trabalha a violência como uma forma de identidade:

Aqui, a violência parece funcionar como uma linguagem de atuação contrastiva, delineadora de identidades coletivas e reivindicadora (de modo implícito, não- deliberado) de uma visibilidade pública que - considerando-se o retraimento contemporâneo da vida comunitária e as formas de sociabilidade emergentes nos novos modos de organização das grandes cidades – talvez deve ser melhor entendida como midiática (SODRÉ, 2002, p. 22).

Esse conceito do autor pode ser empregado com os jovens uma vez que estão relacionados aos conflitos urbanos. Quando o enquadramento escolhido pelos telejornais seleciona os jovens envolvidos com as violências, e excluem todas as outras formas das juventudes, acaba criando uma identidade de jovem rebelde e violento.

3.2.1 Análise das matérias sobre as juventudes

Durante a análise foram categorizados os temas das matérias, os gêneros, formatos, as fontes utilizadas, além da tipificação dos crimes no caso das matérias de polícia.

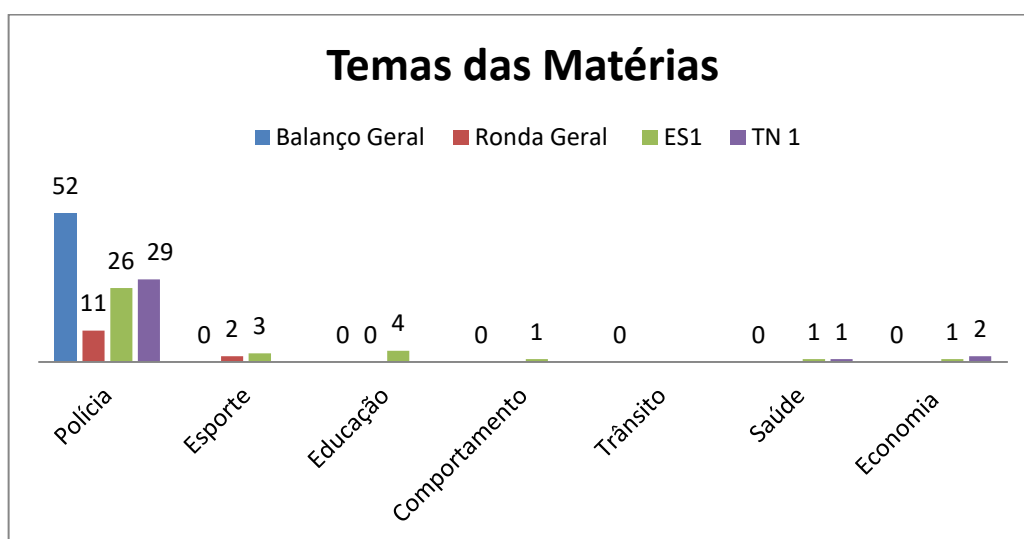


Gráfico 3 – Temas das matérias dos telejornais

A linha editorial do *Balanço Geral* é de característica policial e, por isso, o maior número de matérias da editoria de polícia encontra-se nele. O *Ronda Geral* também tem características policiais, a apresentadora, durante as semanas de análise, chama de “ronda” o momento em que as matérias de polícia aparecem. Mesmo sendo um telejornal de característica policial e tendo menos duração que o *Balanço Geral*, o *Ronda Geral* apresentou duas matérias de esporte com jovens sendo personagens.

Os telejornais *ES1* e *Tribuna Notícias 1* também apresentaram a maior parte das matérias sobre juventudes na editoria de polícia, mas o *ES1* se destacou dos outros telejornais por apresentar maior quantidade de matérias com jovens em outras editorias, como esporte e educação, por exemplo. Foram 26 matérias de polícia, três de esporte, quatro de educação, uma de saúde e uma de economia. O *Tribuna Notícias 1* apresentou 29 matérias na editoria de polícia, uma em saúde e duas em economia.

Mesmo com a presença de outras editorias além de polícia, as juventudes estão sendo apresentadas nos telejornais como autores ou vítimas das violências urbanas.

Os dados mostram que das 134 matérias com a participação dos jovens, 117 são na editoria de polícia, e quem está presente são homens, jovens, negros. Essas características podem ser comparadas com os números que são levantados pelo Atlas da Violência (2019), de que os jovens, negros e de sexo masculino estão diretamente associados às violências que ocorrem no Brasil.

A criminalidade violenta vem sendo fortemente relacionada ao sexo masculino e ao grupo etário dos jovens de 15 a 29 anos. Observando especificamente o grupo dos homens jovens, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes chega a 130,4 em 2017. Dos 35.783 jovens assassinados em 2017, 94,4% (33.772) eram do sexo masculino. Para todos os estados, quando é feito o recorte de homens jovens, a taxa de homicídios apresenta considerável elevação em relação à taxa geral de homicídios de jovens (IPEA, 2019, p.26).

Esses dados também podem ser comparados com os dados que a Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social, através do Observatório da Segurança Pública (SESP, 2019) registram todos os meses com informações sobre as vítimas de crimes letais no estado. Durante as duas semanas analisadas foram registrados sete homicídios na Grande Vitória em que os jovens foram vítimas. Três deles em Cariacica, com jovens do sexo masculino e com 16, 20 e 24 anos. Dois homicídios ocorreram em Vitória com jovens do sexo masculino, de 18 e 19 anos, mais dois homicídios na Serra, com jovens também do sexo masculino e de 25 e 27 anos. Se avaliar durante os meses de março e abril as informações se repetem: as principais vítimas de homicídio no estado são homens, jovens, negros.

Mas é preciso destacar que os telejornais não utilizam os dados como uma ferramenta de cobrança, apenas reproduzem as estatísticas. Importante seria que o jornalismo se apropriasse dos dados para mostrar aos governantes que não faltam informações, números para que sejam feitas políticas públicas para que essa realidade mude.

O telejornal *ES1* foi o mais diverso entre os quatro telejornais, além da editoria de polícia, o jovem esteve presente quatro vezes em matérias de educação, três vezes em matérias de esporte, uma matéria em saúde, e uma de economia. O telejornal *Tribuna Notícias 1* exibiu duas matérias de economia com jovens, e uma matéria de saúde. O *Ronda Geral* exibiu duas matérias de esporte com jovens.

3.2.2 Gêneros das matérias utilizados nos telejornais

A análise da estrutura narrativa dos telejornais foi feita com ênfase nos gêneros e formatos das matérias apresentadas em cada um dos telejornais. No livro *Telejornalismo em questão*, Temer (2014) afirma que:

O gênero é um conceito importante para a compreensão do telejornalismo porque é uma promessa de conteúdo, um conjunto de possibilidades linguístico-visuais delimitados e previamente reconhecido pelos telespectadores (TEMER, 2014, p. 44).

Os professores José Marques de Melo e Francisco de Assis (2010) sistematizaram os gêneros no telejornalismo e afirmam que a maior parte dos telejornais utilizam o gênero informativo, mas também há outras categorias como o utilitário, o opinativo, o diversional e o interpretativo. Os autores categorizaram os gêneros e suas principais funções, como: “informativo: vigilância social; opinativo: fórum de ideias; interpretativo: papel educativo, esclarecedor; diversional: distração, lazer; utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas” (MARQUES DE MELO, ASSIS, 2016 p. 49).

A análise demonstra que no telejornalismo capixaba a maioria das matérias são informativas. Marques de Melo (1985) conceitua o gênero informativo

A partir de um referencial e exterior a instituição jornalística: sua expressão depende diretamente da eclosão e evolução dos acontecimentos e da relação que os mediadores profissionais (jornalistas) estabelecem em relação aos seus protagonistas (personalidades ou organizações) (MARQUES DE MELO, 1985. p. 48).

A tabela a seguir demonstra a frequência dos gêneros nos telejornais durante as duas semanas de análise.

Tabela 4 – Gêneros jornalísticos das matérias

Gêneros das Matérias	Balanço Geral	Ronda Geral	ES1	Tribuna Notícias 1
Informativo	40	8	22	33
Interpretativo	11	2	7	0
Utilitário	0	2	6	0
Opinativo	0	0	0	0
Diversional	0	0	0	0

Fonte: Produzida para a pesquisa, com base nos dados dos telejornais

A análise mostrou que os quatro telejornais trabalham com matérias informativas, interpretativas e utilitárias. O *Balanço Geral* apresentou 40 matérias informativas e 11 interpretativas. O *ES1* apresentou 22 matérias informativas, sete interpretativas e seis utilitárias. Já o *Tribuna Notícias 1* apresentou 33 matérias informativas. O *Ronda Geral* apresentou oito matérias informativas, duas interpretativas e duas utilitárias.

O *Balanço Geral* e o *Ronda Geral* são telejornais em que a opinião dos apresentadores tem espaço, seja na chamada da matéria ou após a exibição da mesma. Os apresentadores ficam livres para demonstrar a opinião. O *Tribuna Notícias 1* e o *ES1* também usam as falas dos apresentadores, mas de maneira mais sutis, com comentários rápidos.

Outro fator que influencia no gênero das matérias e nos formatos é o fato de que o telejornalismo tem a presença de repórteres que fazem participações ao vivo. Essas participações são ao longo dos telejornais, onde os apresentadores interagem com os repórteres. Os repórteres fazem a entrada ao vivo para atualizarem alguma informação. No telejornalismo capixaba, o *Balanço Geral*, o *ES1* e o *Tribuna Notícias 1* utilizam o recurso do “ao vivo”. A pesquisadora Fabiana Siqueira (2012) chama esses recursos de gênero híbrido, explica que é “a combinação da nota ao vivo com imagens [...] com a sonora previamente gravada. O uso de entradas ao vivo são intercaladas por reportagens e declarações ou por um display seguido de uma nota coberta” (SIQUEIRA, 2012, p. 185). Esse formato híbrido tem se mostrado bastante presente no telejornalismo na Grande Vitória. Siqueira (2012) afirma que o formato híbrido não é apenas usado pela facilidade da tecnologia, mas também “pela necessidade de adaptação do jornalismo frente ao público, cada vez mais adaptado à internet e ao uso do celular” (SIQUEIRA, 2012, p.185). Os telejornais estão cada vez mais utilizando esses recursos tecnológicos para não parecerem atrasados frente a tantas tecnologias, e de forma que cheguem até os telespectadores. O formato híbrido também mostra a dinamicidade dos telejornais, com as entradas ao vivo e as falas mais presentes dos repórteres.

3.2.3 Formato das matérias com as juventudes

Uma das categorias analisadas está relacionada aos formatos das matérias dos telejornais. Guilherme Jorge de Rezende (2000), no livro *Telejornalismo no*

Brasil: um perfil editorial, propõe uma classificação de apenas dois gêneros jornalísticos: o informativo e o opinativo. O gênero informativo foi o que se destacou nos telejornais. Rezende (2000) categoriza o gênero em cinco formatos: notícia, reportagem, nota, entrevista e indicador, mas serão analisados apenas os mais comuns no telejornalismo da Grande Vitória-ES:

- 1) **Nota** - é o relato mais sintético e objetivo de um fato, que, no telejornalismo, pode assumir duas formas, a nota simples, formada apenas pelo texto falado lido pelo apresentador, sem imagens e a nota coberta, com imagens do acontecimento e narração em *off* do apresentador.
- 2) **Notícia** - é o relato de um fato mais completo do que a nota, por combinar a apresentação ao vivo e a narração em *off* coberta por imagens.
- 3) **Reportagem** - é a matéria jornalística que fornece um relato ampliado de um acontecimento, mostrando suas causas, correlações e repercussões. Em sua estrutura completa, constitui-se de cinco partes: cabeça, *off*, boletim, sonoras (entrevistas) e pé, mas pode configurar-se sem uma ou mais dessas partes. De modo algum, porém, deve prescindir é da intervenção - direta ou em *off* - do repórter.
- 4) **Entrevista** - é o diálogo que o jornalista mantém com o entrevistado, pelo sistema de perguntas e respostas, com o objetivo de extrair informações, ideias e opiniões a respeito de fatos, questões de interesse público e/ou de aspectos da vida pessoal do entrevistado (REZENDE, 2000, p. 157).

Foram analisados os formatos mais recorrentes nas matérias dos telejornais, com base no gênero informativo, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 5 – Formato das matérias sobre juventudes

Formato das matérias	Balanço Geral	Ronda Geral	ES1	TN 1
Nota	3	6	2	9
Notícia	34	2	18	22
Reportagem	15	6	16	2
Entrevista	-	-	1	-

Fonte: Produzida para a pesquisa, com base nos dados nos telejornais

O *Balanço Geral* apresentou 34 notícias com jovens, 15 reportagens e três notas. O *Ronda Geral* exibiu seis notas sobre jovens, seis reportagens e duas notícias. O *ES1* exibiu 16 reportagens, 18 notícias, duas notas e uma entrevista. O *Tribuna Notícias 1* exibiu 22 notícias, nove notas e duas reportagens.

Durante as duas semanas de análise, os formatos mais comuns utilizados foram notas, reportagens e matérias. O *Balanço Geral* tem duas horas de duração, por isso apresenta quantidade maior de notícias, foram 34 matérias, 15 reportagens e três notas. Mesmo tendo maior duração, não tem tantas reportagens presentes, o

número de notícias ainda é muito superior, a notícia é mais fácil de ser produzida do que a reportagem, já que a reportagem precisa de maior tempo de apuração, e o *Balanço Geral* é marcado por matérias factuais.

O *Ronda Geral* foi o único dos quatros analisados que exibiu um número de reportagens maior que o de notícias, foram seis reportagens e duas notícias. Mesmo tendo menos duração, cerca de 30 minutos, o jornal busca um aprofundamento maior na cobertura das juventudes. O *Tribuna Notícias 1* exibiu 22 notícias e nove notas, apenas duas reportagens. Dos quatros noticiários analisados, ele foi o que teve mais notas.

O *ES1* exibiu 18 notícias e 16 reportagens, números bem próximos, o que pode demonstrar maior preocupação do noticiário em abordar o tema das juventudes com mais informações do que só o factual.

O fato dos telejornais produzirem mais notícias do que reportagens pode ser explicado porque a produção da notícia é mais rápida, e precisa de menos informações do que a reportagem, como já dito. Considerando que são noticiários que competem pela audiência entre si diariamente, buscam pelo ineditismo que a produção da notícia permite.

O grande diferencial da notícia não parece estar no seu formato, mas sim no seu conteúdo, que tem como ponto central a questão do ineditismo. De fato, podemos dizer que a “notícia” enquanto fato inédito pode ter o formato de uma nota ou reportagem. Torna-se necessário, portanto, uma classificação diferente no qual o formato ceda lugar a uma classificação por tipo de material jornalístico (TEMER, 2007, p. 57).

Além de a reportagem precisar de um tempo de produção maior do que o da notícia, necessita de mais profissionais envolvidos no processo de preparação, exige maior apuração e um número maior de dados, como explica Temer (2007):

Em princípio, portanto, a reportagem seria mais completa – além de ideologicamente mais trabalhada – enquanto a notícia diz respeito ao imediato, ao fato novo ou pelo menos recontextualizado ou revitalizado (um fato ocorrido a algum tempo mais recém descoberto ou sobre o qual se descobre um elemento novo que muda substancialmente o seu significado) (TEMER, 2007, p. 54).

No jornalismo factual e diário não é possível que toda notícia se torne uma reportagem, principalmente pelo tempo de produção. Em muitos casos, as matérias estão sendo editadas quando o jornal já está no ar. Muitas matérias não entram no noticiário com todas as informações apuradas, já que algumas aconteceram momentos antes do jornal entrar no ar. Mas é importante que os telejornais deixem

parte da produção voltada para a apuração de reportagens, matérias com profundidade, e dados que informem e eduquem a população.

3.2.4 A tipificação dos crimes nos telejornais

A análise categorizou os tipos de crimes pelos quais os jovens foram agentes ou vítimas. Homicídios, tráfico de drogas e lesões corporais foram os mais frequentes nos quatro telejornais.

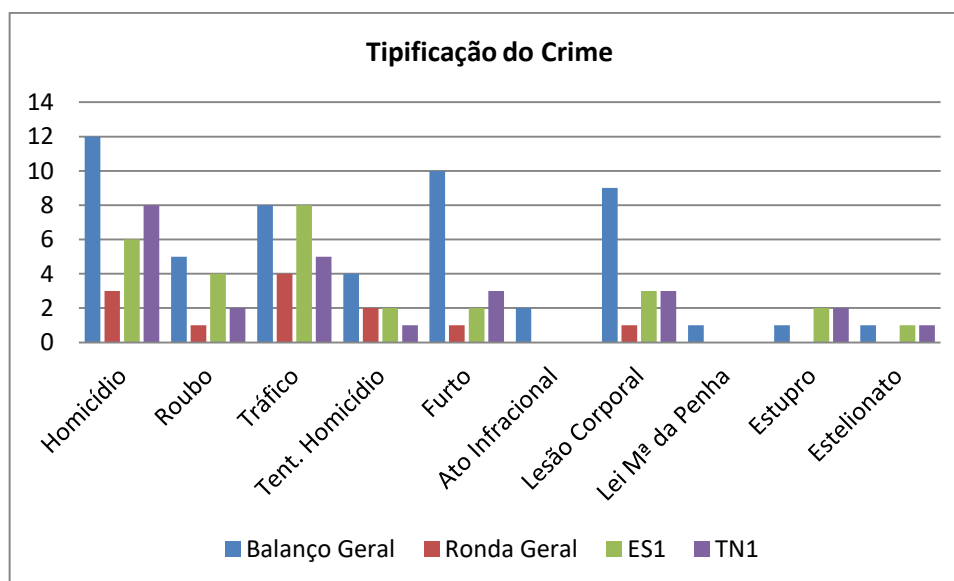


Gráfico 4 – Produzida para a pesquisa, com base nos dados dos telejornais.

O *Balanço Geral* exibiu doze homicídios envolvendo jovens, o *Tribuna Notícias 1* exibiu oito homicídios, o *ES1*, seis e o *Ronda Geral*, três. O *Balanço Geral* foi o que mais cobriu homicídios envolvendo os jovens. O segundo crime que apareceu com frequência foi o tráfico de drogas, com destaque para o *Balanço Geral* e o *ES 1* que exibiram dez matérias, cada uma com jovens suspeitos com envolvimento no tráfico de drogas. O *Tribuna Notícias 1* exibiu cinco matérias com tráfico e o *Ronda Geral* quatro matérias. Lesão corporal e furto também ganharam destaques. Lesão corporal foi mais exibida pelo *Balanço Geral*, em um total de nove matérias, o furto também apresentou maior destaque no *Balanço Geral*, com dez matérias.

As matérias falam sobre quais são os crimes, mas não exploram os tipos de cada um, não contextualizam com dados. Além disso, percebe-se que na imprensa capixaba poucas são as ocorrências que ganham um acompanhamento. Na maioria das vezes, os casos de grande repercussão são os que ganham destaques e

desdobramentos, mas a maioria parece não ter um “fim” nas investigações. Importante ressaltar ainda que é comum os jornalistas buscarem a informação do histórico do jovem, se já teve ou não passagens pela polícia, o que parece ser uma forma de justificar a ocorrência.

Fernanda Gonçalves de Lima (2017), em sua pesquisa de mestrado, estudou os adolescentes autores de atos infracionais. O objetivo da pesquisa era identificar as representações sociais que os jovens de classe média popular constroem sobre os adolescentes autores de atos infracionais. A pesquisadora também entrevistou os jovens autores dos atos. A pesquisa mostrou como a pobreza e as condições dos jovens de periferia interferem na entrada na vida do crime.

A condição de pobreza e a carência de acesso a bens de consumo determinado pelo modo de produção capitalista, associados ao descaso do Estado em romper com a exclusão social em que vivem estes adolescentes, são relevantes fatores de risco que podem levar a prática infracional (LIMA, 2017, p. 97).

A pesquisa também apontou que há relação entre o furto e o tráfico de drogas, já que muitos jovens roubam para sustentar o consumo das drogas. Essas informações são importantes para entender a origem do problema e buscar a solução, mas é preciso que essas informações estejam disponíveis para fomentar o debate com a sociedade. O papel de explorar essas informações são dos meios de comunicação.

3.2.5 Escolhas semânticas na editoria de polícia

Parte da análise envolveu a escolha semântica nas editorias de polícia, para mostrar os termos mais utilizados pelo telejornalismo capixaba quando se referem aos jovens nessas matérias. Os termos são usados tanto pelos repórteres, quanto pelos apresentadores. A tabela abaixo mostra a frequência que termos como suspeito, vagabundo, criminoso, bandido, assaltante, traficante, menor, ladrão, assassino e estuprador, usados nos noticiários. Em algumas matérias, mais de um termo foi usado.

Tabela 6 - Escolhas semânticas dos telejornais sobre os jovens

Autuação/Frequência	Balanço Geral	ES1	Ronda Geral	Tribuna Notícias 1
Suspeito	35	10	3	11
Criminoso	6	2	2	3
Bandido	8	8	1	2
Assaltante	2	1	1	2
Traficante	2	2	-	1
Menor	7	-	-	1
Ladrão	3	-	1	1
Assassino	2	-	-	-
Jovem	19	13	1	7
Adolescente	17	7	1	3
Rapaz	17	5	-	1

Fonte: Produzida para a pesquisa, com base nos telejornais

Nas matérias policiais o termo “suspeito” foi o mais utilizado por todos os telejornais, aparecendo em 35 matérias. Mostra que o telejornalismo demonstra maior preocupação com o uso de certos termos pejorativos como “bandido”, “acusado”.

O *Balanço Geral* utilizou o termo “suspeito” 35 vezes, 19 vezes a palavra “jovem”, 17 vezes “adolescente” e 17 vezes o termo “rapaz” uma vez o termo “vagabundo”, seis vezes “criminoso”, oito vezes “bandido”, duas vezes “assaltante”, duas vezes “traficante”, sete vezes o termo “menor”, três vezes “ladrão” e duas vezes “assassino”. O *Ronda Geral* utilizou três vezes a palavra “suspeito”, uma vez “bandido”, uma vez o termo “assaltante”, uma vez “jovem”, uma vez “adolescente”. O *Tribuna Notícias 1* utilizou onze vezes o termo “suspeito”, sete vezes “jovem”, três vezes “adolescente”, três vezes “criminoso”, uma vez o termo “rapaz”, uma vez “bandido”, duas vezes “assaltante”, uma vez “traficante”, uma vez menor, e uma vez “estuprador”. A palavra “suspeito” foi usada dez vezes pelo *ES1*, a palavra “jovem” foi utilizada 13 vezes, “adolescente” sete vezes e “rapaz” cinco vezes. O termo “bandido” foi usado oito vezes, o termo “vagabundo” foi usado duas vezes, a palavra “criminoso” duas vezes, uma vez “assaltante” e o termo “traficante” foi utilizado duas vezes. Mesmo que o termo “suspeito” tenha sido usado em maior quantidade pelos quatro telejornais, os termos pejorativos e equivocados ainda continuam sendo usados no telejornalismo.

O professor da Universidade Paris-Nord, Patrick Chauraudeau (2012), discute as escolhas semânticas ao se produzir conteúdo jornalístico. O autor trabalha no processo de significar o mundo e as coisas. Para Charaudeau (2012, p. 41), é necessária a criação de estruturas e categorias para criar os significados “toda forma remete a sentido, todo sentido remete a forma, numa relação de solidariedade recíproca”. Sobre o processo de dar sentido, Charaudeau compreende que:

O processo de transformação consiste em transformar o “mundo a significar” em “mundo significado”, estruturando-o segundo um certo número de categorias que são, elas próprias, expressas por formas. Abrange categorias que identificam os seres do mundo nomeando-os, que aplicam a esses seres propriedades qualificando-os, que descrevem as ações nas quais esses seres estão engajados narrando, que fornecem os motivos dessas ações argumentando, que avaliam esses seres, essas propriedades, essas ações e esses motivos modalizando? O ato de informar inscreve-se nesse processo porque deve descrever (identificar-qualificar fatos), contar (reportar acontecimentos) (CHARAUDEAU, 2012, p. 41).

Quando o jornalista se refere a um jovem chamando de “bandido”, “criminoso” ou “traficante”, acaba por qualificar esse indivíduo a partir da escolha semântica. O que causa um risco para o cidadão que, na maioria das vezes, ainda nem foi julgado ou a acusação pode nem acontecer. Charaudeau afirma que todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação:

Ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação. E isso também é verdade para o discurso de informação. O sujeito informador, capturado nas malhas do processo de transação, só pode construir sua informação em função dos dados específicos da situação de troca (CHARAUDEAU, 2012, p. 42).

O autor chama atenção para os “saberes de conhecimento”, como essas categorias, termos utilizados pelo outro em relação a um indivíduo que existem para estabelecer hierarquias:

Os saberes de conhecimento são aqueles que procedem de uma representação racionalizada da existência dos seres e dos fenômenos sensíveis do mundo. Trata-se, para o homem, de tentar tornar o mundo inteligível, colocando marcas no continuum de sua materialidade, determinando fronteiras que permitam distinguir o que é semelhante do que é diferente, estabelecendo relações de contiguidade e de substituição entre os elementos apreendidos, para estabelecer hierarquias, conjuntos e subconjuntos, isto é, construir taxionomias (CHARAUDEAU, 2012, p. 43).

O jornalismo também exerce esse poder de criar hierarquias, mostrar o que é semelhante e o que não é. Quando o jovem, principalmente negro e de periferia, aparece categorizado por termos que estigmatizam a juventude, reafirmam discursos, como o da redução da maioria penal, dizendo que esse jovem precisa ser punido pelo que cometeu, ao invés de cobrar dos governantes medidas que

protejam as juventudes ou proporcionando que elas se tornem notícias mais vezes em economia, educação e saúde, o jornalismo contribui com esse processo.

Sobre as escolhas semânticas para categorizar os jovens, em 2012, foi divulgado o material *Adolescentes em conflito com a lei: guia de referência para a cobertura jornalística*. O Guia foi uma realização da ANDI, com apoio da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. O material faz um levantamento sobre o perfil do adolescente em conflito com a lei e traz informações necessárias sobre o sistema socioeducativo no Brasil. Além disso, se dedica a trabalhar com o papel da imprensa, e reúne informações para que o jornalista possa criar uma cobertura jornalística de qualidade. O final do material é um guia de fontes que também pode auxiliar na cobertura. De acordo com o Guia, uma pesquisa realizada pela ANDI ainda categorizou os qualificativos utilizados para os adolescentes em conflitos com a lei:

Diferentemente de tendência geral verificada na cobertura sobre temáticas relacionadas ao universo infanto-juvenil, as narrativas sobre os adolescentes em conflito com a lei fazem uso de expressões pejorativas ou ultrajantes para designar esse público: 34, 3% dos textos que citam atos infracionais específicos – índice extremamente elevado quando comparado ao histórico de análises temáticas realizadas pela ANDI (2012, p. 66).

O Guia foca em crianças e adolescentes, mas pode ser utilizado como referência, já que a pesquisa trata de jovens e também de adolescentes. Pela grande preocupação com os termos utilizados, o material afirma que “as narrativas dos meios de comunicação de massa atuam de forma decisiva na construção de valores e comportamentos sociais. Nesse contexto, o emprego de palavras inadequadas pode reforçar preconceitos ou estereótipos” (ANDI, 2012, p. 77).

Ao invés do uso do termo “menor”, por exemplo, o Guia indica que o termo adequado deve ser crianças e adolescentes, ou garotos e garotas: “Sem o qualificativo “de idade”, o termo “menor”, usado para designar crianças e adolescentes, em geral tem sentido pejorativo.

3.2.6 Locais das matérias policiais

Durante as duas semanas de análise foram estudados os locais das coberturas jornalísticas. Apenas as matérias ocorridas na Grande Vitória-ES foram analisadas. Os municípios com maior número de matérias policiais foram Vitória, Vila

Velha, Cariacica e Serra. Guarapari e Viana receberam pouco destaque e Fundão não apareceu na análise com matéria sobre violência, apenas em uma matéria de educação.

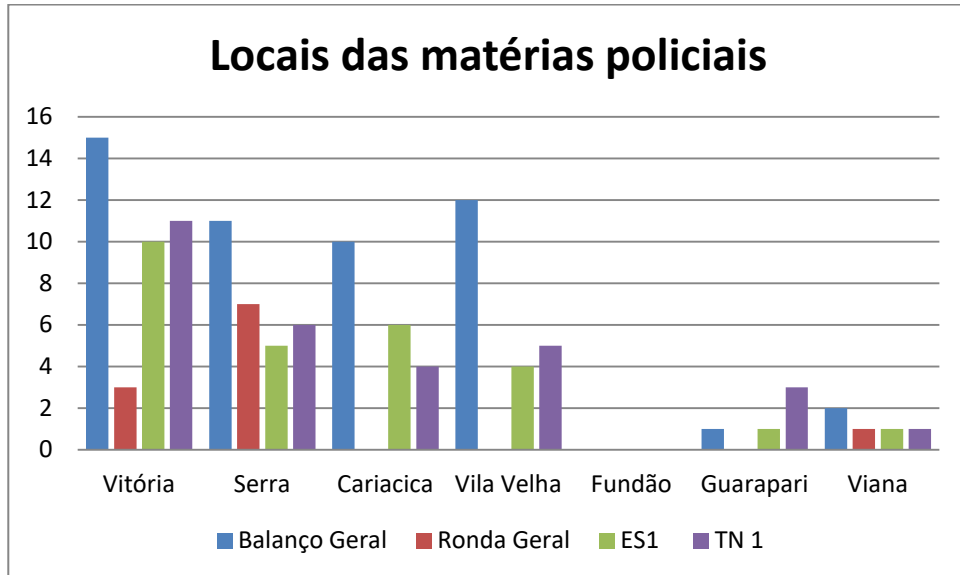


Gráfico 5 – Locais das matérias policiais nos telejornais

Figura 2: Nuvem de palavras com os locais das coberturas jornalísticas



Fonte: Coleta realizada para a pesquisa

O município de Vitória foi destaque nos noticiários durante as semanas da análise. O *Balanço Geral* cobriu 15 matérias com o tema policial em Vitória. O *ES 1*

exibiu dez matérias, o *Tribuna Notícias* onze matérias, e o *Ronda Geral* apenas três. O município da Serra foi local de cobertura jornalística onze vezes no *Balanço Geral*, sete vezes no *Ronda Geral*, seis vezes no *Tribuna Notícias 1* e cinco vezes no *ES1*. Cariacica foi destaque dez vezes no *Balanço Geral*, seis vezes no *ES 1* e quatro vezes no *Tribuna Notícias 1*, já o *Ronda Geral* não apresentou cobertura no município. Vila Velha ganhou grande destaque no *Balanço Geral* com 12 matérias, mas com relação aos outros três telejornais, a frequência diminui: foram cinco coberturas no *Tribuna Notícias 1*, quatro no *ES 1* e nenhuma no *Ronda Geral*. Viana foi destaque nos quatro telejornais, mas com pouca frequência. Duas vezes no *Balanço Geral* e uma vez em cada um dos outros três noticiários. Guarapari foi destaque no *Tribuna Notícias 1* em três matérias, e apenas uma vez no *ES 1* e no *Balanço Geral*.

A maioria das coberturas ocorreram em locais periféricos dos municípios, como morros, bairros populares, mas também em bairros nobres como algumas ocorrências na Enseada do Suá e Mata da Paia, em Vitória.

Outro ponto a ser destacado é que todas as redações dos telejornais analisados se localizam no município de Vitória, com as regiões de Vila Velha e Serra nas proximidades, facilitando o deslocamento das equipes para esses municípios, logo, também facilita a cobertura dos telejornais.

A partir de agosto de 2019, o município de Cariacica recebeu cerca de 200 milhões de reais do Governo Federal para um programa de enfrentamento à criminalidade, já que o município apresentou altos índices de violência e taxas de homicídio entre os anos de 2015 a 2017. De acordo com matéria veiculada pelo G1 Espírito Santo (G1, 2019, s.p), além da Força Nacional, a operação tem o apoio de agentes da Polícia Militar, Polícia Civil, Polícia Federal e Polícia Rodoviária Federal.

Durante as duas semanas de análise, Cariacica apresentou números expressivos de notícias sobre violência, mas se comparado com os municípios de Vitória e Serra, Cariacica fica em terceiro lugar como “território violento”. Isso pode ter ocorrido por alguns fatores, a semana analisada pode ter sido uma semana com menos ocorrências no município, ou a cobertura jornalística esteve mais presente nos municípios mais próximos, como Vitória, Vila Velha e Serra.

Um dos principais teóricos da comunicação, George Gerbner (1967, 1986), autor da *Teoria do cultivo* e da *síndrome do mundo cruel* foi um dos primeiros a estudar a violência nos meios televisivos. Sua teoria afirma que quanto mais a

pessoa é exposta ao conteúdo violento transmitido pela televisão, aumenta a sensação de que o mundo está mais perigoso. O autor afirma também que mesmo os índices de violência diminuindo, as pessoas se sentem em perigo, isso porque as pessoas estão assistindo muitas matérias sobre violência, o que causa a percepção de que o mundo está cada vez mais violento. Ou ainda, que os jovens são responsáveis por boa parte das violências.

Gerbner (1986) analisa o tempo das reportagens e os personagens. Ele analisa como o tempo em que as violências são exibidas influencia na percepção de que a cidade está violenta, perigosa, e os papéis dos personagens nas matérias, o indivíduo como produtor da violência e o indivíduo vítima.

O Índice de Violência combina três conjuntos de observações para fornecer um único indicador sensível a uma variedade de características do programa multidimensional. Essas observações medem até que ponto a violência ocorre nos programas amostrados, a taxa de violência por programa e por hora e o envolvimento de personagens importantes na violência, como um personagem que comete violência (magoa ou mata outras pessoas), um personagem vitimado (ferido ou morto), ou ambos (GERBNER; GROSS; SIGNORIELLI, 1986, p. 5).

Na perspectiva de Gerbner, além das pessoas relacionarem os jovens às violências, as matérias podem causar um aumento da sensação de perigo e risco aos telespectadores.

Os jornalistas necessitam ter responsabilidade em suas coberturas e na forma de utilizar o enquadramento. O local de moradia é categoria determinante também em como as juventudes são vividas e representadas.

Hoje certos endereços também trazem consigo o estigma das áreas urbanas subjugadas pela violência e a corrupção dos traficantes e da polícia – chamadas de favelas, subúrbios, vilas, periferias, morros, conjuntos habitacionais, comunidades. Ao preconceito e à discriminação de classe, gênero e cor adicionam-se o preconceito e a “discriminação por endereço” (NOVAES, 2006, p. 107).

Os dados do mês de janeiro de 2019, disponibilizados pela Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social do Espírito Santo (SESP, 2019), apontam que dos 103 homicídios que ocorreram no estado, 66 foram na Grande Vitória. 40 contra homens e jovens, em bairros periféricos dos municípios ou seja, a maioria homens, tendo cinco mulheres vítimas de homicídio em janeiro, nenhuma jovem. No Espírito Santo, e mais especificamente na Grande Vitória, o território é decisivo quando o assunto são as juventudes.

Os municípios Vitória, Serra, Vila Velha, Cariacica, Viana, Guarapari e Fundão, também são os locais onde os telejornais estudados conseguem realizar a cobertura jornalística. O professor da Universidade Federal do Espírito Santo, José Antonio Martinuzzo, define a territorialidade:

Territorialidade remete à experiência, circunstância, organização, vivência do território, que é, em linhas gerais, a porção do espaço apropriada, utilizada, vivida por todos nós. Nesse sentido, as territorialidades se constituem em função da vida vivida em territórios. Ou seja, a territorialidade é a experiência do território, que produz, renova, modifica, mantém, enfim, que engendra o lugar da existência humana, produzindo-a ao mesmo tempo (MARTINUZZO, 2016, p. 10).

Partindo do que é apresentado por Antonio Martinuzzo, a territorialidade é percebida entre os municípios da Grande Vitória, e como essas juventudes a partir desses locais vivem suas experiências. Como exemplo, comparar a experiência do território em bairros nobres, onde a violência gira em torno de pequenos assaltos e furtos. Essa violência é diferente daquela vivida por um jovem de uma periferia, que convive diariamente com tráfico de drogas e homicídios. As territorialidades são distintas, mesmo estando em uma mesma cidade. As juventudes também são.

Também existe outra forma de perceber a territorialidade das juventudes. Como as juventudes vivem e modificam os lugares da cidade, como afirma Carrano (2000):

Algumas ações procuram contornar a precariedade da vida material, elaborando alternativas culturais nos múltiplos e também contestados territórios da cidade. Ao atribuírem novos sentidos aos espaços das cidades os jovens os transformam em lugares de acentuada simultaneidade cultural e simbólica. A *juvenização* dos espaços das cidades cria, em certo sentido, a consciência de que os jovens não vivem nas mesmas cidades que os adultos (CARRANO, 2000, p.26).

Para o professor de geografia humana na Universidade de Genebra, Claude Raffestin (1993), o território está diretamente relacionado ao poder. O que observa sobre o poder é que a sociedade e o governo acabam, por vezes, tentando exercer poder sobre as juventudes, consideradas, equivocadamente, como rebeldes, com jovens irresponsáveis. Carrano (2000) afirma que “a juventude é tratada muito mais como um problema do que enquanto um campo possível de problematização” (CARRANO, 2000, p.24).

As experiências midiaticizadas também compõem territórios simbólicos. A partir das análises, considera-se que as matérias veiculadas sobre as juventudes

interferem na experiência da vida e na constituição de territórios e territorialidades, como explica Martinuzzo (2016):

Falando da experiência midiaticizada da vida, fundada na sociabilidade conectada e mobilizada por fluxos comunicacionais, o que inclui a internet, mas também todas as demais mídias off-line, compondo a superfície a partir da qual retiramos as nossas referências de realidade, podemos conceituar infoterritórios e infoterritorialidades. Aqui a paisagem onde se insere a vida (território e territorialidade) é composta por narrativas e trocas comunicacionais instauradoras de comunidades de sentido, coletivos de imaginários peculiares, redes de ideias e opiniões, pertencimentos intelectivos etc., conformando territórios e territorialidades simbólicas, mas, nem por isso, menos concretas e articuladoras de uma peculiar existência material e sensível nos tempos hodiernos (MARTINUZZO, 2016, p. 12).

Antonio Martinuzzo, falando sobre o território simbólico chama a atenção para papel da mídia dentro desse território. É importante destacar o papel que a mídia exerce na Grande Vitória, quando o assunto é a representação das juventudes. Milton Santos (2001), afirmava que muito do que é transmitido pela mídia são informações manipuladas:

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às pessoas, como também às empresas e instituições homogeneizadas, é, já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia (SANTOS, 2001, p. 39).

Os telejornais da Grande Vitória, para além da notícia, podem fomentar debates sobre as juventudes, sobre as políticas públicas que faltam para os jovens. E a presente pesquisa busca analisar se é isso que acontece, ou se os jovens são apresentados apenas como produtores de violências, se as juventudes são “culpadas”, sem abordar os contextos, ou sem mostrar que as potências juvenis vão além das violências.

3.2.7 Fontes das notícias sobre as juventudes

A mudança na rotina produtiva dos jornalistas ligada ao avanço da tecnologia e à rapidez das informações, faz com que os jornalistas produzam notícias das quais não entendem e nem presenciam, como afirma o professor Aldo Antonio Schmitz (2011): “a maioria das informações jornalísticas advém de organizações ou personagens que testemunham ou participam de eventos e fatos de interesse da mídia. O mundo moderno obriga o jornalista a produzir notícias que não presencia nem entende” (SCHMITZ, 2011, p. 9). Schmitz afirma ainda que as fontes podem

ser confiáveis ou duvidosas, e define fontes de notícias sendo: pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; podendo ser confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia (SCHMITZ, 2011, p. 9).

Mauro Wolf (1994) afirma que as fontes são um fator determinante para a qualidade da informação produzida pelos *mass media*. O autor defende que a escolha das fontes depende de diversos fatores, como: o acesso facilitado a determinadas fontes, como as oficiais, por exemplo, a localidade das fontes e a linguagem. Para Wolf, a preferência por fontes oficiais ocorre porque são fontes que contam uma versão com credibilidade, o que também está ligado aos valores-notícia. Wolf afirma ainda que a escolha das fontes é feita de forma a contribuir com o trabalho jornalístico, como o pouco tempo para concluir a apuração, por exemplo. E que a escolhas das fontes em detrimento de outras ocorre pelos seguintes fatores: “a. a oportunidade antecipadamente revelada; b. a produtividade; c. a credibilidade, d. a garantia; e. a respeitabilidade” (WOLF, 1994, p. 201).

Nilson Lage (2012) contribui ao classificar os tipos de fontes, as oficiais, oficiais e independentes; as primárias e secundárias e as testemunhas e *experts*. Para Lage “as fontes podem ser mais ou menos confiáveis (confiança, como se sabe, é coisa que se conquista), pessoais, institucionais ou documentais” (LAGE, 2012, p. 12). Nessa perspectiva, a pesquisa trabalha com as fontes que são ouvidas pelos telejornais da Grande Vitória para falar sobre as juventudes, como exemplifica a tabela a seguir.

Tabela 7 – Fontes das matérias policiais

Fonte das matérias Policiais	Balanço Geral	Ronda Geral	ES 1	Tribuna Notícias 1
Família	6	3	4	5
Vítima	11	2	7	10
Testemunhas	17	1	5	-
Assessoria PC/PM	11	-	2	-
Autoridade Policial	11	2	10	7
Jovem Autor	1	-	1	-

Fonte: produzida para a pesquisa, com base nos telejornais

O *Balanço Geral* usou como fonte nas matérias sobre os jovens uma frequência maior de fontes oficiais, ou seja, a polícia como principal fonte das suas notícias. Mas também estiveram presentes fontes primárias ou secundárias, como: vítimas, 11 vezes; testemunhas, 17 vezes; e familiares, seis vezes. O jovem como autor de um ato infracional foi ouvido em uma única matéria. A matéria foi sobre um jovem usuário de drogas que teria agredido a mãe que é deficiente visual. A mãe foi fonte e o jovem, já na delegacia, foi questionado pelo repórter sobre o motivo de ter agredido a mãe e sobre quais drogas consumia.

O *Ronda Geral* apresentou como fonte a polícia em apenas duas matérias, e fontes primárias ou secundárias em seis matérias. Já o *Tribuna Notícias 1* usou como fonte a autoridade policial em sete matérias e as fontes primárias ou secundárias foram ouvidas em 15 notícias e reportagens. O *ES1* ouviu a polícia em 12 matérias, e vítimas, testemunhas e famílias em 16 matérias.

Após a análise dos quatro noticiários estudados pode-se afirmar que as fontes primárias ou secundárias foram as mais utilizadas pelos telejornais durante as duas semanas de estudo. Lage (2012) define que “fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria” (LAGE, 2012, p. 65). Lage (2012) define como testemunhas e *experts*:

O testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva: pode se testemunhar uma guerra sem presenciar uma batalha, assistindo a um pedaço de uma (dificilmente se terá acesso ao todo) ou vendo várias, do lado do vencedor ou do vencido; identificando-se como vítima ou agressores (LAGE, 2012, p. 67).

As testemunhas são importantes para a construção da notícia, mas é preciso que o fato seja verificado com quem participou diretamente do que se está sendo noticiado. As matérias apresentam os jovens como vítimas de violências, ou suspeitos, mas os mesmos não são ouvidos. Em poucos casos as famílias dos jovens são ouvidas.

As fontes oficiais como polícia militar, polícia civil e delegados também foram utilizadas com frequência nos quatro telejornais. Lage (2012) define as fontes oficiais como “mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc.” (LAGE, 2012, p. 63).

As fontes oficiais são as preferidas da mídia, mas, de acordo com Schmitz (2011), “emite informação ao cidadão e trata essencialmente do interesse público, embora possa falsear a realidade, para preservar seus interesses ou do grupo político” (SCHMITZ, 2011, p. 25). Por isso, é importante que o jornalismo não se prenda apenas às fontes oficiais, já que são ligadas a diversos interesses, principalmente políticos. No caso dos jovens, os delegados e a polícia tem a versão deles, mas não a vivência dos jovens que, como agentes das matérias e principais destaques dos noticiários, praticamente não foram ouvidos pelos repórteres.

Mauro Wolf (1994) afirma que a escolha pelas fontes oficiais está ligada ao fator produtividade, afirmando que as fontes institucionais ou oficiais muitas vezes têm todas as informações necessárias para a construção da matéria.

A produtividade, por seu lado, diz respeito às razões pelas quais, normalmente, prevalecem as fontes institucionais: é que elas fornecem materiais suficientes para fazer a notícia, permitindo assim que os órgãos de informação não tenham que recorrer a demasiadas fontes para obterem os dados ou os elementos necessário (WOLF, 1994, p. 201).

A produtividade como fator de escolha das fontes oficiais explica as matérias que, muitas vezes, são construídas a partir de boletins de ocorrência ou informações da polícia, muito comum no telejornalismo. Algumas matérias são narradas pelos jornalistas, que podem não apresentar nenhuma fonte, e dar o crédito das informações à polícia.

Henriques e Costa (2016), no estudo sobre o espaço destinado à população negra no telejornalismo capixaba, mostraram como os negros são representados pelos telejornais como “bandidos”, mas enquanto fontes oficiais ou como personagens o percentual é baixo.

Em termos qualitativos, no telejornalismo, o negro aparece em peso como personagem marginal, como o bandido, sempre exposto e humilhado. Já enquanto protagonistas, fontes oficiais ou profissionais do campo jornalístico, o percentual é drasticamente reduzido (HENRIQUES; COSTA, 2016, p. 6).

Quando os jornais usam como fontes oficiais as pessoas brancas e deixam a população negra em segundo plano, aparece mais uma forma de reforçar o estereótipo do negro, pobre, envolvido em alguma violência.

Sobre as matérias dos temas educação, esporte, comportamento, economia, os jovens aparecem como fonte principal com mais recorrência. Um exemplo seriam as matérias sobre esporte do *ES1* em que o jovem é protagonista em todas as matérias de esporte do jornal, na semana analisada, assim como na matéria de

esporte do *Ronda Geral*. Nas matérias de economia os jovens também aparecem como fonte ou protagonista.

As matérias analisadas a seguir foram escolhidas por se repetirem nos quatro telejornais, podendo assim, realizar a análise comparativa dos telejornais. As reportagens que se repetem nos quatro telejornais são matérias de insegurança e violência, da editoria de polícia. Também serão analisadas matérias das editorias de economia, esporte e saúde. Mesmo essas matérias não se repetindo nos quatro telejornais, mostram possibilidades de o jornalismo representar as juventudes em suas múltiplas formas e não apenas na editoria de polícia, por esse motivo, as matérias fazem parte da análise.

O art. 17º do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), o ECA, afirma que “o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais”. Por isso, em algumas análises a seguir será preservada a identidade e o nome do adolescente com idade inferior aos 18 anos. Eles serão chamados por “jovem 1”, “jovem 2”, “jovem 3” e “jovem 4”.

3.3 Jovem assassinado por engano

No dia 23 de março de 2019 o “jovem 1”, 17 anos, e sua namorada, 17 anos, foram surpreendidos quando voltavam de uma festa. Antes de entrar na casa do jovem, no bairro Bela Aurora, em Cariacica, o “jovem 1” foi morto e sua namorada atingida por disparos de arma de fogo. A jovem foi socorrida para um hospital da região e sobreviveu, o “jovem 1” morreu ainda no local do crime. Câmeras de videomonitoramento registraram o momento que os jovens foram atingidos pelos disparos. O fato foi coberto pelo *Balanço Geral*, *Ronda Geral*, *ES1* e *Tribuna Notícias 1*.

No dia 25 de março de 2019, o *Balanço Geral* exibiu a matéria em partes: a repórter Talita Carvalho entrou ao vivo durante o noticiário para falar sobre o caso e atualizar as informações, e para chamar a reportagem. A equipe do jornal foi até o bairro do ocorrido, exibiram imagens do adolescente (Figura 3) repetidas vezes, mostrou o portão da casa atingido pelos disparos.

Figura 3 – Imagem do “jovem 1” no *Balanço Geral*



Fonte: *Balanço Geral*, 25 de março de 2019.

A matéria exibida é informativa e ao mesmo tempo opinativa, já que além do factual, o apresentador interage com a repórter que está ao vivo, comenta sobre o fato que está sendo exibido.

“Chegou num determinado momento, parece que alguém abusou na “manguaça” e aí os dois resolveram ir embora, picar a mula pro puxadinho. Vamos embora “mozão”, que não vai dar legal isso aqui não (...) Chegando na porta da residência, aonde esse rapaz morava, meteram bala para cima dele. Meteram o “pipoco” para cima dele e pra cima da namorada também. Cancelaram o CPF desse moleque. Já já você vai entender o que pode ter motivado essa “sapecada” para cima dele” (Douglas Camargo, em 25 de março de 2019).

As imagens da namorada do jovem não foram exibidas. O fato aconteceu no bairro Bela Aurora, em Cariacica. O *ES1* exibiu a informação com uma nota coberta. O apresentador Philipe Lemos fez a narração enquanto imagens do jovem e do local do incidente foram exibidas:

“Um rapaz de 17 anos foi morto e a namorada dele foi baleada depois de uma confusão em uma festa de aniversário no bairro

Bandeirantes, em Cariacica. O crime aconteceu na madrugada de ontem na porta da casa da vítima. Familiares pediram pra gente não gravar imagens da casa que fica nessa rua aqui de Bela Aurora. A namorada do rapaz foi baleada no rosto e também na barriga. Ela foi internada no hospital de Urgência e Emergência” (Philippe Lemos em 25 de março de 2019).

A repórter Daniela Carla entrou ao vivo para atualizar as informações. O ao vivo foi feito em frente à Divisão Patrimonial da Polícia Civil com informações sobre o estado de saúde da namorada do adolescente morto.

Figura 4 – Marcas de tiro na casa do “Jovem 1” no ES1



Fonte: ES1, 25 de março de 2019.

A nota mostrou imagens do jovem, do portão com marcas de tiros e de uma rua que diziam ser próxima à residência. Mesmo o apresentador afirmando que a família pediu que imagem da residência não fosse mostrada, a imagem do jovem foi exibida, além da imagem da rua.

O *Tribuna Notícias 1* também exibiu a matéria sobre o caso, exibindo as imagens do jovem e do local onde tudo aconteceu. Os apresentadores George Bitti e Ingrid Schwartz chamam a reportagem:

“Um casal de namorados foi surpreendido por atiradores no bairro Bela Aurora, em Cariacica. O adolescente de 17 anos

morreu na hora. Ele era estudante e não tinha passagem pela polícia. A namorada foi socorrida. Os dois tinham saído de uma festa, onde o jovem teria se envolvido numa discussão. Em seguida foi alvo dos atiradores” (George Bitti e Ingrid Schwartz, em 25 de março de 2019).

A imagem que abre a reportagem é da casa do jovem, em seguida aparece a imagem do adolescente. Durante a passagem, a repórter Suzy Faria afirma que:

“De acordo com familiares o adolescente teria saído mais cedo da festa, porque a namorada estava passando mal, tinha bebido demais. Na vinda para casa ele pegou uma carona, o amigo que deu carona parou aqui para que eles saltassem. Foi exatamente nesse momento que ao pegar a namorada e ir para casa, outro carro parou aqui do lado e os homens que estavam nele já saíram atirando. Todos os tiros tinham como alvo o jovem e a namorada que estavam ali. O rapaz do carro que deixou eles aqui, deixou o carro na mesma hora, saiu correndo para também não virar um alvo dos disparos. O jovem 1 não teve chance, morreu na hora, em frente ao portão de casa” (Suzy Faria, em 25 de março de 2019).

Figura 5 – Fachada da casa do Jovem 1 no *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias 1*, em 25 de março de 2019.

A repórter afirma que os parentes não sabiam o que poderia ter motivado o crime, e diz que o jovem não tinha passagens. O jornalismo capixaba adotou utilizar esse tipo de informação sobre a ficha criminal dos suspeitos. Virou rotina na

cobertura jornalística, como se o fato de uma ficha criminal justificasse o ocorrido. Falar sobre ficha criminal não seria um problema se a informação fosse além do “ter ou não ter passagem”, como por exemplo, falar sobre o sistema prisional, sobre o IASES, discutir as ações que são desenvolvidas para que ocorra uma ressocialização dos jovens e detentos.

A repórter ainda relata que os familiares disseram que ele estaria em uma festa, mostra a imagem da fachada do local, e que na festa o jovem teria se envolvido em uma briga. Após a exibição da reportagem, o apresentador George Bitti afirma que a polícia ainda está à procura dos envolvidos.

Os três telejornais que exibiram o caso usaram praticamente as mesmas imagens, a foto do jovem e as imagens das marcas dos tiros no muro e no portão da residência. São os repórteres e apresentadores que narram os fatos, sem a presença de fontes, citam apenas que algumas informações são de acordo com familiares, mas em um primeiro momento os familiares não são ouvidos. Existe uma ausência de fontes, apenas com informações da polícia, ou seja, uso de fontes oficiais.

A matéria exibida na segunda-feira (25/03) teve repercussão durante a semana analisada. O *Balanço Geral* exibiu uma matéria na terça-feira, dizendo que a família pedia justiça pela morte do adolescente.

O *Balanço Geral* exibiu uma matéria na terça-feira, 26 de março, entrevistando o tio do adolescente, sem ser identificado, que disse que todos estavam sem entender o que poderia ter levado a morte do jovem. A repórter afirma que a princípio a família teria recebido informações de que teria ocorrido uma briga na festa em que o jovem estava essa poderia ser uma possível motivação para o crime, só que essa hipótese já havia sido descartada. Voltando para a entrevista do tio, na qual ele afirma que não aconteceu a suposta discussão, o homem pede ainda que, as pessoas que souberem de alguma informação denunciem à polícia. Após a exibição da matéria, o apresentador Douglas Camargo afirma que:

“Agora fiquei bolado. Quando esse caso chegou para o nosso jornalismo, chegou também o fato dessa festa, nessa festa onde o jovem estava junto com a namorada teria rolado uma confusão, uma briga, né. E a própria família não descartou essa possibilidade porque eles tinham consciência de que o jovem tinha muitos ciúmes da namorada. Então algum problema nessa festa poderia sim ter causado alguma confusão e o jovem acabar arrumando treta com alguém dessa

festa por conta da namorada. E aí você viu agora que a nossa Rafaela Freitas já bateu a informação de que essa hipótese foi descartada. Claro que a polícia está trabalhando, até agora com todas as hipóteses, a polícia está investigando. Os familiares foram atrás de informações dessa festa. Agora ficou a interrogação, esse mistério na morte do jovem” (Douglas Camargo, em 26 de março de 2019).

Na quarta-feira (27/03), novas informações sobre o caso foram divulgadas pela polícia, um suspeito de cometer o assassinato foi preso, imagens de videomonitoramento que registraram o momento em que o jovem foi morto foram divulgadas para a imprensa. Os quatro telejornais analisados exibiram a matéria com os desdobramentos do caso.

O *Balanço Geral*, no dia 27 de março, chama a matéria dizendo que um homem foi preso suspeito de matar o “jovem 1” e balear a namorada. As informações eram de que o adolescente teria sido confundido com o irmão, que é suspeito de tráfico de drogas.

Figura 6 – Douglas Camargo no *Balanço Geral*



Fonte: *Balanço Geral*, em 27 de março de 2019.

O termo “menor” usado na legenda da matéria e na fala do apresentador é pejorativo, conforme entendimento a partir do Estatuto da Criança do Adolescente:

Apesar de adotado pelo Código Civil e Código Penal, e ser largamente utilizado pela doutrina, o termo “menor” é considerado pejorativo, pois remete ao antigo Código de Menores, que tratava crianças e adolescentes

como pessoas em situação irregular, e as fazia carregar o estigma de marginalização, delinquência e abandono, o que não coaduna com os novos paradigmas invocados e trabalhados pelo Estatuto, que prima pela proteção constante e integral das pessoas em desenvolvimento (ROSSATO; LÉPORE; CUNHA, 2010, p. 19).

Mas muitos jornalistas ainda se referem ao jovem como “menor”, o que pode permitir que adolescentes sejam sempre vistos como pessoas marginalizadas e envolvidas com a violência. Minayo (2001), no texto *Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde*, afirma que os meios de comunicação são um dos instrumentos que ajudam para a naturalização da violência que atinge crianças e adolescentes:

Outro elemento que contribui para a naturalização da violência que atinge crianças e adolescentes são os programas dos meios de comunicação, recente alvo de preocupação das instituições de vários países do mundo, pela forma como esse instrumento de alto impacto na cultura moderna tende a banalizar as agressões e as mortes. Pesquisa realizada no Rio de Janeiro, em 1998, com 1.220 jovens de todos os estratos sociais mostra como a violência na mídia é vista pelos jovens. As cenas de agressão física exibidas pela tevê são consideradas uma reprodução da realidade, para cerca de metade dos jovens cariocas. Revelam também que a televisão discrimina os jovens das camadas populares, sobretudo os moradores de favelas e periferias, associando-os à criminalidade e reforçando o estereótipo do jovem negro e favelado (MINAYO, 2001, p. 94).

O papel do jornalismo de informar, entreter e educar está sendo cada vez mais esquecido pelos próprios profissionais da comunicação. O entretenimento fica em primeiro. A matéria começa a ser exibida com as imagens de videomonitoramento do momento em que o jovem e a namorada são atingidos pelos disparos. A repórter Rafaela Freitas narra o que as imagens estão mostrando, em seguida entra a imagem do homem que seria o atirador, Wallison Paulo dos Santos, conhecido como “Catatau”, um jovem pardo, de 27 anos.

Figura 7 – Videomonitoramento na matéria sobre o “jovem 1” no *Balanço Geral*



Fonte: *Balanço Geral*, em 26 de março de 2019.

A fonte da matéria é o delegado Tarik Souki, que afirma que o suspeito do assassinato é líder do tráfico de drogas no bairro Boa Sorte, em Cariacica, “reduto criminoso do bandido”, afirma o delegado. Segundo Souki, ele é muito temido na região, e tudo indica que a motivação do crime foi pelo fato do irmão da vítima ser traficante rival e o “jovem 1” ser muito parecido com o irmão, sendo confundido e executado pelo Walisson. O delegado afirma que segundo a família, o “jovem 1” não tinha envolvimento com tráfico, e era muito estudioso, já o irmão é quem teria o envolvimento com o tráfico de drogas e disputava a liderança do tráfico na região de Boa Sorte. O delegado afirma ainda que o suspeito negou o crime. A reportagem encerra com a entrevista do tio do “jovem 1”, exibida no dia anterior.

O *ES1* também exibiu as novas informações, afirmando que o “jovem 1” teria sido confundido com o irmão, e que a polícia prendeu o criminoso que teria executado o adolescente. Exibiram as imagens de videomonitoramento e entrevistaram o delegado Tarik Souki. A apresentadora Rafaela Marquezine chama o repórter Diony Silva, que faz uma entrada ao vivo atualizando as informações e falando sobre a identidade do suspeito, o repórter também chama a matéria da colega Eliana Gorriti, que conversou com o delegado responsável pelas investigações. A matéria apresenta estrutura semelhante a do *Balanço Geral*, inicia com as imagens de videomonitoramento, a entrevista com o delegado e as imagens

do adolescente morto e do suspeito. Após a exibição, o repórter Diony Silva volta ao vivo e afirma que o jovem morto não tinha passagens pela polícia.

O *Ronda Geral* abriu o telejornal com a matéria. Seguindo a estrutura dos demais telejornais, a repórter Suzy Faria inicia a reportagem com as imagens de videomonitoramento divulgadas pela polícia, afirmando que a namorada estava embriagada, exibe a imagem da vítima, imagem do suspeito e a entrevista com o delegado Tarik Souki.

Assim como no *Balanço Geral*, após a exibição da matéria, a apresentadora Débora Soares afirma a importância das denúncias e das imagens de videomonitoramento, ela diz que o jovem não teve nem reação quando foi atingido pelos disparos e acrescenta:

“eu queria agora saber o que esse irmão pensa da vida, sendo culpado agora por causa de tráfico de drogas, pela morte de um irmão inocente. Muita injustiça, né?” (Débora Moraes, 26 de março de 2019)

A matéria exibida pelo *Tribuna Notícias 1* é a mesma exibida pelo *Ronda Geral*, já que são produtos da mesma emissora, mudam pequenas características da edição, e também é feita pela repórter Suzy Faria. No final da exibição da matéria, a apresentadora Ingrid Schwartz afirma que de acordo com informações dos familiares, a namorada do “jovem 1” ainda não sabia da morte.

3.4 Guerra nos morros: os suspeitos e as vítimas do tráfico

No dia 7 de abril, em um domingo, aconteceu um tiroteio do Morro do Moscoso, em Vitória. Na segunda-feira, dia 8 de abril, os telejornais capixabas fizeram matéria abordando sobre o ocorrido e atualizando as informações de como estava a região após o tiroteio.

O apresentador do *Balanço Geral*, Douglas Camargo, fez a chamada da matéria e o repórter Paulo Rogério entrou ao vivo da região do Morro do Moscoso, afirmando que a polícia militar estaria reforçando o policiamento na região por tempo indeterminado, assim como no Morro da Piedade e Morro da Fonte Grande. O repórter chama para a reportagem do jornalista Marcelo Rosa com as informações sobre o ocorrido.

A matéria exibe um vídeo que teria sido gravado por moradores do Morro do Moscoso, mostrando o momento do tiroteio. A fonte da matéria é um morador do morro que não é identificado, ele afirma que parecia uma guerra.

Durante o *off* o repórter afirma que, de acordo com informações da polícia militar, os tiros teriam saído de armas de traficantes de drogas de comunidades vizinhas à região. A matéria mostra que “a comunidade amanheceu cercada de PMS”, e relembra uma situação semelhante que ocorreu no Morro do Moscoso em janeiro de 2019, quando três jovens foram mortos e outros dois baleados em uma praça da comunidade. Na ocasião, os jovens tinham entre 17 e 19 anos e eram negros. As fontes são moradores da região e nota da Polícia Militar e da Secretaria de Estado da Segurança Pública.

Figura 8 – Policiais na matéria Guerra nos morros no *Balanço Geral*



Fonte: *Balanço Geral*, em 08 de abril de 2019.

Na quinta-feira, dia 11 de abril, o *Balanço Geral* votou a exibir notícias sobre operações da polícia nos morros de Vitória, dessa vez, no Morro do Macaco, onde um jovem de 18 anos foi executado na noite de quarta-feira, dia 10 de abril. O *Balanço Geral* exibiu informações sobre a matéria três vezes durante a exibição do noticiário.

Figura 9 – Repórter ao vivo na matéria Guerra nos morros no *Balanço Geral*



Fonte: *Balanço Geral*, em 11 de abril de 2019.

Ainda no *Balanço Geral*, o repórter Arleson Schneider fez entradas ao vivo da região, interagindo com o apresentador Douglas Camargo. Arleson chamou uma matéria feita pelo repórter Paulo Rogério, com várias informações, mostrando uma foto do jovem vítima de homicídio. Testemunhas não quiseram gravar com a equipe de reportagem e de acordo com o repórter o “assassino” ainda não teria sido encontrado. A única fonte da matéria é o repórter com uma nota da assessoria da Polícia Civil afirmando que continuava investigando o caso.

Figura 10 – Jovem vítima de homicídio na matéria Guerra nos morros no *Balanço Geral*



Fonte: *Balanço Geral*, em 11 de abril de 2019.

Após a exibição da reportagem, o apresentador faz a chamada para outro homicídio, na região de Andorinhas, afirmando que “cancelaram o CPF por lá”, e que o trabalho de inteligência da polícia estaria pedindo o apoio da população para que denunciassem os suspeitos. O repórter Arleson faz mais uma entrada ao vivo, mostrando a movimentação da polícia, e afirma que a polícia acredita que o jovem morto em Tabuazeiro tem ligação com a morte do jovem de Andorinhas. Após cerca de meia hora de exibição de outras matérias, o apresentador chama o repórter Arleson novamente para atualizar as informações de Tabuazeiro e Andorinhas. O repórter afirma que foi só a polícia sair do local que o “clima piorou”. Arleson chama a reportagem do repórter Marcelo Rosa sobre o Morro do Macaco, feita na manhã da quinta-feira.

A reportagem afirma que durante a manhã houve disparos de fogos de artifício que teria sido feita por traficantes de drogas para comunicar a presença da Polícia Militar nos morros. O repórter afirma que a região já é conhecida pela polícia pela intensa prática do tráfico de entorpecentes e a matéria fala novamente sobre o jovem morto na noite anterior. O repórter afirma que ouviu testemunhas que não quiseram gravar.

O *ES1* também acompanhou a operação da polícia nos morros. Exibiu a primeira notícia no dia oito de abril. Assim como o *Balanço Geral*, os apresentadores chamaram o repórter Diony Silva, que estava ao vivo da região, afirmando que o policiamento teria sido reforçado nos morros do Moscoso e Piedade.

O repórter chama a própria matéria que ele gravou no início da manhã. A matéria também começa com o vídeo feito por moradores com imagens do tiroteio. A fonte foi um morador que não quis ser identificado. A reportagem resgata o caso que aconteceu no morro do Moscoso em janeiro, onde três jovens foram assassinados, e afirma que nos últimos meses a polícia vem registrando tiroteios em diversas regiões comandadas pelo tráfico de drogas. A matéria é finalizada com informações da Polícia Militar afirmando que está investigando o caso.

No dia 12 de abril, o *ES1* voltou a falar sobre a violência nos morros, dessa vez, foram 17 minutos de matéria. Os apresentadores Philipe Lemos e Rafaela Marquezine exibem vídeos enviados por moradores do Morro do Macaco, as imagens mostram muitos tiros.

Figura 11: Foguetório na matéria Guerra nos morros no *ES1*



Fonte: *ES1*, em 12 de abril de 2019.

Ainda de acordo com os apresentadores, os disparos seriam uma reação por causa de um jovem de 18 anos assassinado com dez tiros em Tabuazeiro. Eles também mostram imagens de um fuzil apreendido pela polícia com os suspeitos.

Figura 12: Fuzil exibido pela matéria Guerra nos Morros no *ES1*



Fonte: *ES1*, em 12 de abril de 2019.

Os apresentadores chamam o repórter André Falcão, que está ao vivo da região de Tabuazeiro, com imagem do Morro de São Benedito ao fundo. O repórter afirma que andou pelos Morros da Piedade e Tabuazeiro e que o policiamento na região não foi reforçado, tendo apenas uma viatura passando por Tabuazeiro. Falcão afirma que os traficantes estão mais organizados, e cita o exemplo do fuzil importado, que foi apreendido no dia anterior, durante uma operação, no Morro de São Benedito, em Vitória. Enquanto o repórter está narrando, é exibida uma imagem postada em uma rede social de suspeitos com diversas armas e o fuzil. O repórter afirma que durante a fuga o “bandido” deixou a arma para trás.

Figura 13: Homens com fuzil na matéria Guerra nos morros no *ES1*



Fonte: *ES1*, em 12 de abril de 2019.

A matéria exibida pelo *ES1* foi mais completa que a do *Balanço Geral*. Apresentou dados geográficos do Morro do Macaco, falando sobre a facção criminosa que comanda os morros, exibiu informações de três suspeitos que foram presos durante as operações e alguns materiais que foram apreendidos. A maioria das informações é do repórter. A matéria faz um levantamento histórico do que já aconteceu nos morros durante o ano de 2019. O repórter faz um questionamento: “Em que momento o poder público e nós, sociedade, permitimos que esses criminosos se organizassem desse jeito?”. Falcão encerra a reportagem afirmando que o dia amanheceu tranquilo em Tabuazeiro, mas que ninguém sabe até quando. Ele chama à matéria seguinte falando que no dia anterior aconteceu apreensão de armas em São Benedito, a reportagem é do repórter Fabio Linhares.

A matéria abordava novamente sobre o fuzil apreendido, e diz que é o mesmo calibre utilizado pela Polícia Militar do estado, arma de alto poder de destruição, tendo sido encontrada em um matagal em São Benedito. A matéria exhibe novamente imagens de jovem segurando o fuzil. Um jovem de 21 anos foi preso, e a reportagem também exhibe imagem do jovem. Fabio Linhares afirma que, segundo a polícia, o suspeito tem passagem por tráfico de drogas. A reportagem mostra ainda que um casal de adolescentes também foi “apreendido”. Um homem de 16 anos e uma mulher de 17 anos teriam ido até a Delegacia Regional de Vitória logo depois que a

polícia chegou com o material apreendido. A polícia reconheceu o rapaz e, segundo informações, ele faz parte do tráfico de drogas na região de São Benedito. Foi feita uma abordagem e descobriram que ele tinha um mandado de busca e apreensão por tráfico de drogas. A jovem também tinha um mandado em aberto por vender munição e arma. Importante ressaltar que apenas o repórter narra os fatos e afirma que são informações da polícia, mas ninguém é ouvido durante a matéria. Foram exibidas imagens das apreensões e da jovem sendo colocada dentro do camburão.

No dia 11 de abril de 2019, o *Tribuna Notícias 1* exibiu uma nota abordando sobre o foguetório no Morro do Macaco. A narração foi feita pela apresentadora Ingrid Schwartz, com exibição das imagens enviadas pelos moradores da região, e afirmava que a ação seria por causa da morte de um jovem de 18 anos, ocorrida no dia anterior, em Tabuazeiro, e que ainda não teria sido divulgado o motivo do crime.

No dia seguinte, em 12 de abril, o *Tribuna Notícias 1* fez uma matéria com informações sobre o tiroteio no Morro do Macaco. O apresentador George Bitti faz a chamada da matéria informando que: “depois de mais uma demonstração ousada de traficantes do Morro do Macaco, dando tiros e soltando fogos para enganar a polícia, a PM prometeu intensificar as ações na região”. O apresentador chama o repórter Luciano Rosetti que faz uma entrada ao vivo da Chefatura da Polícia Civil, onde teria acontecido uma coletiva de imprensa. Rosetti afirma que o tiroteio teria acontecido no dia anterior, faz exibição das imagens dos disparos, e traz informações de que os disparos e foguetórios teriam ocorrido depois da morte de um jovem de 18 anos. Rosetti afirma que voltaria ao longo do jornal com mais detalhes sobre o Morro do Macaco.

Figura 14: Entrada ao vivo no *Tribuna Notícias 1* sobre a Guerra nos Morros



Fonte: *Tribuna Notícias 1*, em 12 de abril de 2019.

O noticiário exibe uma segunda matéria falando sobre o fuzil calibre.556 apreendido no Morro de São Benedito, em Vitória. A matéria é feita na noite do dia 11 de abril, pela repórter Keila Lopes. O noticiário também exibe a imagem de um jovem de 21 anos que foi detido durante a operação da polícia. A repórter afirma que com ele foram apreendidas armas e drogas.

Figura 15: Imagem do jovem apreendido exibido pela Matéria Guerra nos Morros no *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias 1*, em 12 de abril de 2019.

Assim como na reportagem exibida pelo *ES1*, o *Tribuna Notícias 1* também fala sobre os outros dois adolescentes que foram até a delegacia e foram reconhecidos pelos policiais. Um jovem de 16 anos e uma menina de 17 anos. A suspeita da polícia é de que os dois teriam ido até a delegacia observar o desenvolvimento da ocorrência. A matéria resgata que, na semana anterior, outros dois fuzis foram apreendidos, mas no Morro do Macaco. A apresentadora Ingrid Schwartz afirma que a equipe conversou com o comandante da Polícia Militar responsável pela operação, e que a matéria seria exibida ao longo do jornal.

Os apresentadores voltam a falar sobre os tiros no Morro do Macaco e sobre o jovem que foi assassinado. A matéria é para atualizar como estaria o bairro após o tiroteio. O repórter Filipe Chicarino abre a matéria com um vídeo do dia anterior, onde é possível ver tiro e foguetórios, e compara com imagens da sexta-feira, com o local mais tranquilo e sem policiamento. Durante a passagem, o repórter afirma que a polícia havia prometido reforçar o policiamento, mas que ele já estava na região há uma hora e não havia encontrado nenhuma viatura. A matéria é encerrada e os apresentadores chamam mais uma vez o repórter Luciano Rosetti, que está ao vivo da Chefatura da Polícia Civil e exibe a entrevista com o Tenente - Coronel Geovanio Silva Ribeiro.

Figura 16: Entrevista do Tenente-Coronel Geovanio durante a Matéria Guerra nos Morros no *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias 1*, em 12 de abril de 2019.

A fonte afirma que a polícia investigou cada um dos vídeos que foram veiculados com imagens dos tiroteios e que o ato dos foguetórios e disparos ocorreu em virtude das ações da polícia nos morros. A firma também que as operações e apreensões continuarão ser feitas pela polícia, mas que a discussão também precisa ser a nível legislativo.

O *Ronda Geral* exibiu apenas uma nota sobre a apreensão do fuzil, em São Benedito, no dia 12 de abril. As informações foram narradas pela apresentadora Débora Moraes, enquanto imagens das apreensões eram exibidas, assim como imagem do jovem de 21 anos que foi apreendido. A apresentadora afirma que o Morro de São Benedito faz parte do Complexo da Penha, que são locais dominados pelo tráfico de drogas, e afirma que o “poder paralelo” está com estratégia de marketing, se referindo ao fuzil personalizado.

3.5 Avô é ameaçado e agredido pelo neto

No dia 26 de março de 2019, os quatro telejornais analisados realizaram uma matéria sobre um idoso de 64 anos que teria sido agredido pelo neto, no bairro Universal, em Viana.

O *Balanço Geral* exibiu a matéria feita pela repórter Rafaela Freitas. O apresentador Douglas Camargo, ao fazer a chamada da matéria, resumiu o caso em uma “treta” de família. A equipe de reportagem foi até o bairro Universal, em Viana, para contar a história. A reportagem começa com a passagem da repórter em frente à residência:

“A casa é simples, mas é aqui que mora toda a família, o avô, os filhos e os netos. E é o avô que cuida de todo esse quintal. Só que ontem, o neto tentou mexer em um cano de água, o avô não gostou e isso gerou uma confusão “danada” (Rafaela Freitas, em 26 de março de 2019).

Após a passagem da repórter são exibidas imagens do idoso que teria sido agredido e uma entrevista com o avô contando como a briga com o neto começou. Ele conta que o neto estava batendo a calha no cano do quintal e o avô pediu para que ele não mexesse para não estourar. O jovem teria ficado nervoso e dado início às agressões verbais e físicas contra o avô.

Figura 17: Idoso agredido pelo neto no *Balanço Geral*



Fonte: *Balanço Geral*, em 26 de março de 2019.

A repórter conta que o neto de 23 anos foi contido por familiares. Uma das fontes é a tia do jovem, que não teve a identidade revelada. Ela disse que se a família não tivesse impedido o jovem, ele teria matado o avô. A repórter afirma que, segundo familiares, o jovem usou um pedaço de madeira e uma cavadeira para a agressão. Ele teria ameaçado matar o avô e atear fogo na residência.

Figura 18: Residência do idoso na Matéria idoso agredido pelo neto
Balanço Geral



Fonte: *Balanço Geral*, em 26 de março de 2019.

O avô conta que o jovem disse que venderia a moto por seis mil reais para comprar uma pistola para matá-lo e toda a família. A repórter conta que o avô e o neto foram para a delegacia de Cariacica, e que o rapaz ficou detido, mas de acordo com os parentes já estaria solto.

A matéria é encerrada e quando volta para o estúdio, o apresentador Douglas Camargo lê a nota da Polícia Civil informando que o jovem foi conduzido e assinou um termo circunstanciado por ameaça. Ele vai responder em liberdade. O apresentador continua por um bom tempo do noticiário comentando sobre o ocorrido:

“Olha eu vou te contar, é de partir o coração ouvir o relato desse “vô”, que ele bem disse ali na entrevista que esperava isso de qualquer um, menos do neto ou de alguém da família. O “vô” pediu que o neto não mexesse no cano, mas o moleque não gostou. O moleque de 23 anos que deveria estar trabalhando, que deveria estar ajudando no sustento da casa do “vô” porque mora na casa do “vô”, bebe da água do “vô”, come do prato que o “vô” coloca em cima da mesa, e ele pirou o cabeção, partiu pra cima di “vô” na porrada, com pedaço de madeira e ainda fez várias ameaças para esse senhor que é confiante em Deus. O moleque já ta na rua, sujeito a ir para casa e cometer uma loucura com esse avô. É lamentável isso. Que essa família possa ter segurança e tome muito cuidado porque o moleque já está na rua. E ai a gente pede pra

molecada respeitar o pai e a mãe, o avô e a avó, principalmente se você depende dele. Por que tem uma molecada aí que não saiu da fralda ainda, mas vai para a rua com má influência e volta para a casa achando que manda no pedaço e não é bem assim não, “tá”? (Douglas Camargo em 26 de março de 2019).

Enquanto o apresentador comenta a matéria, as imagens da reportagem continuam passando na tela. Não tem nenhuma novidade sobre o caso, ou algum fato que não tenha sido passado durante a matéria, é apenas a opinião do apresentador sendo dividida com os telespectadores. O comentário reforça o estereótipo do jovem rebelde, e ainda afirma que é para as pessoas tomarem cuidado, já que o jovem já está na rua. Durante toda a matéria é usado um tom de dramaticidade com efeito sonoro ao fundo.

O ES1 também foi até o bairro Universal em Viana, para contar a história do avô agredido. O apresentador Philippe Lemos chama a reportagem afirmando que:

“Uma briga de família que quase acaba em morte. Tudo por causa de um cano furado. Um rapaz de 24 anos não obedeceu o avô, fez um buraco e acabou furando um cano de água. O avô de 64 anos chamou a atenção, gritou com o neto que não gostou nada e partiu pra cima do avô. O neto foi contido e preso. Uma história muito triste que aconteceu em Viana” (Philippe Lemos em 26/03/19).

A apresentadora Rafaela Marqezine chama o repórter Diony Silva que faz uma entrada ao vivo para chamar a própria matéria. Ele reforça o que o apresentador já falou e conta que se não fossem os familiares, o neto poderia ter matado o avô. O neto teria usado um pedaço de madeira para agredir o avô e teria ameaçado atear fogo a casa. Após fazer esse resumo da matéria, ele chama para a reportagem.

Figura 19: Entrada ao vivo sobre idoso agredido no *ES1*



Fonte: *ES1*, em 26 de março de 2019.

As imagens apresentadas são praticamente as mesmas exibidas pelo *Balanço Geral*: imagens da casa, do idoso, do pedaço de madeira utilizado para a agressão, do pé do idoso ferido. O repórter inicia a matéria dizendo: “o senhor Edson, de 64 anos, quase perdeu a vida. Só porque chamou atenção do neto, de 24 anos. O jovem tinha feito um buraco e quebrou um cano no quintal”. Entra a sonora do idoso narrando os acontecimentos. O idoso mostra a cavadeira e o pedaço de madeira usados durante a agressão. A sonora seguinte é da filha do idoso que conta que se não fosse a família, o jovem teria matado o avô. Assim como no BG, a fonte não foi identificada.

Figura 20: Entrevista com a filha do idoso agredido no ES1



Fonte: ES1, em 26 de março de 2019.

O repórter faz a passagem em frente a residência onde as agressões teriam acontecido. Ele diz : “o seu Edson mora aqui há cinco anos. Ele ajudou a criar o neto desde que ele era pequeno. Inclusive, ele construiu a casa para o jovem aqui no mesmo quintal”. Após a passagem, o avô conta que o jovem não era assim, agressivo, mas que dessa vez a ameaça foi de atear fogo na residência. O repórter conta que os dois foram parar na delegacia, e a última sonora é a do avô afirmando que se o jovem agir assim novamente, ele “torna a chamar os homens de novo”, se referindo à polícia.

A reportagem é encerrada e Diony Silva continua ao vivo. O repórter afirma que o Senhor Edson está preocupado com a volta do neto pra casa. O repórter faz alguns questionamentos e cita a nota da Polícia Civil:

Será que o neto vai continuar com esse tipo de comportamento? Agressivo? Vai fazer o que ele disse que faria? Que é colocar fogo na casa. A família toda está com medo, viu? A gente procurou a Polícia Civil que informou que o neto do Senhor Edson foi ouvido, foi liberado e vai responder a um processo em liberdade. E a gente espera agora que quando ele volte pra casa, que ele se entenda com o avô e que isso não volte a acontecer (Diony Silva, em 26 de março de 2019).

O que se pode afirmar é que tanto o ES1 quanto o *Balanço Geral* utilizaram de “drama” e repetição durante a exibição do caso. As mesmas informações e

imagens foram usadas repetidas vezes. O caso ganhou bastante destaque nos telejornais. As mesmas fontes foram ouvidas, as matérias foram muito próximas com relação a narrativa, imagens e fontes.

O apresentador do *Tribuna Notícias 1*, George Bitti, chama a matéria afirmando que no bairro Ipanema, em Viana, um neto agrediu o avô a golpes de ferramenta por um motivo banal. A apresentadora Ingrid continua: “muito banal, por causa de um cano quebrado”. A reportagem de Suzy Faria começa assim, como as dos outros jornais, exibindo a imagem do idoso e afirmando que ele estria ameaçado de morte, sendo o autor da ameaça o próprio neto, um jovem de 23 anos. A repórter faz a passagem dizendo: “essa tristeza desse homem de 64 anos começou quando o neto dele deu uma enxadada aqui nessa região (mostra o cano) e quebrou este cano aqui. Olha só o tamanho do início do problema, que por pouco não acabou em homicídio”.

Figura 21: Repórter mostra o cano na matéria do idoso agredido pelo neto no *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias 1*, em 26 de março de 2019.

A matéria segue com as informações de que o Senhor Edson foi repreender o neto e precisou da ajuda da família para conter as agressões. A casa onde tudo aconteceu é identificada, novamente são exibidas as imagens da residência, com a informação de que o idoso mora ali com toda a família e com o neto.

Figura 22: Idoso mostra machucados no *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias* em 26 de março de 2019

Mais uma vez são exibidas imagens do idoso mostrando o pedaço de madeira que teria sido usado pelo neto para realizar as agressões, e o pé do senhor Edson machucado. A filha da vítima também foi ouvida pela repórter, sem identificação. A repórter afirma que o agressor teria passado a noite na cadeia, mas que na manhã de terça-feira já teria voltado para casa, o que a repórter afirma ser uma preocupação, já que o jovem teria ameaçado de morte a família e o avô. A matéria é encerrada com a sonora do avô afirmando que o neto venderia uma moto e compraria uma pistola de R\$ 6 mil para cumprir com a ameaça. George Bitti e Ingrid fazem um breve comentário de que o caso é um crime anunciado e que alguém tem que tomar alguma providência.

O *Ronda Geral* também exhibe a matéria já descrita acima, feita pela repórter Suzy Faria. A apresentadora Debora Moraes afirma que o caso é o “BO do dia”, que faz parte da ronda e faz a chamada da matéria explicando o ocorrido: “o neto quebrou o cano de água, aí o avô reclamou, foi aí que o rapaz se transformou, e tentou matar o idoso”.

Figura 23: Débora Moraes comenta sobre idoso agredido pelo neto no *Ronda Geral*



Fonte: *Ronda Geral*, em 26 de março de 2019.

A matéria é um pouco maior do que a exibida no *Tribuna Notícias 1*, mais sonoras do idoso e da filha são exibidas. A repórter conta que o neto disse que se fosse preso, quando voltasse, venderia a moto e compraria uma arma para matar o avô e a família. São exibidas imagens do local de onde seria a garagem da moto, e a repórter afirma que o jovem já estaria “livre”, e que a moto não se encontra na garagem, dando a entender que o jovem poderia voltar a qualquer hora e cometer o delito.

Assim que a matéria é encerrada, e volta para o estúdio, a apresentadora Debora Moraes comenta:

“É de doer o coração, tadinho do senhor Edson. O que me mata nessa atualidade é uma palavrinha chamada ingratidão. Você faz tudo por uma pessoa, esse senhor cuidou. O menino está com 23 anos, entendeu? Já saiu das fraldas, mas parece que ainda está cheirando a leite, como diz meu avô também(...) na minha época, quando alguém mais velho falava, a gente abaixava a cabeça. Ouve e aprende, e tenta argumentar. Mas tentar atirar contra a vida de quem te dá amor. O que a gente vai esperar dessa nossa juventude? O que diriam vocês que estão aí criando os seus filhos? Tem erros? Tem acertos? É triste” (Debora Moraes, em 26 de março de 2019).

Quando a apresentadora questiona sobre o que se pode esperar “dessa juventude” ela está generalizando e induzindo ao entendimento de que todos os

jovens são violentos, que não respeitam seus familiares ou as pessoas que estão próximas. O que é preciso alertar é que a opinião da apresentadora é dividida com todos os telespectadores, ajuda a construir uma imagem das juventudes. Por isso é importante ressaltar a força que uma matéria ou um comentário causa no imaginário e nas construções sociais das pessoas.

Durante as quatro matérias exibidas pelos quatro telejornais, se pode concluir que são matérias muito parecidas, são usadas as mesmas imagens, fontes e notas. O *Balanço Geral* e o *ES1* exibiram a matéria como se a ocorrência fosse no bairro Universal, em Viana. Já o *Tribuna Notícias 1* e o *Ronda Geral* como se a localidade fosse o Bairro Ipanema, também em Viana. Todos os repórteres foram até o bairro, entrevistaram a vítima e a filha da vítima, as narrativas foram construídas para dar dramaticidade ao caso. O avô, no lugar da vítima, e o neto como o “delinquente”. Durante a semana da ocorrência nenhum telejornal voltou a falar sobre o caso, já que deram a entender que o neto poderia voltar e matar a família. Não voltaram na casa do idoso e também não entrevistaram o neto.

3.6 Mulher cega é agredida pelo próprio filho em Vitória

A reportagem analisada a seguir foi realizada apenas pelo *Balanço Geral*, mas entrou na análise por ser uma matéria em que o jovem que é suspeito do ato infracional é fonte da matéria, em apenas duas matérias isso aconteceu durante as duas semanas da pesquisa, assim como será analisado também no tópico 3.7.

Uma das matérias que merece destaque da análise foi exibida pelo *Balanço Geral* no dia 08 de abril de 2019. A matéria conta a história de uma mãe cega que foi agredida pelo filho. O que difere a matéria das demais é o fato de o jovem, agente da violência, ser entrevistado pelo repórter e é por esse motivo que a matéria foi escolhida para a análise da pesquisa.

O apresentador Douglas Camargo faz a chamada da matéria afirmando que a história é impressionante, e que uma mãe não aguenta mais as agressões do filho que é usuário de drogas. A reportagem é do repórter Marcelo Rosa. A matéria tem início com imagens do Plantão Especializado da Mulher, em Vitória, e a passagem do repórter ocorre em frente a delegacia. Marcelo Rosa afirma que eles foram até lá para acompanhar de perto o drama da mãe de um jovem de 22 anos que, na manhã de segunda-feira, buscou ajuda da polícia.

“A mulher é deficiente visual e disse que sofreu várias ameaças por parte do filho. Inclusive foi agredida verbalmente por ele. O ponto alto das agressões, segundo ela, foi que o rapaz cuspiu no rosto dela. A mulher está revoltada, quer ajuda da polícia para que o filho não volte para casa” (Marcelo Rosa, 08/04/2019).

Figura 24 –Mulher cega agredida pelo filho no *Balanço Geral*



Fonte: *Balanço Geral*, em 08 de abril de 2019.

Durante a entrevista, a mãe afirma que o filho usa droga, trafica e já roubou. Ela conta que ele não aceita os conselhos que recebe da família, e ainda xinga a mãe, diz que ela não sabe o que está falando. Após a sonora da mãe, são exibidas imagens do jovem. O repórter conta que o filho estava em casa, no bairro Santa Mônica, em Vila Velha, quando foi detido por PM's e que ele confirma a agressão. Durante a sonora, o jovem conta que: “eu apenas cuspi na cara dela, só isso. – O repórter pergunta: só isso? – o jovem responde: só isso, e é pouco. A vontade é de matar”. O repórter também pergunta se o jovem é usuário de drogas:

“Repórter: O que você usa?

Jovem: Maconha, pó, crack, pedra, tudo.

Repórter: O melhor não seria amar a sua mãe, Marcos Vinicius?

Jovem: Não. Ela não é merecedora não.

Repórter: Por que ela não é?

Jovem: Nunca foi. Está bom, chega, desliga. Acabou.”

Figura 25 – Jovem que agrediu a mãe no *Balanço Geral*



Fonte: *Balanço Geral*, em 08 de abril de 2019.

Após a entrevista com o jovem, a matéria volta a exibir imagens da vítima, antes da entrevista da mãe chorando, e o repórter afirma que está há menos de um mês do dia das mães. Na sequência, entra outra sonora da vítima:

“É muito triste, sabe? Eu não choro porque eu estou colocando ele aqui (se referindo à cadeia) eu choro porque muitas mães passam por essa situação e ficam quietas. Eu não vou ficar quieta, eu vou até o fim. Comecei, eu vou até o fim”(Fala da mãe agredida pelo filho em 08 de abril de 2019).

No dia seguinte, 09 de abril de 2019, o apresentador Douglas Camargo fez uma reportagem repercutindo o caso. Importante ressaltar que matérias do apresentador não são comuns, ele só faz as reportagens especiais, não faz matérias factuais.

“Agora a gente vai ver uma reportagem especial sobre aquela mãe deficiente visual, que foi agredida pelo filho usuário de drogas. Ela resolveu dar um basta e ele continua preso. Mas dramas como esse infelizmente tem se tornado comuns” (Douglas Camargo, em 09 de abril de 2019).

A matéria tem início com imagens do jovem e uma pergunta da entrevista realizada no dia anterior pelo repórter Douglas Camargo. O apresentador pergunta o que o jovem é para a mãe: herói ou vilão? O jovem responde que é vilão. Com um efeito sonoro ao fundo, a matéria continua exibindo a entrevista do jovem, contando

que cuspiu na cara da mãe. A narrativa seguinte é a que a mãe fala sobre o jovem não aceitar os conselhos e se tornar agressivo, xingando a mãe. O apresentador Douglas Camargo faz uma passagem no Bairro Santa Mônica, Vila Velha, dizendo que foi até o local para contar o drama da família, que é a realidade de muitas outras.

Após a passagem, o apresentador contextualiza falando que a mulher cega é mãe de um jovem de 22 anos, que foi agredida verbalmente pelo filho, e que a mulher não aguentou a ousadia e chamou a polícia. É exibida a sonora utilizada na matéria anterior da mãe chorando e falando o quanto a situação é difícil.

Douglas vai até a casa da vítima, e conta que ela é aposentada, deficiente visual, e que ela ficou cega durante a gravidez do filho. Durante a entrevista, a mãe afirma que a gestação não foi planejada, mas que o filho, mesmo com as dificuldades, foi bem recebido. Douglas conta que em 2012 a vida da família começou a mudar quando o jovem, na época com 15 anos, se envolveu com as drogas. A mãe conta que sentia o cheiro da maconha na roupa, e que além da maconha, o jovem usa também cocaína. O apresentador conta que em 2016 o jovem foi detido em frente a residência após uma perseguição da polícia. Durante a entrevista, a mãe conta que pagou dívidas de droga do filho, mas que alertou que seria a última vez.

Figura 26 – Douglas Camargo entrevista mulher cega agredida pelo filho no *Balanço Geral*



Fonte: *Balanço Geral*, em 09 de abril de 2019.

A mãe pediu medida protetiva contra o filho, pois afirma temer que em um mês ele esteja solto novamente. Ela afirma que se o juiz não der a medida protetiva, a próxima matéria será sobre o enterro dela. A mãe também diz que já tentou ajudar o filho a sair das drogas várias vezes, mas que ele não aceita ajuda.

O apresentador afirma que ataques violentos e brigas de família parecem ter se tornado rotina e resgata um caso ocorrido em março de 2019, em que um adolescente agrediu a mãe, a irmã tenta defender, mas acaba sendo agredida com uma pedrada na cabeça. Ele continua resgatando um segundo caso, ocorrido no bairro Planalto Serrano, na Serra, onde um pedreiro teria agredido a nora. O repórter encerra a matéria afirmando que o jovem que agrediu a mãe continua preso e que a vítima espera que ele não saia da cadeia, e que se sair, não volte para casa.

3.7 Suspeitos de fazer arrastão pelas ruas de Jardim Camburi são detidos

No dia 11 de abril, o ES1 contou a história de dois jovens que foram presos suspeitos de cometer assaltos no Bairro Jardim Camburi, em Vitória. Durante a matéria, os jovens suspeitos foram entrevistados. A matéria foi feita pelo repórter Fabio Linhares que foi até o bairro ainda enquanto os jovens estavam sendo detidos. A matéria tem início com a exibição de filmagens dos jovens em uma calçada e com os rostos cobertos.

Figura 27 – Jovens detidos na matéria sobre o arrastão em Jardim Camburi no ES1



Fonte: ES1, em 11 de abril de 2019.

Enquanto as imagens dos jovens são exibidas, o repórter conta que eles têm 15 e 22 anos, que ficaram machucados (imagens dos ferimentos são exibidas) e caídos na calçada. Durante a passagem, o repórter relata:

“Para a polícia o motorista disse que viu esses dois rapazes cometendo um assalto. Ele usou o carro para provocar o acidente. Os dois caíram da moto e mesmo machucados não ficaram no local, saíram, pararam aqui, abandonaram a moto e só então começaram a pedir ajuda” (Fabio Linhares, em 11 de abril de 2019).

De acordo com a matéria, os dois rapazes tentaram entrar em um prédio e abordaram carros que passavam pela rua. O vigilante do Parque Fazendinha, localizado no bairro, teria chamado a polícia. Os jovens negaram que cometeram o assalto e disseram que pararam para pedir ajuda porque o motorista que provocou o acidente não parou para ajudar. Um dos jovens que foi entrevistado pelo repórter:

“Na hora que eu cruzei no cruzamento o carro veio e “puf”, bateu. A gente saiu ralando no chão, aí depois eu levantei a moto desnorreado e o cara foi embora, doido, o cara meteu o pé”.

Figura 28 – Repórter entrevista jovem detido no ES1



Fonte: ES1, em 11 de abril de 2019.

Após a entrevista, o repórter Fabio Linhares afirma que a polícia encontrou uma arma falsa escondida atrás do pneu de um carro próximo de onde a moto teria sido deixada pelos jovens. Os dois suspeitos foram socorridos e levados pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU a um hospital, depois

encaminhados para a Delegacia Regional de Vitória. A matéria exibiu as imagens da arma, da moto e dos jovens sendo socorridos para o hospital. A matéria tem apenas uma rápida sonora de um dos jovens detidos e a passagem do repórter. Após a exibição, Philipe Lemos afirma que a polícia pede que se alguém foi vítima dos dois suspeitos, que denuncie para a delegacia.

Apesar de o repórter ouvir o jovem suspeito de cometer a violência, a matéria tem pouca profundidade nos fatos. O jovem apenas afirma não ter cometido nenhum crime e a sonora é curta. A matéria não apresenta outras fontes e o jovem é exposto através de imagens, além de dar a entender que o mesmo seria culpado.

3.8 Jovem com depressão encontra no futebol a força da superação

No *Balanço Geral* todas as matérias com jovens foram da editoria de polícia. Já no *ES 1*, durante as duas semanas analisadas, os jovens também foram personagens de três matérias da editoria de esporte: uma matéria sobre um judoca que junta latinhas para participar de competições, outra matéria sobre meninas atletas do futsal que buscam ajuda para disputar mundial na Suíça, e a última sobre um projeto que treina jovens goleiros na Serra. O *Tribuna Notícias 1* não exibiu nenhuma matéria sobre esporte com jovens. No *Ronda Geral* o jovem também foi personagem de duas matérias de esporte, uma sobre um projeto social de *jiu jitsu* para jovens da comunidade do Bairro Jesus de Nazareth, em Vitória, e outra sobre um jovem com depressão que encontrou a superação por meio do futebol. Importante destacar que em ambos os telejornais, ao contrário do que acontece com as matérias da editoria de polícia, os jovens são personagens e fontes quando o assunto é esporte.

No dia 28 de março de 2019, o *Ronda Geral* exibiu uma reportagem com o jovem Kassy Jhones, ele nasceu com uma má formação, não tem pernas e um dos braços. A repórter Carol Laranja inicia a matéria contando a história do jovem, com imagens dele jogando futebol, tomando banho de mar e afirmando que o jovem é independente e que ama esporte. Durante a entrevista, o jovem conta que recentemente realizou o sonho de ir até o estádio Kleber Andrade e assistir ao jogo do Rio Branco.

Figura 29 –Kassy Jhones no *Ronda Geral*



Fonte: *Ronda Geral*, em 29 de março de 2019.

Durante a passagem, a repórter conta que há cerca de três anos atrás o jovem perdeu o pai e acabou entrando em “depressão” e que encontrou no esporte sua motivação de vida. “Foi na torcida do Rio Branco que ele encontrou força e foi no skate que ele encontrou seu sustento e a sua felicidade”.

Figura 30 –Kassy Jhones andando de skate no *Ronda Geral*



Fonte: *Ronda Geral*, em 29 de março de 2019.

O jovem conta ainda que, em vários momentos achou que não poderia fazer nada, mas entendeu que precisava tentar, e descobriu que é capaz de tudo. A

reportagem foi realizada em Nova Brasília, Cariacica, na casa do jovem. Foram cerca de oito minutos de matéria e ele foi o personagem e a fonte da matéria.

A matéria trabalha com a diversidade, mostra um jovem que nasceu com uma deficiência física e que é um atleta. Mesmo colocando o jovem em uma situação de superação, falando brevemente sobre uma “depressão” pela qual passou após a morte do pai, é o tipo de matéria que não está presente no dia a dia dos noticiários da hora do almoço. São pessoas que geralmente não estão representadas no telejornalismo, e é preciso destacar que quando são notícias, costuma ser por alguma atitude de superação, como no caso do Kassy, um jovem que mesmo sem as pernas e braços, pratica atividade física e é atleta. É importante que mais espaços como esse sejam abertos nos noticiários, principalmente como forma de educar a população e cobrar políticas para os deficientes. A matéria não é educativa, pois não informa aos cidadãos sobre locais de esporte voltados para pessoas com deficiências, por exemplo, mas é preciso dizer que é um tipo de matéria raro no telejornal, e de notável relevância. Vale destacar ainda que em um corpus de 134 matérias, apenas duas abordaram jovens com algum tipo de deficiência, como o segundo exemplo abaixo.

3.9 Capixabas atletas de futsal buscam apoio para disputar mundial

No dia 26 de março de 2019, o *ES1* exibiu uma reportagem sobre duas atletas de futebol que foram selecionadas para competir na Suíça, pela Seleção Brasileira de Surdos. A matéria é de Jorge Félix, que começa com imagens das atletas treinando em uma academia de ginástica, com a narração do repórter falando que as meninas conversam através da língua de sinais e que elas são surdas. Na continuação são mostradas imagens das meninas jogando na quadra de futsal.

Figura 31 –Atletas capixabas da Seleção Brasileira de Surdos no ES1



Fonte: ES1, em 26 de março de 2019.

O repórter conta que mesmo sendo surdas, a deficiência não foi barreira na vida das jovens e no esporte.

“O talento no futsal fez a “jovem 2” e a “jovem 3” serem convocadas para a Seleção Brasileira de Surdos, que vai ao mundial na Suíça. Mas existe uma questão para ser resolvida logo, as jogadoras vão ter que pagar as despesas da viagem. Por enquanto, sem o dinheiro para bancar a ida para a Suíça, Talita se mostrou feliz, emocionada e surpresa com a convocação. Também em Libras, que é a Língua Brasileira de Sinais, a gente viu a “jovem 2” confiante que vai viajar para a Suíça. A Federação Desportiva de Surdos está tentando ajudar no que pode. O presidente lamenta o risco da possível desconvocação” (Jorge Félix, em 26 de março de 2019).

No momento da fala do repórter, as atletas concedem a entrevista usando a Língua Brasileira de Sinais, o que se torna um ponto de destaque da matéria, pois além de mostrar que existem diversas formas de vivenciar a juventude, mostra duas jovens, atletas e surdas, um realidade que também não é representada diariamente pelos telejornais.

Figuras 32 e 33 – Entrevista com as atletas capixabas da Seleção Brasileira de Surdos no *ES1*



Fonte: *ES1*, em 26 de março de 2019.

O presidente da Federação também é entrevistado e fala que se as meninas não conseguirem o recurso para a viagem, outras pessoas serão colocadas no lugar delas. Quando a reportagem é encerrada e volta para o estúdio, a apresentadora Rafaela Marquezine faz um apelo aos telespectadores ou empresários que puderem ajudar as atletas, e frisa a importância de incentivar os atletas.

A reportagem é um dos exemplos que merecem destaque por se tratar de um fato que se mostra pouco frequente no jornalismo. A notícia dá visibilidade às juventudes em diversas formas, possibilitando representar mulheres atletas, jovens e surdas, além de mostrar que existem formas das pessoas ajudarem para que o esporte capixaba seja reconhecido e dê oportunidades às jovens.

3.10 Luiz junta latinhas para ajudar a realizar sonhos no esporte

O *ES1* se mostrou o jornal que apresentou mais matérias sobre esporte e educação em relação aos jovens, como o exemplo da matéria exibida no dia 12 de abril de 2019, feita pelo repórter Jorge Félix. A reportagem conta a história do Luiz Carlos, um jovem de 18 anos que “junta” latinhas para conseguir treinar Judô e participar das competições.

A reportagem tem início com a narração do repórter e imagens do Luiz procurando latinhas pelo bairro. O repórter afirma que é esse o compromisso do Luiz todas as tardes ao sair da escola, procurar latinhas pelos bairros de Vitória. Uma sonora é feita com o jovem ao contar que tem dias que são bem difíceis, que ele encontra poucas latinhas, e que esse esforço é para ajudar no Judô.

Figura 34 – Entrevista com o judoca Luiz ES1



Fonte: ES1, em 12 de abril de 2019.

A segunda parte da matéria mostra o repórter chegando à academia em Santa Marta-Vitória, onde o Luiz pratica o esporte. Jorge Félix conta que Luiz é judoca e que o dinheiro que ele ganha com a venda das latinhas é para pagar a mensalidade da academia e as viagens para competir. O jovem conta que se não fosse por esse trabalho com as latinhas ele não conseguiria praticar o esporte e competir.

Figura 35 – Luiz treinando Judô no ES1



Fonte: ES1, em 12 de abril de 2019.

Jorge Félix chama o jovem de “catador-atleta” e diz que ele se tornou referência para os colegas do esporte. A reportagem também ouviu outros jovens que praticam esporte junto com o Luiz e eles contam que o esforço do jovem é um exemplo para todos eles e que é um orgulho para a academia. “Na rua ou no tatame, Luiz é um lutador”.

Quando a reportagem é encerrada, a apresentadora Rafaela Marquezzine conta que Luiz está viajando para Salvador para uma competição, e parabeniza o professor Adisson pelo projeto na região de Andorinhas e Santa Marta. Ela afirma que ele é um pai para os atletas e que o projeto é muito importante para a região, já que são bairros com índices de violência, sendo o esporte um “caminho do bem” para esses jovens.

3.11 Jovens que treinam para serem goleiros, em Vila Velha

No dia 29 de março de 2019 o *ES1* apresentou uma matéria sobre uma escolinha de goleiros, no município de Vila Velha-ES. A reportagem foi realizada por Jorge Félix. A reportagem teve início com o repórter falando que muitos goleiros fizeram história no futebol, e que no Brasil são vários nomes, como, por exemplo, Claudio Taffarel. Jorge Félix conta a história do “jovem 4”, 17 anos, de Paul, Vila Velha, que sonha em seguir uma carreira como goleiro.

Figura 36 – Entrevista com jovem que treina para ser goleiro no *ES1*



Fonte: *ES1*, em 29 de março de 2019.

Durante o *off*, o repórter narra que “jovem 4” já é goleiro da Desportiva e treina em uma escolinha só para goleiros. O jovem afirma que quer fazer história em um dos grandes times do Brasil.

Figura 37 – Entrevista com jovem Augusto que treina para ser goleiro no *ES1*



Fonte: *ES1*, em 29 de março de 2019.

Augusto é outro jovem de 19 anos que treina na escolinha e tem intenção de seguir carreira como goleiro profissional. O treinador dos jovens também é entrevistado e fornece algumas dicas para quem sonha em se tornar goleiro. Importante destacar que na matéria os jovens são os personagens principais são a fonte da reportagem, o treinador aparece em segundo plano. Um aspecto diferente das matérias sobre violência, onde os jovens não recebem destaque.

3.12 Estudantes ganham aula de reforço para passar na prova do IFES

No dia 11 de abril de 2019, o *ES1* exibiu uma matéria mostrando um projeto social desenvolvido pelo Instituto Federal do Espírito Santo – IFES, no campus Serra. A repórter Fabíola de Paula mostrou a iniciativa que ajuda alunos de escolas públicas a ingressarem no IFES. O projeto é feito por professores que são alunos de graduação do Instituto e é desenvolvido há três anos. As aulas são para alunos de escolas públicas do município, de bairros pobres, em áreas de risco. Os alunos que

participam do projeto são indicados pelas escolas e não podem faltar as aulas para não perderem as vagas.

Um dos alunos entrevistados é uma jovem que afirma que precisou faltar uma aula porque os pais não tinham dinheiro para que ela pudesse pagar a passagem de ônibus. Além da estudante, outros quatro alunos são fontes da matéria, e três professores.

Figura 38 – Alunos ganham aula de reforço para passar na prova do IFES no ES1



Fonte: ES1, em 11 de abril de 2019.

Durante a passagem, a repórter conta que as aulas de reforço no IFES refletem também nas escolas. A reportagem é gravada em uma escola da Serra que tinha um dos índices mais baixos do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). Esse índice mede a qualidade do ensino das escolas públicas. “A escola em três anos passou de 2,5 para 4,3 na avaliação do IDEB”, afirma a diretora. A repórter declara que os alunos estão faltando menos na escola de Barcelona, na Serra, e o índice de alunos faltoso que era de 43% foi para 12%.

A diretora da escola é uma das fontes da matéria e afirma que a “instituição tinha um contexto marginalizado, muito difícil, com muita violência. Então nós tivemos uma mudança de comportamento e também na questão educacional”. Trata-se de mais um enfoque importante dado às juventudes por meio da reportagem, sinalizando como esses jovens podem avançar nas aprendizagens e bons resultados nos estudos.

3.13 Espírito Santo lidera ranking de mortes por uso de álcool no país

Em 29 de março de 2019, o *Tribuna Notícias 1* exibiu uma reportagem para repercutir dados de uma pesquisa que mostra o Espírito Santo como líder de mortes por uso de álcool no país. A reportagem foi escolhida para a presente análise pelo telejornal usar como personagem da matéria uma mulher, jovem, negra, de 21 anos.

Figura 39 – Jovem personagem da matéria sobre álcool no *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias 1*, em 29 de março de 2019.

Os apresentadores, durante a chamada da matéria, afirmam que em muitos casos o uso do álcool tem início na adolescência. A matéria é de Filipe Chicarino, que inicia a reportagem com imagens da jovem e narrando: “universitária, jovem, decidida e que gosta de álcool”, a narração é interrompida e é exibida a primeira sonora da jovem: “três a quatro vezes por semana, no mínimo (se referindo à bebida). “Repórter: Quando não consome, sente falta? Jovem: eu sinto muita falta sim”.

O repórter continua o *off* afirmando que a jovem não é exceção e que parte dos jovens brasileiros bebe com regularidade, sendo que mais da metade deles já experimentou bebida alcoólica. A matéria continua com mais um sonora da personagem: “eu gosto de beber muito para relaxar e para me animar também. Como eu trabalho muito, eu encontro no álcool isso, né? Às vezes eu saio e estou com sono, não estou na *vibe* de sair para o rolê, pego, bebo e já era. Animadíssima”. Durante a passagem o repórter afirma que:

“Quando o consumo do álcool começa cedo e se arrasta, se agrava ao longo da vida, as consequências a gente até não quer enxergar, mas já conhecemos: saúde comprometida, e até mesmo a morte. E uma pesquisa divulgada esta semana legitima esta realidade, tanto que o Espírito Santo ocupa agora um ranking indigesto, é o primeiro estado do Brasil em mortes de pacientes com 55 anos ou mais por conta do uso do álcool. Também não é a toa, o álcool é uma droga democrática, de fácil acesso” (Felipe Chicarino, em 29 de março de 2019).

Após a passagem é exibida a sonora de um pesquisador especializado em dependência química. Ele conta que o álcool é a droga que mais mata no mundo, e que o vício começa com beber socialmente, até que se torna uma doença e pode causar sérias consequências para a saúde.

Figura 40 – Especialista em dependência química no *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias1* em 29 de março de 2019.

Após a entrevista com o especialista, o repórter fundamenta a pauta com um estudo do Centro de Informações da Saúde e Álcool (CISA) que aponta que mais de 50% dos estudantes capixabas do ensino fundamental, com idades entre 13 e 15 anos, já beberam pelo menos uma vez. Para comentar a pesquisa é exibida mais uma sonora com o especialista que afirma que o maior número de atendimentos que ele realiza é por alcoolismo na adolescência: “Nesse carnaval a gente vê muitas fotografias, muitos vídeos de crianças e jovens segurando garrafa de cachaça, cerveja, vodka, parece uma coisa normal. Não é normal”. A reportagem é finalizada com mais uma sonora da jovem que afirma que está ficando preocupada, já que

quando não está consumindo bebidas, ela sente falta, e que um fato que começou como uma “válvula de escape” pode estar se tornando um vício. Assim a matéria é encerrada, a apresentadora faz um comentário para reforçar o assunto tratado anteriormente:

“Olha, George, eu tenho certeza que muitos pais se identificaram muito, porque eu tenho dois filhos jovens em casa, acompanho as festas e eu nunca vi tanto consumo de bebida alcoólica. E isso que o especialista falou é gravíssimo. No carnaval a gente viu muito mesmo, a gente vê constantemente nas festas e deixou tudo muito claro, normalmente ninguém vira alcoólatra da noite para o dia. Tudo começa com a bebida socialmente” (Ingrid Scwhartz, em 29 de março de 2019).

Nenhum fato novo é tratado durante o comentário da apresentadora, mas o desabafo dela é uma forma de aproximar o telespectador da matéria que está sendo exibida. É uma forma de endereçar o conteúdo. Já o apresentador George Bitti faz um comentário para chamar a atenção dos pais, fato que a matéria não tratou, mas que foi ressaltado pelo apresentador. Ele afirma que muitas vezes esse consumo de álcool é incentivado pelos próprios pais.

“Agora por um lado, a gente vê que muitos pais logo cedo bebem na frente das crianças e em algumas vezes a criança está ali e o pai não tá olhando, a criança pega o copo, aquele restinho de bebida e põe na boca, então quer dizer, os pais depois que o filho cresce e vira adolescente reclamam muito que ele tá bebendo, mas não enxergam essa parte da infância, então é preciso também ficar atento a isso daí” (George Bitti em 29 de março de 2019).

Ao final da reportagem, os apresentadores falam sobre a importância de ajudar as pessoas alcoólicas e reforçam o contato do grupo Alcoólicos Anônimos. Importante destacar que esse tipo de informação complementa a matéria, pois vai além do que é noticiado e busca orientar as pessoas que estejam passando por esse tipo de problema. Essa é a parte educativa do jornalismo, sendo muito importante que os veículos tenham essa consciência para colaborar com informação de qualidade e que orientem a população.

É importante ressaltar que, a produção escolheu uma jovem negra para ser a personagem da matéria. Embora seja uma matéria de orientação, com informação de utilidade pública, ao escolher uma negra acaba reforçando estereótipos e

preconceitos no imaginário das pessoas, principalmente sendo o especialista branco e a personagem negra.

3.14 Centenas de pessoas buscam vagas de empregos no Sine da Serra

No dia 10 de abril de 2019, o *ES1* exibiu duas reportagens na editoria de empregos, com jovens como fontes. A primeira matéria a ser analisada mostrava muitas pessoas na agência do Sistema Nacional de Emprego da Serra, conhecida como “Sine da Serra”, em busca de uma colocação no mercado de trabalho.

Durante a chamada da matéria, os apresentadores Philipe Lemos e Rafaela Marquezine afirmam que mais de mil pessoas foram até o Sine tentar uma vaga de emprego, e que algumas até dormiram para garantir o lugar na fila. Eles afirmam que os empregos eram para uma empresa que estava com 70 vagas disponíveis. O repórter Diony Silva entrou ao vivo do Sine, informando sobre as vagas que teriam sido divulgadas no dia anterior. Ele conta que ainda faltavam 600 senhas para serem chamadas, e que o fluxo de pessoas aumentou muito no Sine por conta dessas vagas. A reportagem exibe três sonoras com pessoas que estavam em busca do emprego, dois homens, um branco e um negro, e um jovem negro.

Figura 41 – Entrevista com jovem em busca de emprego no Sine da Serra no *ES1*



Fonte: *ES1*, em 10 de abril de 2019.

Durante a entrevista do jovem, ele conta que chegou às sete horas da manhã e já tinham cerca de 300 pessoas na frente dele. A outra sonora foi com o Secretário de Trabalho e Renda da Serra, Roberto Carlos. Importante ressaltar que o secretário é negro e o quanto essa sonora mostra uma representatividade dos negros já que poucas vezes aparecem como fontes de notícias, principalmente em cargos importantes.

Figura 42 – Entrevista com o Secretário de Trabalho e Renda da Serra no *ES1*



Fonte: *ES1*, em 10 de abril de 2019.

O secretário afirmou que seriam cerca de 70 vagas para o setor metal e mecânico, e que eles tinham a oportunidade de ver os trabalhadores já saindo do Sine com emprego, destacando o quanto a ação era gratificante num momento de alto desemprego no Brasil e no Espírito Santo.

Após a sonora do Secretário, Diony Silva volta ao vivo e entrevista outros homens que já conseguiram o emprego, o que comprova a fala do secretário de que algumas pessoas já saíam do Sine com o encaminhamento para as empresas. Foram cerca de 10 minutos de matéria entre a chamada dos apresentadores e o momento ao vivo do repórter com as sonoras. Ao final da reportagem os apresentadores divulgaram outras vagas de empregos e de concursos.

A matéria teve cunho informativo, de serviço e educativo, já que instruiu os telespectadores, principalmente os moradores da Serra, para buscarem o Sine e tentarem uma oportunidade no mercado de trabalho. Importante que os telejornais deixem espaço na programação para esse tipo de matéria com informação de

qualidade ao cidadão, mesmo a matéria não mostrando dados sobre o desemprego no país, não deixa de ser uma matéria utilitária, que agrega valor ao cidadão. Importante ressaltar também que foram seis sonoras, cinco com trabalhadores e uma com o secretário. A maioria das sonoras envolveu pessoas negras, homens e apenas um jovem, mas ajuda a mostrar a juventude buscando emprego. Ao mostrar o secretário, que é um homem negro, resalta-se a importância de que o jornalismo utilize mais e melhor as fontes de notícias, para que, em uma matéria como essa os negros não estejam apenas na posição do desemprego, mas que eles apareçam em posição de notoriedade e relevância.

3.15 Capixabas ganham felicidade e renda extra com receitas de família

Durante as duas semanas analisadas, quatro matérias sobre empregos foram exibidas pelos telejornais *Tribuna Notícias 1* e *ES1*. No dia 10 de abril de 2019, o *ES1* exibiu uma matéria intitulada como “Xô crise: capixabas ganham felicidade e renda extra com receitas de família”. A matéria constrói a narrativa para mostrar que mesmo durante a crise, as pessoas estão conseguindo conquistar uma renda. Os personagens foram dois jovens, um homem e uma mulher que contaram que com receitas de família conseguem uma renda extra para cobrir as despesas. A repórter Mayara Mello foi até Jacaraípe, na Serra, para contar a história da Letícia, uma jovem, técnica em meio ambiente, que após ficar desempregada vende “pudins”.

As imagens iniciais da matéria são da Letícia cozinhando pudim. A repórter inicia o texto falando que foi na crise que a Letícia se reinventou: “E olha, ela nem precisou ir muito longe para abraçar o negócio que já estava ali, pertinho dela, na sobremesa do final de semana”. Após o *off* da repórter é exibida a primeira sonora com a personagem: “Em abril de 2015 eu fiquei desempregada e em um almoço de família o meu pai e o meu irmão deram a ideia: Letícia, faz pudim para vender”.

Figura 43 – Entrevista com Letícia no ES1



Fonte: ES1, em 10 de abril de 2019.

A repórter conta que a jovem é técnica ambiental e durante dois anos ficou desempregada, foi quando resolveu apostar na ideia e começou a fazer os tradicionais pudins da família para vender: “Letícia pesquisou, fez cursos no Sebrae para se aperfeiçoar e semanalmente recebe pelos menos 70 encomendas”, afirma a repórter. Em seguida, é exibida mais uma sonora da jovem que conta que sempre deixa os produtos prontos porque já tem clientes fixos. A repórter conta que são mais de 16 sabores de pudim, e que eles tem destino certo, parte são para as encomendas e parte são vendidos na feira no bairro, com a ajuda do pai da jovem. A repórter também entrevista o pai de Letícia, Geraldo Rosa, que conta que acompanha a filha e que ajudá-la é uma forma de incentivar o trabalho.

A segunda parte da reportagem é feita com o Greco Chequer, um jovem de família libanesa que aprendeu as receitas de família com a avó.

Figura 44 – Entrevista com Greco no ES1



Fonte: ES1, em 10 de abril de 2019.

De acordo com a reportagem, Greco é formado em Direito, mas também ficou um período desempregado foi quando, de acordo com a matéria, descobriu que gostava de culinária e se formou em Gastronomia. Durante a sonora, o jovem afirma que hoje tem uma profissão mais leve, e que mesmo sendo uma troca ousada, ele consegue trabalhar com a Gastronomia. A matéria é encerrada com a repórter provando uma comida árabe. Esse tipo de reportagem, principalmente com um jovem árabe, ressalta a importância de que haja diversidade nas matérias, mais fontes com pessoas negras, e que essas fontes não estejam apenas relacionais às violências, mas demonstrando todas as potencialidades que as juventudes podem oferecer. Importante destacar ainda que a primeira parte da matéria é realizada no Bairro Jacaraípe, na Serra, um bairro que, na maioria das vezes, é destaque nos jornais como sinônimo de violência, mas que no caso dessa reportagem reforçou a persistência e o empreendedorismo de uma jovem, que aproveita os espaços que o bairro oferece, como a pracinha local, para vender seus produtos, mostrando os jovens ocupando os diferentes territórios.

Outro ponto a ser observado é que durante a primeira parte da matéria, a repórter explica que a Letícia fez cursos no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) antes de iniciar o empreendedorismo. Essa informação é passada de forma rápida, a repórter não explica, mas merece destaque, pois torna a matéria educativa, já que mostra um caminho para os jovens

que também pensam em se tornar donos do próprio negócio e podem não ter a instrução necessária.

O enquadramento desses jovens se diferencia daquele que é feito em relação aos jovens envolvidos com as violências. Nas matérias sobre educação, emprego e saúde os jovens são personagens e fontes de notícia, eles contam suas histórias, o que raramente acontece com os jovens que são mostrados como agentes envolvidos em algum tipo de crime.

3.16 Fila para tentar vaga em hamburgueria na Serra

Além do *ES1*, o *Tribuna Notícias 1* também exibiu duas matérias sobre empregos, com jovens durante as semanas analisadas. A primeira matéria foi exibida no dia 25 de março de 2019. A repórter Bruna Maria foi até a Serra-ES mostrar uma enorme fila de pessoas para tentar uma vaga de emprego em uma hamburgueria.

Durante a chamada da matéria os apresentadores afirmam que as vagas disponibilizadas pela hamburgueria fez muita gente “sair da cama” cedo e gerou uma longa fila. Foi destacado que até quem tem curso superior estava lá tentando uma oportunidade em qualquer função. A reportagem teve início com imagens da fila com centenas de pessoas, na Avenida Norte Sul, na Serra, e em seguida três sonoras, com mulheres jovens afirmando que estavam em busca do emprego. Uma das sonoras foi com a Renata, que, de acordo com a repórter, chegou no local às cinco horas da manhã. A entrevistada afirma que é preciso chegar cedo para garantir a vaga, já que da última vez que ela tentou não conseguiu ser atendida por causa da quantidade de pessoas que já estavam na fila.

Em *off* a repórter afirma que o anúncio das vagas foi feito pela internet, e isso explica a quantidade de pessoas que estavam tentando o emprego. Durante os *offs* são exibidas imagens da fila. A repórter destaca que o clima estava muito quente e as pessoas que precisaram se proteger do sol. Em seguida, entrevista uma mulher que afirma que uma pessoa já tinha passado mal e por isso ela estava se protegendo do sol com um guarda-chuva para não passar mal também e perder a oportunidade.

Durante a passagem, a repórter Bruna Maria explica que as vagas são para atendente, caixa e “chapeiro” do restaurante, e o que atraiu as pessoas foi o fato de

que não era preciso experiência para concorrer a vaga. Em seguida, outra sonora é exibida com a jovem Pamela que estaria em busca do primeiro emprego, afirmando que também chegou por volta das cinco horas da manhã para tentar a vaga.

Figura 45 – Entrevista com a estudante Pamela no *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias 1*, em 25 de março de 2019.

Após a sonora, a repórter afirma que ao contrário da Pamela, que estaria no ensino médio, na fila também tinha candidato com ensino superior, tentando vaga para qualquer área. A sonora seguinte é do Valdeci, que afirmou ser formado, mas que não se importava e aceitaria a vaga que surgisse.

Figura 46 – Entrevista com Valdeci no *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias 1*, em 25 de março de 2019.

A matéria foi encerrada com a repórter entrevistando a última pessoa que estava na fila, a jovem Marianne, que disse que mesmo sendo a última não desistiria da vaga só pelo “tamanho” da fila. Ao voltar as imagens para o estúdio, o apresentador George Bitti afirmou que a hamburgueria, localizada no Shopping Mestre Álvaro, na Serra, receberia os currículos até às quatro horas da tarde.

Durante a matéria, sete jovens foram entrevistados, com idades entre 17 a 28 anos. Foram quatro mulheres negras, um homem negro e duas mulheres brancas. Em algumas sonoras, as pessoas não foram identificadas na legenda da imagem, mas na maioria foram identificadas. O que chama atenção é que em algumas sonoras, no lugar da formação, na legenda, estava descrito “desempregado”. Mesmo o jovem que afirmou ter curso superior não teve a profissão divulgada. Já a jovem Pamela foi descrita como estudante.

A palavra desempregado gera uma série de preconceitos, e não deveria ser usada dessa forma durante uma matéria. O correto teria sido identificar as pessoas como jovem, estudante ou divulgar a profissão, para que essas pessoas não sejam estigmatizadas pelo status de desemprego. É preciso destacar também que em uma

pauta sobre desemprego, a maioria (cinco) dos entrevistados era de jovens e negros.

A matéria não foi além do factual, que era mostrar a fila e explicar que aquele cenário estava relacionado com as pessoas em busca de um emprego. Não foram usados dados sobre desemprego na matéria e nenhum especialista em economia, por exemplo, foi ouvido. O fato de a maioria das pessoas que estavam ali serem jovens também não foi destacado, e muitas vezes esse fator não é percebido.

3.17 - Bazar atrai clientes e gera empregos

A segunda matéria exibida pelo telejornal *Tribuna Notícias 1* sobre empregos foi no dia 11 de abril para divulgar um bazar que estaria ocorrendo em Jardim Camburi, Vitória. O enfoque da matéria, além de divulgar o bazar seria para falar sobre a geração de empregos.

Durante a chamada da matéria os apresentadores afirmam que não são os descontos que estão agradando as pessoas, mas a oportunidade de emprego, mesmo que temporário. A matéria é de Vanessa Calmon que inicia a reportagem mostrando os descontos oferecidos pelo bazar, em seguida são exibidas duas sonoras com as pessoas falando que não daria para perder os descontos. Durante o off da repórter são exibidos os produtos ofertados e a repórter fala das variedades de produtos e ofertas. A sonora seguinte é do jovem Charles Neves que é o organizador do evento.

Figura 47 – Entrevista com o organizados do bazar *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias 1*, em 11 de abril 2019.

A fonte afirma que o bazar é feito com roupas de “grife” e que os preços variam de R\$ 20,00 até R\$ 200,00. Em seguida um lojista é entrevistado e afirma que é uma ótima oportunidade para conseguir limpar o estoque de peças de coleções passadas e ainda “girar” o capital do comércio.

Durante a passagem, a repórter afirma que: “não são só os clientes e os lojistas que ficam satisfeitos com esse tipo de evento. Quem está procurando por emprego também sai ganhando com as vagas temporárias”. Após a fala da repórter, a jovem Thamyres Ribeiro é entrevistada e fala que é preciso estar atento às redes sociais para ver as vagas disponíveis, estar em contato com amigos para indicação e que esse é um período que sempre tem vaga, que é preciso buscar essas oportunidades.

Figura 48 – Entrevista com a vendedora Thamyres no *Tribuna Notícias 1*



Fonte: *Tribuna Notícias 1*, em 11 de abril 2019.

Em seguida, entra outra sonora do organizador do evento com informações sobre as vagas de empregos temporários:

“As pessoas que tiverem interesse para geração de empregos podem deixar o currículo com a gente. A gente vai contratar temporário, quem está precisando e para os eventos futuros fica no nosso banco de dados para, mais pra frente, a gente contratar essas pessoas para o trabalho” (Charles Neves, em 11 de abril de 2019).

Após o encerramento da matéria, os apresentadores explicam onde está ocorrendo o bazar e que o dia da matéria é o último dia de evento, mas que os organizadores afirmaram que outros eventos ocorrerão e quem se interessar pelas vagas temporárias deve enviar o currículo através de um e-mail divulgado pelo telejornal. Esse tipo de matéria informa, educa e mostra possibilidades de inserção no mercado de trabalho para os jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com objetivo de estudar o enquadramento noticioso realizado pelos telejornais sobre as juventudes na Grande Vitória-ES, esta dissertação analisou os quatro telejornais transmitidos na hora do almoço dos capixabas. Os telejornais estudados foram *Balanço Geral*, *Ronda Geral*, *ES1* e *Tribuna Notícias* 1.

Compreende-se jovem os indivíduos de 15 a 29 anos, e as juventudes como uma parcela etária da população entre o infantil e o adulto que vive socialmente um processo de reinserção social (SIMÃO, 2017, p. 151). Os estudos para essa dissertação iniciam a partir do conceito de juventudes, entendendo que não existe apenas uma juventude, mas várias “juventudes”, já que os jovens vivenciam essa fase de maneiras diferentes e criam modos diferentes de serem jovens. Os jovens da periferia vivem a juventude de forma diferente do jovem de classe média do centro urbano. Por entender e acreditar na multiplicidade das juventudes, o estudo foi realizado buscando compreender se os telejornais conseguem mostrar as juventudes em toda sua amplitude.

Uma das hipóteses da pesquisa era que a maioria das matérias envolvendo jovens seria policial, com as fontes da própria polícia, onde o jovem não teria tanta visibilidade. A hipótese foi testada e aprovada quando 116 matérias, das 134 analisadas, eram matérias policiais, ou seja, durante as duas semanas de análise, 86% das matérias com jovens foram de segurança e violência, e 14% de outros temas, como educação, saúde, esporte, economia. Além disso, as fontes ouvidas pelas matérias são fontes oficiais, como a polícia, e secundárias, como as testemunhas. Os jovens tem baixa visibilidade, principalmente quando são suspeitos de algum crime. Em apenas duas matérias os jovens suspeitos foram fontes.

Ou seja, em matérias de polícia em que o enfoque principal são os jovens, eles não aparecem como fonte, além disso, os órgãos competentes que trabalham políticas públicas para as juventudes, também não são ouvidos. Já nas matérias sobre esporte e economia os jovens apresentam maior visibilidade e participação. Durante as duas semanas de análise, nas reportagens de esporte, os jovens foram fontes. Fator que deveria se repetir quando as matérias são sobre violências e têm

os jovens como vítimas ou suspeitos. É preciso realçar e dar mais visibilidade a esses jovens para conhecer as histórias e os contextos de cada um, para que se amplie o debate e cobre dos órgãos competentes políticas para as juventudes.

A segunda hipótese era de que o contexto social dos jovens envolvidos nas matérias de insegurança e violência era ignorado durante a apuração. Essa hipótese também foi comprovada, já que grande parte das matérias fica no factual e pouco problematiza as violências. Além do contexto não ser trabalhado, as questões raciais, de educação, lazer – que são negadas a muitos jovens – também não são o foco dos telejornais. As matérias são exibidas e a sensação é de que apenas mais um jovem foi preso, ou foi morto, mas que não há o que ser feito sobre isso.

A falta de problematização é prejudicial ao debate das juventudes. É preciso fazer as pessoas refletirem sobre os índices de violência com os jovens e, para isso, é preciso ouvir as juventudes. Entender que o problema não vai ser resolvido com mais um jovem preso ou morto. A jornalista Fernanda Coelho Silva (2008), em um estudo sobre os jovens e a mídia, afirma que é preciso que o sistema socioeducativo eduque os jovens e os preparem para uma vida em sociedade, mas que é preciso que as juventudes tenham condições para isso, para que o sistema não seja visto apenas como algo punitivo. Silva (2008) afirma ainda que a responsabilidade do Estado para a juventude se limita à fiscalização a auxílios, sendo necessário um combate mais incisivo, para que o sistema socioeducativo seja um sistema educacional.

Não é possível recuperar um jovem, com a pretensão de que ele tenha uma vida digna, impondo a ele um regime sem as mínimas condições de dignidade. O que os jovens precisam não é caridade e sim, um projeto político de atendimento. O jovem pobre, o jovem negro, o jovem da favela precisa de oportunidades, precisa de inclusão social, de identidade e de atenção do governo e da sociedade (COELHO SILVA, 2008, p. 3).

É preciso também uma ação mais efetiva dos órgãos com relação à mídia, principalmente a televisão, por ser um local de construção de representação de identidades, onde são reforçados estereótipos e estigmas, mas que pode se configurar num espaço importante para o combate aos preconceitos da sociedade.

A coordenadora da Área de Juventude e Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Miriam Abramovay (2002) explica que “a violência, tendo os jovens como vítimas ou agentes, está intimamente ligada a condição de vulnerabilidade social destes indivíduos (ABRAMOVAY, 2002, p. 33).

Entretanto, a questão da vulnerabilidade social não é trabalhada pelos telejornais, sobretudo nas matérias policiais. As matérias ficam em torno de fontes oficiais, como a polícia, testemunhas, familiares e vítimas, mas não buscam, por exemplo, a Secretaria de Direitos Humanos do Estado, conselheiros tutelares ou pesquisadores das juventudes, o que enfraquece a narrativa e não aprofunda o debate sobre o tema.

Em relação às fontes utilizadas pelos telejornais, observa-se que acontece uma desqualificação dessas fontes. Os repórteres preparam as matérias com base em boletim de ocorrência ou testemunho de algum policial que atendeu a ocorrência, situações que deixam as matérias jornalísticas com pouco contexto e problematização. O policial militar não pode ser entendido como uma fonte qualificada para falar sobre um caso. Seria mais interessante ouvir a assessoria da polícia, tenente, capitão ou delegado. Vale destacar que no dia 03 de janeiro de 2020 entrou em vigor a Lei 13.869 de Abuso de Autoridade, que proíbe policiais militares e civis de publicarem em páginas institucionais e de divulgarem na imprensa, fotos e nomes de suspeitos ou presos (G1, 2020).

Um exemplo são os atos de constranger o detendo a exibir seu corpo “à curiosidade pública” ou de divulgar a imagem ou nome de alguém, apontando-o como “culpado”. Agora isso pode levar uma autoridade a ser punida com penas de 1 a 4 anos de detenção e de 6 meses a 2 anos, mais multa, respectivamente (G1, 2020, s.p).

Mesmo antes da Lei de Abuso de Autoridade, o ECA já previa não ser permitido divulgar imagens dos detentos. No caso do ECA, essa questão está voltada para os menores de idade. Os jornais “mostram” imagens dos adolescentes sem identificá-los, mas nem isso deveria ser feito para preservar a integridade do jovem e de sua família, já que em alguns veículos as casas são identificadas, o que expõe também a família.

Os dados da pesquisa apontam uma dificuldade dos telejornais em representar os jovens como personagens ou fontes em outras editorias que não sejam as de polícia. Quando o jovem é notícia por alguma violência, ele não ganha espaço na matéria para ser ouvido. O que ocorre é a divulgação de fotos do jovem, ou alguma filmagem dele sendo detido, ou imagem de circuito de videomonitoramento. O enquadramento é o do jovem como violento. Já quando aparecem matérias de esporte, economia, educação, o jovem é enquadrado como

um indivíduo que constrói um novo futuro. Nessas matérias, os jovens ganham voz, espaço, visibilidade.

A terceira hipótese testada foi a de que, ao aparecem na mídia, a maioria das matérias envolvendo os jovens são sobre violência, e que as discussões de pautas sobre políticas públicas para os jovens não são trabalhadas pelos telejornais. No texto da dissertação, o Cejuve, o CRJ e a Secretaria de Direitos Humanos do Estado foram apontados como instituições que apresentam legitimidade e conhecimento sobre as juventudes. Essas instituições não estão presentes nos telejornais da Grande Vitória, além deles, a cartilha desenvolvida pela ANDI (2012) voltada para a cobertura jornalística de crianças e adolescentes não é usada como referência pelos telejornais. Falta conhecimento desses materiais por parte dos jornalistas, além de tempo de apuração e uma fiscalização maior dos órgãos competentes.

Não se pode afirmar que faltam recursos para uma cobertura jornalística de qualidade, o que falta é o conhecimento por parte dos jornalistas, tempo de apuração e uma fiscalização maior dos órgãos competentes.

Os jovens representados nos telejornais capixabas são, na maioria das matérias, homens, negros, agentes ou vítimas das violências urbanas. Uma visão limitada e cheia de estereótipos das juventudes capixabas é divulgada, o que restringe ainda mais o entendimento do público sobre essa categoria social e impede um debate amplo e diverso, de forma que as juventudes pudessem ser discutidas em toda sua complexidade, riqueza de identidades e possibilidades.

O autor Murilo César Soares (2009) explica como os enquadramentos são produzidos pelas narrativas jornalísticas para reforçar certas percepções

Os enquadramentos residem nas propriedades específicas da narrativa noticiosa que encorajam percepções e pensamentos sobre eventos e compreensões particulares sobre eles. Os enquadramentos de notícias são construídos por palavras, metáforas, conceitos, símbolos e imagens visuais enfatizadas na narrativa noticiosa (SOARES, 2009, p. 57).

De acordo com a pesquisa realizada, é possível afirmar que nos quatro telejornais observados, os quadros escolhidos para trabalhar as juventudes são quadros estigmatizados, com jovens em situação de risco, jovens autores ou vítimas de violências. A identidade do jovem fica limitada à violência ou à falta de acessos. As matérias de violências são importantes, mas o jornalismo não deve somente trabalhar com esse tipo de tema, principalmente quando o assunto está amplamente ligado apenas a uma categoria social, como o caso dos jovens. A discussão deve

ser mais abrangente e complexa, com a discussão para além do fato em si, além disso, é preciso trabalhar a diversidade na mídia, quanto mais diverso o jornal for em relação aos assuntos, mais crítico e bem informado será o público.

As análises também mostram como os telejornais fazem o uso de termos pejorativos, como menor, criminoso, bandido. Sobre o termo “criminoso”, o Guia de Referência para a Cobertura Jornalística (2012) afirma que os termos corretos são “adolescente em conflito com a lei”, “jovem em conflito com a lei” ou ainda “acusado de ter cometido alguma violência”:

“Delinquente”, “criminoso”, “marginal” trazem o problema para a pessoa, atribuindo seus atos a causas “biológicas” – portanto, difíceis de serem superadas. “Em conflito com a lei” estabelece uma condição temporal e superável. O adolescente não “é”, ele “está” (ANDI, 2012, p. 77).

A elaboração de guias ou documentos, como o citado anteriormente, são de extrema importância para que os jornalistas conheçam mais sobre leis, termos e tenham acesso a informações para poderem aprimorar cada vez mais as coberturas jornalísticas. É um tipo de material acessível e disponível que não cria margem para o desconhecimento por parte da imprensa, tornando-se muito relevante para o trabalho na área de jornalismo.

As análises desse estudo também mostraram que em 14% das matérias os telejornais realizaram pautas sobre saúde, educação, economia, lazer, tendo os jovens como personagens e fontes. É importante que essas matérias estejam mais presentes nos noticiários para que os jovens sintam-se representados pelos jornais, para que eles não sejam colocados sempre em posição de suspeitos ou acusados ou em situação de violências, mas sejam reconhecidos também como jovens, que têm sonhos, planos, gostam de lazer, estudam e se divertem. Faz-se necessário que os quadros de representação dos jovens sejam múltiplos, e não estáveis e resumidos a uma única “janela”, ou a uma única forma de representação.

Nesse contexto, reportagens com jovens atletas, pessoas com deficiências, jovens estudantes ou artistas são exemplos de um jornalismo sério e comprometido com a questão das juventudes, que apresenta dados sobre a educação no estado e que mostra como as oportunidades dadas aos jovens podem mudar o cenário e o futuro dessas pessoas. Seria importante que reportagens com essa natureza fossem exibidas todos os dias pelo noticiário capixaba, para que a imagem dos jovens não fique vinculada somente às situações de risco ou violência, e ainda, para que se

discutam questões importantes, como projetos sociais e políticas públicas voltadas às juventudes, tão necessárias no Brasil e no mundo.

Vale destacar que na maioria das matérias com jovens aparece homens, e apenas em 15% das matérias há a presença de mulheres jovens. O que demonstra a falta de representação dessas jovens nos telejornais. Elas aparecem como vítimas ou testemunhas em matérias policiais, e apenas em duas matérias sobre esporte as jovens são fontes.

A pesquisa mostra que os jovens, principalmente os jovens em situação de violência, não são ouvidos pelos telejornais, e que não acontece a representação das juventudes em todas as suas formas e identidades de ser. É preciso que a imprensa, e a televisão apresentem diversidade e pluralidade em suas pautas, que mostrem não só os jovens em situação de risco ou violência, mas as juventudes com todas as suas identidades e formas, em todos os seus territórios, sejam eles físicos, como forma de ocupação de territórios, espaços de cultura e lazer, ou sejam eles simbólicos, como forma de produção e construção das identidades das juventudes.

Por acreditar na potência da comunicação e sua força para o exercício da democracia que a pesquisa foi realizada. É para a produção de um jornalismo diverso, que represente as juventudes em todas as suas formas de existir e de vivenciar a territorialidade que a pesquisa foi pensada. Para que os enquadramentos noticiosos também mostrem diversas seleções, ou janelas, mas que sejam plurais, que não delimitem ou apresentem uma visão estereotipada dos jovens ou das juventudes. Além disso, é preciso que jornalistas, pesquisadores e sociedade possam contribuir para que as juventudes sejam reconhecidas em todos os seus modos de existir e tenham condições para isso, com esporte, lazer, educação, saúde. Para que o território “periferia” pare de ser estigmatizado, assim como as juventudes, por acreditar que um dia o preconceito racial e todas as suas outras formas possa ser eliminado é que o estudo foi realizado.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

A GAZETA. **Negros não têm acesso a emprego e são principais vítimas da violência.** 2019. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/negros-nao-tem-acesso-a-emprego-e-sao-principais-vitimas-da-violencia-1119> Acesso em 16 de novembro de 2019.

ALDESCO, Aldo. **Morte de jovens no ES supera média nacional.** Vitória, 2019. Disponível em: < <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2019/09/37817/morte-de-jovens-no-es-supera-media-nacional.html> > Acesso em: 20/09/2019.

ABRAMO, Helena Wendel. **Retratos da Juventude brasileira:** análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina:** Desafios para Políticas Públicas. Brasília : UNESCO, BID, 2002.

ABRINQ. **A criança e o adolescente no ODS.** São Paulo: Fundação Abrinq, 2017. Disponível em <https://observatoriocrianca.org.br/system/library_items/files/000/000/021/original/A_Crian%C3%A7a_e_o_Adolescente_nos_ODS_-_6_11_e_16pdf.pdf?1513175968> Acesso em 23/08/19.

ANDI- Comunicação e Direitos. **Adolescentes em conflito com a lei:** guia de referência para a cobertura jornalística. Brasília: ANDI, 2012.

ANDI- Comunicação e Direitos. **A mídia brasileira e as regras de responsabilização dos adolescentes em conflito com a lei — Parte I:** a construção de uma mentalidade. Brasília: ANDI, 2013a.

ANDRADE, Ivanise Hilbig de. **A construção discursiva da violência envolvendo crianças e adolescentes em jornais impressos brasileiros:** Um estudo de caso dos jornais O Globo e Extra de 2000 a 2014. 427f. 2016. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em < http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Tese_construcao-discursiva-da-violencia_IvaniseAndrade_revisadafinal.pdf > Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

ARBEX JUNIOR, José. **Showrnlismo:** a notícia como espetáculo. 2. ed. São Paulo, SP: Casa Amarela, 2002.

BARBOSA, Gustavo Guimarães. RABAÇA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação.** 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo, Martins Fontes, 1977.

BRAGA, Adriana; AGUIAR, Leonel; BERGAMASCHI, Mara. O chão de fábrica da notícia: contribuições para uma economia política da práxis jornalística. Intercom-RBCC. São Paulo, v.37, nº 1, p. 111-132, 2014.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação a filosofia do jornalismo**. São Paulo, Edusp, 1992.

BERGER, Peter. Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

BORGES, Beatriz; STOCHERO, Tahiane; TOMAZ, Kleber. **Polícias param de divulgar nomes e fotos de presos após lei de abuso de autoridade entrar em vigor**. G1. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/01/10/policias-param-de-divulgar-nomes-e-fotos-de-presos-apos-lei-de-abuso-de-autoridade-entrar-em-vigor.ghtml>> Acesso em 16/02/2020.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: ensaios sobre a televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

CANELA, Guilherme. **Mídia & Direitos Humanos**. Brasília: ANDI; Secretaria Especial dos Direitos Humanos; UNESCO, 2006.

CARRANO, Paulo. **Juventudes**: as identidades são múltiplas. Revista Movimento, Faculdade de Educação da UFF, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2000, p. 11-27.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico**. Contemporânea, Salvador, vol. 7, nº 2, dez. 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, Elisa Guaraná de; Severine Carmem, MACEDO. **Estatuto da Criança e Adolescente e Estatuto da Juventude**: interfaces, complementariedade, desafios e diferenças. Revista Direito e Práxis, Rio de Janeiro, Vol. 10, N. 02, 2019 p. 1214-1238, 2019. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rdp/v10n2/2179-8966-rdp-10-2-1214.pdf> Acesso em: 31 de novembro de 2019.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e público: sobre a natureza dos serviços e das parcerias. In: VIZEU, A; MELLO, E; PORCELLO, F; COUTINHO, I. (orgs). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V.3. Florianópolis: Insular, 2014.

COSTA, Gabriela Vasconcelos; HENRIQUES, Rafael da Silva Paes. **O lugar da população negra no telejornalismo capixaba**. São Paulo: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016.

DORETTO, Juliana. **Criança de jornal**: representações de infância e juventude em Brasil e em Portugal. Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 9 Nº 2 – Julho a Dezembro de 2012.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

ENTMAN, Robert. **Framing**: toward clarification of a fractured paradigm. Journal of Communication, New York, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1994.

ESPÍRITO SANTO. Decreto nº 3101-R, de 30 de agosto de 2012. **Diário Estadual dos Poderes do Estado do Espírito Santo**, Vitória, 31 de agosto de 2012. Disponível em <<https://sedh.es.gov.br/Media/sedh/DOCUMENTOS%202017/dio-31do08de2012-conselho-estadual-de-juventude-pag-2.pdf>> Acesso em 20/08/2019.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 23 nov. 2019.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Correa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

FERNANDES. Florestan. **Significado do protesto negro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.

FERREIRA, Giovandro Marcus et al. **A construção da violência na televisão da Bahia**: um estudo dos programas Se Liga Bocão e Na Mira. Salvador: UFBA, 2011.

_____. **A construção da violência na TV e em jornais impressos na Bahia**. Salvador: UFBA, 2012.

FILGUEIRA, Carlos Henrique. **Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social**: aproximaciones conceptuales recientes. In: CEPAL. Seminario Vulnerabilidad. Santiago: Cepal, 2001.

GAZETA ONLINE. **Amaro Neto é o deputado estadual mais votado no Espírito Santo**. Vitória, 2018. Disponível em:< https://www.gazetaonline.com.br/noticias/politica/eleicoes_2018/2018/10/amaro-neto-e-o-deputado-federal-mais-votado-do-espírito-santo-1014151332.html> Acesso em 10/02/2019.

GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003.

GARAU, Elaine, 2018. **WhatsApp como incentivo ao jornalismo participativo: transformações no TN 1ª Edição, da rotina produtiva ao relacionamento com o telespectador**. Vitória, 2018.

GERBNER, George. **An institutional approach to mass communications research**. In L. Thayer (Ed.), *Communication theory and research: Proceedings of the First International Symposium* (pp. 429–445). Springfield, IL: Charles C. Thomas, 1967

GERBNER, George; GROSS, Larry; SIGNORIELLI, Nancy. **Television's Mean World: violence profile no. 14-15**. The Annenberg School of Communications University of Pennsylvania Michael Morgan University of Massachusetts, 1986.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**, Boston: Northeastern University Press. 1986.

G1. **Força Nacional vai atuar em 28 bairros de Cariacica**. Espírito Santo, 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/07/30/forca-nacional-vai-atuar-em-28-bairros-de-cariacica-es.ghtml> > Acesso em: 20/08/19.

_____. **Eleições 2016: resultados da apuração**. Espírito Santo, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/es/espírito-santo/eleicoes/2016/apuracao/vitoria.html>> Acesso em: 10/02/19.

GROPPO, Luis Antonio. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

_____. **Dialética das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Revista Educação do Cogeime, 2004.

HAESBAERT, Rogério. “Definindo território para entender a desterritorialização”. In: HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização, do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

_____. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira em 2016**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **Boletim de Informações Criminais - 1º Trimestre de 2018**. Disponível em: < <http://www.ijsn.es.gov.br/component/attachments/download/6198> > Acesso em 16 de fevereiro de 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro: 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf> Acesso em 16 de fevereiro de 2019.

_____. **Relatório jovens fora da escola**. Informações disponíveis em: <<http://www.ijsn.es.gov.br/component/attachments/download/5655>> Acesso em: 27/08/2019.

JOHAN Elisangela Rudiger; FELIPPI Aana Cristina Trevisan. **Identidade territorial e juventude**: a percepção dos jovens do Vale do Rio Pardo/RS sobre o território, por meio da fotografia. Revista do Desenvolvimento Regional - Faccat - Taquara/RS - v. 15, n. 1, jan./jun. 2018.

KANTAR IBOPE. São Paulo, 2018. disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/televisao-a-abrangencia-e-a-influencia-do-meio-mais-presente-na-vida-dos-brasileiros/>> Acesso em 12 de janeiro de 2020.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A ética jornalística e o interesse público**. Summus Editorial, 2004.

KAYSER, Jacques. **Une semaine dans Le Monde**: étude compare de 17 grands quotidiens pendant 7 jours. Paris: Unesco, 1953.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodologia de análisis de contenido** – teoria y práctica. Barcelona: Paidós, 1990.

LEITÃO, Juliana Andrade; SANTOS, Maria Salett Tauk. **Imagem jornalística e representações sociais**: a imagem dos Sertões. Intercom – RBCC. São Paulo, v.35, n.1, p. 133-155. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n1/08.pdf>> Acesso em 15 de Fevereiro de 2019.

LIMA, Marcus Antônio Assis; MOTA, Flávia Moreira e. **Crime, Castigo e Recuperação**: como adolescentes são representados em uma série de reportagens de uma TV brasileira. São Paulo, v.38, n.1, p. 213-230, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2212/1876>> Acesso em 13 de Fevereiro de 2019.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**, Editora Vozes, 2017.

MAGALHAES, Rômulo; OLIVEIRA, de Anna Carolina de. **Os programas “policialescos” e o espetáculo da barbárie**: um estudo à luz da proteção integral dos direitos de crianças e adolescentes. Revista Brasileira de Direito Constitucional Aplicado. São Gotardo, Vol. 2, n. 2, p. 163-178, jul./dez. 2015.

MAIA, Aline Silva Correia. **O Telejornalismo no Brasil na Atualidade**: Em Busca do Telespectador, 2011. Disponível em: <
https://analisedetelejournalismo.files.wordpress.com/2011/08/maia_aline.pdf > Acesso em 20 de Junho de 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Editora Moderna, 1988.

MARÔPO, Lidia. A **construção da agenda mediática da infância**: um estudo de caso sobre a relação entre movimentos sociais e os media noticiosos. Lisboa: Livros Horizonte, 2008a. Disponível em: <
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1113-2.pdf> > Acesso em 14 de fevereiro de 2019.

MARTINUZZO, José Antonio. Prólogo – Territorialidade: O que é isso? In: **Comunicação e Territorialidades**: as pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós graduação em Comunicação do Espírito Santo. MARTINUZZO, J. A; TESSAROLO, M. (orgs.). Barbosa, A... [et al.]. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Comunicação Social, 2016.

MCQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

McCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. The **Evolution of Agenda-Setting**: Twenty-Five Years in the Marketplace of Ideas. Journal of Communication, vol. 43 (2), p. 58-68, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência contra crianças e adolescentes**: questão social, questão de saúde. Revista bras. saúde matern. infant., Recife, 1(2):91-102, maio-ago., 2001.

MONTIPÓ, Criselli. **Jornalismo e democracia**: tensionamentos não democráticos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0721-1.pdf>. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

MORAES, Denis. (Org.) **Mídia, poder e contrapoder**. Ed. Boitempo, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2009.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos diferenças e trajetórias. In: **Culturas jovens: novos mapas de afeto**. ALMEIDA, M.I.M de, EUGENIO, F (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

OLIVEIRA SILVA, Monique de. Juventudes inventadas. In: BERINO, Aristóteles; VICTORIO FILHO, Aldo (Org.) ; SOARES, Conceição (Org.) . **A fatura das juventudes**: tramas entre educação, mídia e arte. 1. ed. Rio de Janeiro: NAU/EDUR (Editora da UFRRJ), 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS- ONU. **Campanha Vidas Negras**. Pelo fim da violência contra a juventude negra no Brasil. 2017. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/vidasnegras/> >. Acesso em 13 de fevereiro de 2019.

PASCHOARELLI, Luis Carlos; MEDOLA, Fausto Orsi; BONFIM, Gabriel Henrique Cruz. Características Qualitativas, Quantitativas e Quali-quantitativas de Abordagens Científicas: estudos de caso na subárea do Design ErgonômicoIn: **Características Qualitativas, Quantitativas e Quali-quantitativas de Abordagens Científicas**. Revista de Design, Tecnologia e Sociedade, 2015.

PATIAS, Jaime Carlos. **O espetáculo da violência no telejornal sensacionalista**: uma análise do “Brasil Urgente”. São Paulo, 2005.

PESSALI, Hésio. **A imprensa no Espírito Santo**. Revista de Cultura- Ufes. Vitória, 1984.

PONTE, Cristina. **Crianças em notícia**: a construção da infância pelo discurso jornalístico. Lisboa: ICS Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política**. Minas Gerais: – ANPOCS , 2004.

PROJETO SOL, **Quem somos**, 2019. Disponível em:<<http://www.projetosol-es.org.br/public/>> Acesso em 10/07/19.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993.

REBOUÇAS, Edgard, et al. **Violação de direitos humanos**: análise do telejornal Ronda Geral ES. Intercom: 2019.

REDE GAZETA. **O Brasil vê o Espírito Santo pelas lentes da TV Gazeta**, 2019. Disponível em: <<https://www.redegazeta.com.br/veiculos-e-negocios/tv-gazeta/>> Acesso em: 20/08/19.

REIS, Marcela. **O espetáculo e sensacionalismo no telejornal piauiense Bom Dia Meio Norte**. Comunicação & Mercado , v. 01, p. 77-86, 2012.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, Paula Melani; WOITOWICZ, Karina Janz. **Representação de gênero na mídia**: um estudo sobre imagem de homens e mulheres em jornais e revistas segmentadas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Florianópolis, 2013.

SALES, Mione Apolinario. **(In)visibilidade perversa**: adolescentes infratores como metáfora da violência. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SECRETARIA DO ESTADO DE DIREITOS HUMANOS. **Ocupação Social**, 2017. Informações disponíveis em:< <https://sedh.es.gov.br/ocupacao-social-3>> Acesso em 10/07/19.

_____. **Conselho estadual da juventude**, 2017. Disponível em: <<https://sedh.es.gov.br/conselho-estadual-da-juventude-cejuve>> Acesso em 20/08/19.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA SOCIAL DO ESPÍRITO SANTO- SESP. **Estatística de Homicídios**. Disponível em : < <http://pc4seg.sisp.es.gov.br/homicidio-war/xhtml/estatisticaHomicidios.jsf> > Acesso em 05 de Maio de 2018.

SILVA, Fernanda Coelho. **A juventude na mídia brasileira**: estereótipos e exclusão. Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação Ano 1 - Edição 4 – Junho/Agosto. São Paulo: 2008.

SIMÃO, Nubia. **A face obscura da esfinge midiática**: estudo de recepção junto a adolescentes. 1 ed. Curitiba: Appris, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade mídia e violência**.v2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SOUSA, Lumarya. **O território proibido e a estigmatização da violência na construção da imagem da favela nos telejornais da Rede Globo**. Intercom, Curitiba, 2017. Disponível em: < <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2669-1.pdf> >. Acesso em 15 de outubro de 2018.

SQUIRRA, Squirra. **Aprender Telejornalismo**: Produção e Técnica. São Paulo: Brasiliense, 1989.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Desconstruindo o telejornal: um métodos para ver além da mélangue informativa. In: VIZEU, A; MELLO, E; PORCELLO, F; COUTINHO, I. (orgs). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V.3. Florianópolis: Insular, 2014.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; TUZZO, Simoni Antoniacci. **Pedaços de maus caminhos**: o belo e o grotesco nas representações das cidades no telejornalismo brasileiro. Porto Alegre, v.21. n.36. 2016. p. 17-26

TRAQUINA, Nelson. **As teorias do jornalismo**: por que as notícias são como são. v. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIBUNA ONLINE. **Institucional**. 2019. Disponível em <<https://tribunaonline.com.br/p/rede-tribuna-institucional> > Acesso em 20/08/19.

TUCHMAN, Gaye. **Making news by doing work**: Routinizing the unexpected. American journal of Sociology, v. 79, n. 1, p. 110-131, 1973.

_____. **The production of the News**. In: JENSEN, Klaus Bruhn (Ed.). A handbook of media and communication research: qualitative and quantitative methodologies. Routledge, 2013.

TV Vitória. **Balanco Geral ES**. 2016. Disponível em: <<https://www.tvvitoria.com.br/programas/balanco-geral-es/>> Acesso em 10/02/2019.

UNESCO. **Índice mostra a vulnerabilidade dos jovens à violência no Brasil**. 2017. Disponível em: < http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/single-view/news/index_outlines_youth_violence_vulnerability_in_brazil/ > Acesso em 06 de Maio de 2018.

VARJÃO, Suzana (coord.). **Violações de direitos da mídia brasileira**: ferramentas prática para identificar violações de direitos no campo da comunicação de massa. Guia de monitoramento de direitos. Vol. 1. Brasília: ANDI, 2015.

_____. **Violações de direitos na mídia brasileira**: Pesquisa detecta quantidade significativa de violações de direitos e infrações a leis no campo da comunicação de massa. / Suzana Varjão. Brasília, DF: ANDI, 2016. 148 p.; (Guia de monitoramento de violações de direitos; v.3)

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

_____. **Decidindo o que é notícia**: os bastidores do telejornalismo. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2016**: homicídios por armas de fogo no Brasil. Rio de Janeiro, FLACSO, 2016. Disponível em: < https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf > Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: 1996.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001.

Apêndice A - Formulário para levantamento dos dados da pesquisa realizado no Google Docs

O enquadramento das Juventudes nos Telejornais da Grande Vitória

Formulário realizado pela aluna Alice Barcellos como parte da sua pesquisa de dissertação e orientado pelo professor Dr. Edgard Rebouças. A pesquisa pertence ao Núcleo de Pesquisa e Ação Observatório da Mídia: Direitos Humanos, Políticas e Sistemas da Universidade Federal do Espírito Santo.

**Obrigatório*

A matéria é sobre juventudes?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

Data de Exibição:

- ☐ 25/03 segunda-feira
- ☐ 26/03 terça-feira
- ☐ 27/03 quarta-feira
- ☐ 28/03 quinta-feira

- ☐ 29/03 sexta-feira
- ☐ 08/04 segunda-feira
- ☐ 09/04 terça-feira
- ☐ 10/04 quarta-feira
- ☐ 11/04 quinta-feira
- ☐ 12/04 sexta-feira
- ☐ Outro:

Telejornal

- ☐ Balanço Geral
- ☐ Ronda Geral
- ☐ ES1
- ☐ Tribuna Notícias 1

Manchete

Sua resposta _____

Gênero da Matéria

- ☐ Diversional
- ☐ Informativo
- ☐ Interpretativo
- ☐ Opinativo
- ☐ Utilitário
- ☐ Opção 6
- ☐ Outro: _____

Formato da matéria

- ☐ Comentário
- ☐ Editorial
- ☐ Entrevista
- ☐ Indicador
- ☐ Nota
- ☐ Notícia
- ☐ Reportagem

Jovem foi:

- ☐ Vítima
- ☐ Agente
- ☐ Personagem

Natureza da origem da matéria

- ☐ Factual
- ☐ Produzida

Tema da matéria

- ☐ Comportamento
- ☐ Comunidade
- ☐ Cultura
- ☐ Economia/ emprego
- ☐ Educação
- ☐ Esporte
- ☐ Polícia
- ☐ Política
- ☐ Prestação de serviço
- ☐ Saúde e bem-estar
- ☐ Trânsito

Fonte da matéria

- ☐ Acidental/ ocasional
- ☐ Apurada
- ☐ Assessoria de Imprensa
- ☐ Autoridade policial
- ☐ Vítima
- ☐ Testemunhas
- ☐ Família
- ☐ Jovem
- ☐ Outro:

Local de cobertura

- ☐ Delegacias
- ☐ Bairros populares
- ☐ Bairros nobres
- ☐ Espaços administrados pelo poder público
- ☐ Hospital/ Pronto Atendimento
- ☐ Escolas
- ☐ Outro: _____

Se a fonte for uma autoridade policial, qual?

- ☐ Policial Militar
- ☐ Policial Civil
- ☐ Policial Federal

Tipificação do crime na matéria

- ☐ Estelionato
- ☐ Estupro
- ☐ Furto
- ☐ Homicídio
- ☐ Tentativa de Homicídio
- ☐ Roubo
- ☐ Tráfico de drogas
- ☐ Trânsito
- ☐ Outro: _____

Classificação da pessoa AUTUADA na matéria

- ☐ Acusado
- ☐ Crimonoso
- ☐ Suspeito
- ☐ Menor
- ☐ Bandido
- ☐ Traficante
- ☐ Jovem
- ☐ Rapaz
- ☐ Adolescente
- ☐ Ladrão
- ☐ Assassino
- ☐ Outro: _____

Idade do jovem

- ☐ 15 anos
- ☐ 16 anos
- ☐ 17 anos
- ☐ 18 anos
- ☐ 19 anos
- ☐ 20 anos
- ☐ 21 anos
- ☐ 22 anos
- ☐ 23 anos
- ☐ 24 anos
- ☐ 25 anos
- ☐ 27 anos
- ☐ 28 anos
- ☐ 29 anos

Raça/ Etnia do Jovem

- ☐ Negro
- ☐ Pardo
- ☐ Indígena/ Cigano
- ☐ Branco

Gênero/ Orientação Sexual

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ LGBT

Bairro/ Município da matéria

Sua resposta

Enviar

Página 1 de 1

Apêndice B – Tabelas com os dados dos telejornais analisados

BALANÇO GERAL			
Título da matéria	Tema	Fonte	Local da cobertura
Rapaz morre e adolescente ferida	Polícia		Bela Aurora- Cariacica
Irmãos adolescentes fazem arrastão	Polícia	Policial Militar	Itapuã- Vila Velha
Homem é assassinado com 13 tiros na rua de casa	Polícia		Castelândia, Jacaraípe
Tiroteio entre gangues assusta moradores	Polícia		Morro do Romão, Vitória
Suspeitos presos após assalto em ônibus	Polícia		São Francisco; Tabajara- Cariacica
Avô é ameaçado e agredido pelo neto	Polícia	Policial Civil	Viana
Pai e filho brigam e jovem vai preso por agredir o pai com chutes, socos e pauladas	Polícia	Policial Militar	Jardim Marilândia, Vila Velha
Preso homem que baleou PM em tentativa de assalto	Polícia	Policial Civil	Valparaíso, Serra
Família pede justiça por morte de adolescente	Polícia		Bandeirantes, Cariacica
Suspeitos de execução aparecem com armas	Polícia	Policial Civil	Muquiçaba, Guarapari
Jovem esfaqueado após brigar por cerveja	Polícia		Redenção, Vitória
Motorista de aplicativo ajudava em fugas	Polícia		Divino Espírito Santo, Vila Velha
Tiroteio deixa um morto e três feridos	Polícia	Policial Militar	Nova Brasília, Cariacica
Policial se atrasa para prova e agride esposa	Polícia	Policial Militar	Arlindo Vilasque, Viana
Suspeito de assassinato de jovem é preso	Polícia	Policial Civil	Bela Aurora, Cariacica
Vítimas reconhecem motorista assaltante	Polícia	Policial Militar, Policial Civil	Divino Espírito Santo, Vila Velha
Homem morto a tiros na volta do trabalho	Polícia	Policial Civil	Boa Sorte, Cariacica
Suspeitos caem de telhado durante fuga	Polícia	Policial Militar	Morada da Barra, Vila Velha
Adolescente agride mãe e irmã com pedrada	Polícia	Policial Civil	Santo Antônio, Serra
Homem baleado após tentar roubar policial	Polícia	Policial Militar	Enseada do Suá, Vitória
Drogas, munição e celulares apreendidos	Polícia	Policial Militar	Morro do Romão, Vitória
Vítima e testemunhas prestam depoimento	Polícia		Serra
Dois suspeitos são presos durante operação	Polícia	Policial Militar	Jaburuna, Vila Velha
Operação prende suspeito de homicídios e tráfico	Polícia	Policial Civil	Vila Velha
Rapaz esfaqueia irmã após briga	Polícia		José de Anchieta, Serra
Feirante leva três tiros na frente na frente da própria casa em Santa Luzia	Polícia	Policial Militar	Santa Luzia, Cariacica

Escola tem segurança reforçada após invadir unidade	Polícia		Serra
Mulher cega é agredida pelo próprio filho	Polícia		Santa Mônica, Vila Velha
Ajudante de pedreiro é esfaqueado na porta de casa	Polícia	Policial Militar	Santo Agostinho, Viana
Homem pelado agride motoboy na Mata da Praia	Polícia	Policial Militar	Mata da Praia, Vitória
Polícia prende suspeito de matar adolescente que denunciou drogas e armas	Polícia		Nova Carapina I, Serra
Mãe deficiente visual denuncia próprio filho viciado em drogas por agressão	Polícia		Santa Mônica, Vila Velha
Fotógrafa é assaltada em praia de Vila Velha	Polícia		Praia Secreta, Vila Velha
Dupla em moto sofre acidente e policial descobre que eram assaltantes	Polícia	Policial Militar	Itacibá, Cariacica
Pelado que agrediu motoboy recebe alta e não se lembra de nada	Polícia		Mata da Praia, Vitória
Adolescente é apreendido e outro preso em tentativa de assalto	Polícia	Policial Militar	Jardim Camburi, Vitória
Criminoso rouba celular e pede para vítima procurar delegacia em Vitória	Polícia	Policial Militar	Centro de Vitória
Assaltante tenta roubar celular pela janela de ônibus e acaba preso	Polícia		BR 262, Cariacica
Adolescentes fazem arrastão em ônibus e acabam detidos	Polícia	Policial Militar	Jacaraípe, Serra
Homem pelado que agrediu motoboy segue preso	Polícia		Mata da Praia, Vitória
Adolescente é baleado na perna ao negar entregar celular em assalto	Polícia		Vista da Serra II, Serra
Após mortes e tiros, helicóptero da polícia sobrevoa morros	Polícia		Andorinhas, Vitória
Helicóptero da polícia sobrevoa Morro do Macaco após morte e tiroteio	Polícia		Tabuazeiro, Vitória
Helicóptero sobrevoa bairros após mortes e tiroteio em Vitória	Polícia	Policial Civil	Tabuazeiro, Vitória
Adolescente tenta roubar celular e populares capturam suspeito em Vila Velha	Polícia	Policial Militar	Bairro Itapoã, Vila Velha
Ladrão rouba celular, se enconde em terreno vizinho a casa de policial e é preso	Polícia	Policial Civil	Itacibá, Cariacica
Criminoso tenta aplicar golpe em cliente de bar e acaba preso	Polícia		Enseada do Suá, Vitória
Fuzil é apreendido e garotos vão até delegacia procurar arma	Polícia	Policial Militar	São Benedito, Vitória
Jovem é atingido por pedaço de madeira durante assalto na Praia do Canto	Polícia	Policial Militar	Praia do Canto, Vitória
Adolescente fala do desespero ao ser baleado em assalto	Polícia		Vista da Serra II, Serra
Polícia Civil apreende 130 tabletes de maconha em Castelândia, Serra	Polícia	Policial Civil	Castelândia, Serra

ES1			
Título da matéria	Tema	Fonte	Local da cobertura
Adolescente é assassinado e menina fica baleada após festa	Polícia		Bandeirantes, Cariacica
Homem é baleado com quatro tiros em praia da Serra, ES	Polícia	Policia Civil	Praia de Carapebus, Serra
Capixabas atletas de futsal buscam apoio para disputar mundial na Suíça	Esporte		
Tentativa de assassinato na Serra	Polícia	Policia Civil	Valparaíso, Serra
Neto ameaça avô porque foi chamado atenção no ES	Polícia		Viana
Uma pessoa é morta e outras 4 ficam feridas em tiroteio em Cariacica, ES	Polícia	Policia Militar, Policia Civil	Nova Brasília, Cariacica
Motorista de aplicativo e comparsas são presos após cometer assaltos em Vila Velha, ES	Polícia		Divino Espírito Santo, em Vila Velha
Polícia acredita que jovem foi morto por engano em Cariacica, ES	Polícia	Policia Civil	Bandeirantes, Cariacica
Crianças são atendidas nos corredores de Hospital Infantil lotado em Vila Velha, ES	Saúde e bem-estar		Vila Velha
Ginasta capixaba, Natália Gaudio aposta também na vida de modelo	Comportamento		Enseada do Suá, Vitória
PM de folga reage a assalto em Vitória e criminoso é baleado	Polícia		Enseada do Suá, Vitória
Ex-deputado estadual Luiz Durão é julgado por estupro de adolescente de 17 anos, no ES	Polícia		Serra
Mais de 250 pedras de crack são encontradas em casa no Morro do Romão	Polícia	Policia Civil	Morro do Romão, Vitória
Suspeito de participar de tiroteio que matou homem e deixou feridos em Cariacica é preso	Polícia	Policia Civil	Nova Brasília, Cariacica
Conheça os jovens que treinam para ser goleiro, em Vila Velha	Esporte		Paul, Vila Velha
Sete quilos de maconha são encontrados em saco de lixo em casa de Guarapari, no ES	Polícia	Policia Civil	Setiba, Guarapari
Polícia cumpre 33 mandados e prende duas pessoas durante operação contra tráfico de drogas	Polícia	Policia Civil	Bairro Jaburuna, Vila Velha
Homem pelado é preso após agredir motoboy na rua em Vitória	Polícia	Policia Militar	Mata da Praia
Desfesa Civil interdita escola municipal em Praia Grande, Fundão	Educação		Praia Grande Fundão
Tiroteio termina com morto e ferido em Cariacica, ES	Polícia	Policia Civil	Porto Belo I, Cariacica
Tiroteio entre morros do Moscoso e Piedade, em Vitória, é registrado por moradores	Polícia	Policia Militar	Morros do Moscoso e Piedade, Vitória
Suspeito de abusar sexualmente de cunhadas é preso no ES	Polícia	Policia Militar	Vila Velha

Motoboy que foi agredido por homem nu, conta que foi pego de surpresa	Polícia		Mata da Praia, Vitória
Centenas de pessoas buscam vaga de emprego no Sine da Serra, ES	Economia/ emprego		Serra
Noivos e fotógrafos são vítimas de assalto durante ensaio de casamento em Vila Velha, ES	Polícia	Policial Militar	Praia Secreta, Vila Velha
Xô Crise: capixabas ganham felicidade e renda extra com receitas de família	Economia/ emprego		Jacaraípe, Serra
Suspeitos de fazer arrastão pelas ruas de Jardim Camburi, Vitória, são detidos	Polícia	Policial Militar	Jardim Camburi, Vitória
Estudantes ganham aula de reforço pra passar na prova do Ifes através de projeto na Serra	Educação		Serra
Homem que agrediu motoboy na rua após ficar pelado vai para presídio	Polícia	Policial Civil	Mata da Praia, Vitória
Estudante de 15 anos é baleado em assalto após dizer que estava sem celular	Polícia	Policial Militar, Policial Civil	Vista da Serra, Serra
Tiroteio é registrado no Morro do Macaco, em Vitória	Polícia		Tabuazeiro, Vitória
Corretor teve celular clonado, pediu ajuda e teve dinheiro roubado, no ES	Polícia	Policial Militar	Enseada do Suá, Vitória
Polícia encontra 57 kg de maconha em conjunto habitacional de Jacaraípe, na Serra	Polícia	Policial Civil	Jacaraípe, Serra
Judoca cata latinhas para ajudar a realizar o sonho no esporte no ES	Esporte		Santa Marta, Vitória
Alunos prestam homenagem emocionante a professor aposentado na Serra, ES	Educação		Valparaíso, Serra
Escolas estaduais abrem as portas para os pais de alunos no ES	Educação		Divino Espírito Santo, Vila Velha/ Mario Cipreste, Vitória
Morros de Vitória tem tiros, foguetório e apreensão de fuzil	Polícia	Policial Militar	Morro do Macaco, Vitória
RONDA GERAL			
Título da matéria	Tema	Fonte	Local da cobertura
Quase uma tragédia: neto tenta matar o avô com cavadeira	Polícia		Ipanema, Viana
Preso suspeito de atirar em PM durante assalto	Polícia	Policial Militar, Policial Civil	Valparaíso, Serra
Projeto social que ensina jiu-jitsu para jovens da comunidade	Esporte		Jesus de Nazareth, Vitória
Bandido conhecido como "milk shake" é autuado por oito assassinatos na Serra	Polícia		Novo Horizonte, Serra
Família de jornalista pede respostas pela morte da jovem	Polícia		Serra
Morto por engano: adolescente executado foi confundido com irmão	Polícia	Policial Civil	Cariacica

Família de jornalista pede respostas para morte da jovem	Polícia		Serra
Jovem com depressão encontra no futebol a força da superação	Esporte		Nova Brasília, Cariacica
Tiroteio assusta moradores do Morro do Moscoso, em Vitória	Polícia		Morro do Moscoso, Vitória
Homem surta, sai pelado e agride motoboy	Polícia		Mata da Praia, Vitória
Adolescente esconde celular de assaltante e é baleado na Serra	Polícia		Vista da Serra, Serra
Mulher é encontrada morta em terreno na Serra	Polícia		São Diogo I, Serra
Fuzil personalizado é apreendido em operação em Vitória	Polícia		Morro de São Benedito, Vitória

TRIBUNA NOTÍCIAS 1º ED

Título da matéria	Tema	Fonte	Local da cobertura
Motociclista arrastado por 700 m após carro invadir contramão	Trânsito		Rodovia do Contorno, Cariacica
Jovem é morto em frente de casa	Polícia		Bela Aurora, Cariacica
Eletricista é esfaqueado pelo filho da ex namorada	Polícia		
Fila para tentar uma vaga em hamburgueria na Serra	Economia/emprego		Serra
Jurados de morte! Briga de ciganos termina com vários assassinatos	Polícia	Policial Civil	Muquiçaba, Guarapari
Suspeito de estupro é agredido na Serra	Polícia	Policial Civil	Alterosas, Serra
Bicicleta compartilhada jogada no mar	Polícia		Baía de Vitória
Preso homem acusado de tentativa de latrocínio contra militar	Polícia	Policial Civil	Valparaíso, Serra
Jovem agride o avô em Viana	Polícia		Ipanema, Viana
Adolescente assassinado foi confundido com o irmão	Polícia	Policial Civil	Bela Aurora, Cariacica
Suspeitos de matar cigano ostentam armas antes de matar a vítima	Polícia		Muquiçaba, Guarapari
Família de jornalista morta faz protesto em Vitória	Polícia		Vitória
Acusado de oito assassinatos na Serra também matou amigo	Polícia	Policial Civil	Novo Horizonte, Serra
Preso suspeito de participar de assassinato de eletricista na Serra	Polícia		Nova Almeida, Serra
Bandido tenta assaltar policial e se dá mal	Polícia	Policial Militar, Policial Civil	Enseada do Suá, Vitória
Rapaz de 29 anos cai de cobertura de prédio em Guarapari	Polícia		Praia do Morro, Guarapari
Apreensão de drogas no Morro do Romão, em Vitória	Polícia		Morro do Romão, Vitória

Bandido faz arrastão, tenta roubar carro e para fugir pula em valão	Polícia	Policia! Militar	Vila Velha
Espírito Santo lidera ranking de mortes por uso de álcool no país	Saúde e bem-estar		
Presos suspeitos de matar duas pessoas em Ponta da Fruta, Vila Velha	Polícia	Policia! Civil	Jardim Asteca, Vila Velha
Golpe do empréstimo: cuidado para não ser uma vítima	Polícia	Policia! Civil	Vitória
Homem nu agride motoboy e atropela policial em Vitória	Polícia		Mata da Praia, Vitória
Homem preso acusado de violentar três cunhadas	Polícia	Policia! Militar	Vila Velha
Peladão doidão: autuado por quatro crimes	Polícia		Mata da Praia, Vitória
Ladrões batem em carro e atingem poste durante fuga	Polícia	Policia! Militar	Itacibá, Cariacica
Adolescente baleado por esconder celular de bandidos	Polícia	Policia! Militar	Vista da Serra I, Serra
Foguetório assusta moradores do Morro do Macaco, em Vitória	Polícia		Tabuazeiro, Vitória
Bazar atrai clientes e gera empregos	Economia/emprego		Jardim Camburi
Kombi que família usava para trabalhar é furtada	Polícia	Policia! Civil	Vila Nova, Vila Velha
Adolescente de 15 anos detido após roubar mulher em Vila Velha	Polícia		Itapuã, Vila Velha
Golpe: Jovem é preso depois de transferir dinheiro de vítima para a própria conta	Polícia		Enseada do Suá, Vitória
Modelo de fuzil usado pela PM é apreendido em Morro de Vitória	Polícia		Morro de São Benedito, Vitória
Tiros e foguetório no Morro de Macaco. Polícia promete ações	Polícia	Policia! Militar	Morro do Macaco, Vitória

Apêndice C – Entrevista com Marcela Lage, editora do *Balanço Geral Espírito Santo*.

1. Como você define a linha editorial do jornal?

Policial e prestação de serviço.

2. Qual o perfil do público do telejornal?

Grande parte mulher e classe C.

3. Qual o tamanho da equipe envolvida na preparação do telejornal? Quantos repórteres? produtores e pauteiros?

Somos uma Redação Integrada. Então, indiretamente todos trabalham para produzir conteúdo e apurar informações para toda a Rede. Somos em 90 colaboradores.

4. Em média, quantas pautas são feitas por equipe externa por dia?

Por estratégia, não divulgamos esse tipo de informação.

5. O fator distância entra no critério de produção da matéria?

Não.

6. Existe uma dificuldade em realizar reportagens?

Não é o tempo que define o grau de dificuldade. A definição de tempo é baseada no que se espera da reportagem.

7. Qual a orientação para tratar o jovem como fonte?

Para os menores de idade, a orientação é respeitar o ECA. Os demais preservamos a integridade como ser humano.

8. Nas matérias de violência, vocês identificam casas de familiares/vítimas e familiares?

De modo geral, não. A não ser que o caso seja explícito.

9. Há orientação para os comentários dos apresentadores ou repórteres?

Sim.

10. Como é feita essa orientação?

Comentários devem respeitar todos os lados envolvidos na história, sem fazer juízo de valor do indivíduo.

Apêndice D – Entrevista com Rayssa Bringhenti, editora do *Ronda Geral*.

1.Como você define a linha editorial do jornal?

O Ronda não tem uma linha definida. Nós diversificamos os assuntos, desde comunidade, redes sociais à policial.

2.Qual o perfil do público do telejornal?

O nosso público também é diversificado, mas o retorno que também é maioria entre crianças e donas de casa com idades não definidas.

3.Qual o tamanho da equipe envolvida na preparação do telejornal? Quantos repórteres? produtores e pauteiros?

Somos em 12 pessoas. Uma editora geral e editora responsável. Juntas aprovamos ou não os assuntos a serem exibidos no programa. Dois produtores. Dois repórteres. Dois cinegrafistas de externa. Um cinegrafista de estúdio. Dois editores de vídeo. Um estagiário. E o apresentador.

4. Em média, quantas pautas são feitas por equipe externa por dia?

Três no total. Duas pra equipe da manhã e uma pra equipe da tarde.Ou vice-versa!

5.O fator distância entra no critério de produção da matéria?

Com certeza. Por sermos uma equipe relativamente reduzida, priorizamos o que for mais perto. Mas, em casos extremos, podemos sim nos deslocar para cidades próximas. Mas em casos extremos! A prioridade mesmo é a Grande Vitória.

6.Existe uma dificuldade em realizar reportagens?

Não. As pautas são bem pensadas justamente pra não acontecer imprevistos. Em alguns casos, fazemos em dois dias, se houver necessidade.

7.Qual a orientação para tratar o jovem como fonte?

Na verdade não tem orientação pra essa faixa etária. Apenas há determinações no caso de crianças e/ou adolescentes.

8.Nas matérias de violência, vocês identificam casas de familiares/vítimas e familiares?

Há um acordo feito entre o repórter e os entrevistados/envolvidos na reportagem. Se houver um pedido de não identificação, respeitamos e assim o fazemos.

9.Há orientação para os comentários dos apresentadores ou repórteres?

Sim.

10.Como é feita essa orientação?

Diariamente conversamos entre nós. A partir daí rendem boas ideias. Seja de comentário do apresentador ou texto do repórter.

Jornalismo se faz em equipe.